UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq)

Claudia Ribeiro Campos Gradim

PRÁTICAS BALNEÁRIAS NO EGITO ROMANO
Tradição grega, inovação romana e originalidade egípcia

São Paulo
2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

L.A.R.P.

LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA
ROMANA PROVINCIAL

Claudia Ribeiro Campos Gradim

PRÁTICAS BALNEÁRIAS NO EGITO ROMANO

Tradição grega, inovação romana e originalidade egípcia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (PPGARq), do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP, sob a orientação do Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

**São Paulo
2019**

Autorizo a reprodução e divulgação integral ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ribeiro Campos Gradim, Claudia
Práticas Balneárias no Egito Romano: tradição grega, inovação romana e originalidade egípcia / Claudia Ribeiro Campos Gradim; orientador Prof. Dr. Wagner Carvalheiro Porto. -- São Paulo, 2019. 129 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Egito Romano. 2. Banhos públicos. 3. Trocas culturais. 4. Identidades locais. I. Carvalheiro Porto, Prof. Dr. Wagner, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - C#B-8/7681

Claudia Ribeiro Campos Gradim

PRÁTICAS BALNEÁRIAS NO EGITO ROMANO
Tradição grega, inovação romana e originalidade egípcia

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/ USP, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Data da aprovação: 15/02/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto (Orientador)
Doutor em Arqueologia
Universidade de São Paulo – MAE/USP

Dra. Irmina Doneux Santos
Doutora em Arqueologia
Universidade de São Paulo – MAE/USP

Dr. Cássio de Araújo Duarte
Doutor em Arqueologia
Universidade de São Paulo – MAE/USP

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar os banhos e as práticas balneárias públicas no Egito do século I a.C. ao século VI d.C., procurando detectar que modificações foram introduzidas pelo conquistador romano. Este contingente trouxe consigo hábitos culturais consolidados durante séculos em que estabeleceu suas próprias práticas e desenvolveu técnicas construtivas e inovações tecnológicas, fruto de influências variadas e iniciativas locais resultantes de sua expansão colonial. Ao se estabelecerem no Egito anexado como província, os romanos encontraram uma cultura balneária solidamente enraizada, tão ou mais antiga que a sua, em consequência da conquista macedônica trezentos anos antes. O que vemos nos séculos seguintes é um movimento contínuo de manutenções e rupturas, em que uma população crescentemente “romanizada” adotou e descartou seletivamente práticas, feições e inovações técnicas, enquanto manteve hábitos tradicionais. Os edifícios balneários no Egito revelam que algumas destas práticas perduraram em seu território por mais tempo do que em qualquer outra província, e materializam escolhas feitas a nível local. Pretendemos demonstrar como, em sua arquitetura e em suas formas de banhar-se, os numerosos banhos públicos no Egito configuram uma prática cotidiana generalizada, amplamente adotada por uma população multiétnica e socialmente heterogênea, que contribuiu para lhes dar as feições híbridas que os distinguem, e que culminaram na geração de um modelo regional original e único.

Palavras-chave: Egito Romano; Banhos públicos; Termas; Trocas culturais; Identidades locais

BATHING PRACTICES IN ROMAN EGYPT

Greek tradition, Roman innovation and Egyptian originality

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate baths and bathing practices in Egypt from the 1st century BC to the 6th century AD, in order to determine which changes were introduced by the Roman conquerors. The Romans brought with them cultural habits formed over centuries, during which time they developed their own practices, building techniques and technological innovations, developed further during their colonial expansion. When they annexed Egypt, they encountered a solidly rooted bathing culture of similar or greater antiquity to their own, established following the Macedonian conquest three hundred years earlier. The picture which emerges over the following centuries is one of a constant movement of continuity and rupture, whereby the increasingly “Romanised” population selectively adopted and discarded practices, features and technical improvements, while retaining traditional habits. Egyptian baths show that some of these practices were kept alive on that territory far longer than on any other province, embodying choices made locally. We propose to demonstrate how - in their architecture and bathing forms - the numerous public baths of Egypt translate a generalised everyday practice, amply adopted by a multi-ethnic and socially heterogeneous population, who contributed towards the hybrid features which distinguish them, and which ultimately generated an original and unique regional model.

Keywords: Roman Egypt; Public baths; *Thermae*; Cultural exchange; Local identities

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio constante, pela compreensão, e pela companhia em incontáveis visitas a sítios arqueológicos, com um mínimo de protestos e o máximo de animação. Marcelo, primeiro e maior apoiador deste projeto, Carolina, Rodrigo, Eduardo e Felipe, meus revisores e consultores para os mistérios da informática;

Ao LARP (Laboratório de Arqueologia Romana Provincial), que me acolheu como pesquisadora e me deu o suporte acadêmico para desenvolver este trabalho;

Ao Prof. Dr. Vagner Carneiro Porto, infatigável na sua tarefa de orientar, ensinar e estimular, sempre com um grande sorriso e muito entusiasmo, em todas as etapas do processo;

À Prof^a. Dra. Camila Diogo de Souza, por suas críticas e sugestões, e mais do que tudo, pelo seu carinho e paciência na elaboração desta dissertação;

A todos os meus professores e colegas do Mestrado, cada qual à sua maneira contribuindo e enriquecendo com seu conhecimento a minha trajetória;

A Gladys Mary Santos Sales, mestra, exemplo e amiga, por toda a sua inestimável ajuda ao longo destes anos;

Ao pessoal da Biblioteca, de maneira especial a Hélio Rosa de Miranda, por sua presteza e boa vontade em localizar referências obscuras e autores misteriosos;

Aos meus guias no Egito, Ramez Salama, em Karnak e Al Zahraa Adel Awed, em Alexandria, sempre prontos a convencer guardas e inspetores de que eu não era um perigo público, possibilitando meu acesso a áreas fechadas dos sítios visitados e atuando como intérpretes, compartilhando generosamente seu saber e seu amor pelo Egito;

Ao Dr. Lawrence Owens, por sua incansável disposição para esquadrihar arquivos em museus e bibliotecas na Europa para que nada faltasse na minha bibliografia;

A Bérangère Redon do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) e do IFAO (*Institut Français d'Archéologie Orientale*), pesquisadora e autoridade máxima em Práticas Balneárias no Egito, que gentilmente me enviou referências de sua própria autoria e de seus colegas;

À EES (*Egypt Exploration Society*), na pessoa de seu diretor-presidente Dr. Cédric Gobeil, que com grande generosidade disponibilizou seus arquivos, seu acervo e sua rede de contatos acadêmicos.

Muito obrigada. Eu não teria chegado até aqui sem os esforços de todos vocês.

“Um edifício ganha sentido através das pessoas que o usam e das atividade que elas desempenham ali; as pessoas compreendem suas vidas, e quem são, através de suas atividades diárias.”

Louise Revell, 2009

LISTA DE FIGURAS

	Pág.
Figura 1 Distribuição dos banhos gregos no território egípcio	29
Figura 2 Planta típica hipotética de um banho greco-egípcio no Egito no período ptolomaico inicial	32
Figura 3 Plantas de alguns banhos ptolomaicos no Egito	33/34
Figura 4 Karnak: banhos ptolomaicos com simulação dos revestimentos	34
Figura 5 Karnak: <i>thóloi</i> e <i>pyeloi</i> dos banhos ptolomaicos	35
Figura 6 Banhistas no <i>louterion</i> com estrigilo	36
Figura 7 Menino etrusco com estrigilo, séc. V a.C.	37
Figura 8 Conjunto de estrigilos e frasco de óleo	37
Figura 9 A Representação de um banhista	38
Figura 9 B Taposiris Magna: <i>pyeloi</i> e nichos	38
Figura 10 A, 10 B e 10 C Banheiras de imersão individuais: Athribis, Taposiris Magna e Theadelphia	40
Figura 11 O Império Romano no século II – Localização dos banhos	43
Figura 12 Banhos romanos no Egito	44
Figura 13 Reconstituição da provável aparência das Termas de Caracala	45
Figura 14 Ilustração da provável aparência do interior das Termas de Diocleciano	46
Figura 15 Esquema de um hipocausto	47
Figura 16 Hipocausto de uma <i>villa</i> romana em Vieux-la-Romaine, França	47
Figura 17 Plantas de alguns banhos imperiais no Norte da África	49/50
Figura 18 Banho romano de Karnak	52
Figura 19 Desenho detalhado dos vestígios do banho de Karnak	52
Figura 20 Mapa das regiões do Delta e do Fayum com os 4 sítios estudados	54
Figura 21 Buto – Implantação dos banhos no sítio - Mapa aéreo	64
Figura 22 Buto – Planta topográfica da cidade antiga com localização dos banhos públicos, Banho Norte no destaque	65
Figura 23 A Buto – Banho Norte – o 1º estágio no registro de escavação de 1969	66
Figura 23 B Buto – Banho Norte – o 2º estágio no registro de escavação de 1969	66
Figura 24 Buto – Banho Norte – Planta proposta por Redon - 1º estágio	67
Figura 25 Buto – Banho Norte - Planta proposta por Redon - 2º estágio	68
Figura 26 Buto – O 3º estágio conforme registrado pela missão de 1969	69
Figura 27 Buto - Superposição dos três estágios ainda conforme o registro da missão inglesa – estado em que se encontrava o sítio em 1969	70
Figura 28 Buto - Banho Norte - Planta proposta por Redon - 3º estágio	71
Figura 29 Buto – Vista atual do Banho Norte	72
Figura 30 Buto - Vista NE do Banho Norte em 2009	72
Figura 31 Buto - Banho Norte - Escavação de 1969 – hipocausto do período romano, hoje desaparecido	73

Figura 32 Buto – Banho Norte – 2º estágio. Em primeiro plano a sala da banheira, em segundo a latrina	73
Figura 33 Buto – Banho Norte - Escavação de 1969 – os <i>pyeloi</i> do 1º estágio	74
Figura 34 A Buto – Banho Norte - Vestígios dos dois <i>thóloi</i>	74
Figura 34 B Buto - Banho Norte - Banheira do estágio romano	75
Figura 34 C Buto – Banho Norte - Banheira do estágio romano	75
Figura 35 A Buto – Banho Norte - Decoração da parede do aposento 7 do 1º estágio	76
Figura 35 B Buto – Banho Norte - Decoração do piso do corredor 9 do 1º estágio	76
Figura 35 C Buto – Banho Norte - Decoração do piso do corredor 3 do 1º estágio	76
Figura 35 D Buto – Banho Norte - Decoração das paredes do 3º estágio	76
Figura 36 Crocodilópolis – Implantação dos banhos no sítio	79
Figura 37 Crocodilópolis – Serapeion – planta proposta por Trümper	80
Figura 38 Crocodilópolis – Serapeion – planta proposta por Fournet e Redon	81
Figura 39 Crocodilópolis – Serapeion – Vista do sítio em 1964	82
Figura 40 Crocodilópolis – Serapeion – Vista parcial do sítio em 1964	83
Figura 41 Crocodilópolis – Serapeion – Banheiras do caldário (salas E e H)	84
Figura 42 Crocodilópolis – Serapeion – Caldeira entre o lacônico e o caldário	84
Figura 43 Crocodilópolis – Serapeion – <i>Thóloi</i> 1 e 2	85
Figura 44 Crocodilópolis – Serapeion – Os 2 <i>thóloi</i> do “lacônico”, caldário e caldeira central	85
Figura 45 Crocodilópolis – Serapeion – “Lacônico” e parte do <i>elaiiothesion</i>	86
Figura 46 Karanis – Implantação do Banho Norte no sítio	90
Figura 47 Karanis – Banho Norte - Planta proposta por Nielsen	91
Figura 48 A Karanis – Banho Norte - Planta dos ambientes proposta por Castel	92
Figura 48 B Karanis – Banho Norte - Planta do hipocausto proposta por Castel	92
Figura 49 Karanis – Banho Norte - Planta proposta por Fournet, Redon e Vanpeene	93
Figura 50 Karanis – Banho Norte - Perspectiva axonométrica	94
Figura 51 A Karanis – Banho Norte – Vista geral dos banhos SE/NO em 1975	95
Figura 51 B Karanis – Banho Norte – Vista geral dos banhos NO/SE em 1975	95
Figura 52 Karanis - Vista geral da cidade de Karanis em 2006	96
Figura 53 Karanis – Banho Norte - Entrada do banho: apoditério com degraus à esquerda	96
Figura 54 Karanis – Banho Norte - Apoditério, parede S, em 1975	97
Figura 55 Karanis – Banho Norte - Apoditério, vista a partir do frigidário em 2006	97
Figura 56 Karanis – Banho Norte - Frigidário em 1975, alcova com meia-cúpula decorada sobre a banheira	98
Figura 57 Karanis – Banho Norte - Frigidário, meia-cúpula e banheira após restauro, 2006	98
Figura 58 Karanis – Banho Norte - Decoração da meia-cúpula do frigidário, 2006	99
Figura 59 Karanis - Banho Norte - Decoração da meia-cúpula do frigidário reconstituída	99
Figura 60 Karanis – Banho Norte - Vista atual do apoditério, frigidário e a chicane do 2º estágio	100
Figura 61 Karanis – Banho Norte - Tepidário, parede N e cúpula, em 1975	100
Figura 62 Karanis – Banho Norte - Lacônico, piso e apoio dos bancos, em 1975	101

Figura 63 Karanis – Banho Norte - Lacônico, ângulo NE com nicho, saída de ar quente e porta do caldário, 2006	101
Figura 64 A Karanis – Banho Norte - Caldário, com sua banheira, 2006	102
Figura 64 B Karanis – Banho Norte - Banheira do caldário	102
Figura 65 Karanis - Banho Norte - Estruturas de aquecimento: caldeira e cisterna, vista NE/SO, 1975	103
Figura 66 Karanis - Banho Norte - Estruturas de aquecimento, aspecto atual	103
Figura 67 Kom el-Dikka – Implantação do sítio na malha urbana de Alexandria	107
Figura 68 Kom el-Dikka – Implantação das Termas no sítio	108
Figura 69 Kom el-Dikka – Planta da 1ª fase dos banhos	109
Figura 70 A Kom el-Dikka (última fase) – Planta proposta por Kołataj	110
Figura 70 B Kom el-Dikka (última fase) – Planta proposta por Kołataj	110
Figura 71 Kom el-Dikka - Vista geral dos banhos	111
Figura 72 Kom el-Dikka - Vista geral dos banhos	112
Figura 73 Kom el-Dikka – Fachada Sul, conservada, com áreas subterrâneas expostas	112
Figura 74 Kom el-Dikka – Arco de sustentação do portão Sul sobre corredor subterrâneo de serviços restaurado. No alto à direita, as colunas do pórtico restauradas	113
Figura 75 Kom el-Dikka – Piscina do caldário construída no recesso da parede	113
Figura 76 Kom el-Dikka – Piscina aquecida do frigidário com duto de ar quente ligado ao destrictário	114
Figura 77 A e B Kom el-Dikka - Piscina fria revestida de mármore no frigidário, conservada	114
Figura 78 Kom el-Dikka – Banheira dentro do frigidário, restaurada	115
Figura 79 Kom el-Dikka – Pequena piscina oval do frigidário, restaurada	115
Figura 80 Kom el-Dikka – Apoditério, conservado	116
Figura 81 Kom el-Dikka – Frigidário	116
Figura 82 Provável itinerário do banhista no estágio final do Banho norte de Buto	123
Figura 83 A Banheira romana, Museu Greco-romano, Alexandria	132
Figura 83 B Banheira romana, sítio arqueológico de Kom el-Dikka	133
Figura 84 A Kom el-Dikka - Provável itinerário da 1ª fase	137
Figura 84 B Kom el-Dikka - Provável itinerário da 3ª fase	137
Figura 85 Perspectiva axonométrica e piscinas da 3ª fase de Kom el-Dikka	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS ACADÊMICAS NO CAMPO DAS PRÁTICAS BALNEÁRIAS NO EGITO	21
CAPÍTULO 2: A CULTURA BALNEÁRIA PRATICADA NO EGITO ANTES E DEPOIS DA CONQUISTA ROMANA	27
2.1 O Período Ptolomaico	27
2.1.1 Características Arquitetônicas dos Banhos Greco-egípcios	32
2.2 O Período romano	41
CAPÍTULO 3: PERCURSO DA PESQUISA E METODOLOGIA UTILIZADA	54
CAPÍTULO 4: REPERTÓRIO DOS BANHOS INVESTIGADOS	61
CAPÍTULO 5: ANÁLISE DOS ACHADOS	117
5.1 Buto	118
5.2 Crocodilópolis	125
5.3 Karanis	130
5.4 Kom el-Dikka	136
5.5 Síntese do Corpus Analisado	141
5.6 Considerações Adicionais	141
CONCLUSÃO	146
GLOSSÁRIO	149
REFERÊNCIAS	153

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo a análise das práticas balneárias no Egito sob a dominação romana, entre os séculos I a.C. e VI d.C., expressas em permanências e rupturas na arquitetura e nas práticas dos banhos públicos, tanto em relação aos períodos anteriores ao nosso recorte quanto a outras províncias romanas no mesmo período. Como objetivo geral, pretendemos difundir no Brasil o campo da cultura balneária e dos banhos públicos no Egito, ainda pouco estudado. Como objetivo específico, pretendemos demonstrar que tais práticas trilharam no Egito provincial um caminho próprio, singular, fruto das escolhas locais face a três culturas distintas, postas em contato num contexto de dominação política. Pretendemos estudar o que as estruturas encontradas podem nos revelar sobre a interação e as trocas culturais que ali se construíam entre populações locais e romanos, que práticas de banhos preexistentes são relatadas e em que medida variavam conforme sua localização.

Nosso objeto de estudo específico são os edifícios balneários públicos¹ egípcios das regiões do Delta e do Fayum, dos quais selecionamos quatro - Buto e Kom el-Dikka no Delta, e Karanis e Crocodilópolis, no Fayum – para uma análise mais aprofundada. Essa escolha baseou-se na disponibilidade de material disponível para estudo, bem como na representatividade das características encontradas nestes quatro banhos em relação ao conjunto presente no Egito.

A presente pesquisa se insere na tradição brasileira de estudos de Arqueologia Romana, iniciados a partir dos anos 60 do século passado. Em consonância com as linhas de estudos desenvolvidas pela comunidade acadêmica internacional, capitaneadas principalmente por Mattingly (1996), Hingley (2000) e Woolf (1994, 1998, 2003), acadêmicos e equipes de campo brasileiras têm tido uma presença crescente em estudos publicados, participação em escavações em sítios greco-romanos em torno do Mediterrâneo, e na divulgação da Arqueologia Clássica no Brasil. Com cunho fortemente pós-colonial e pós-processualista conforme conceituado por Hodder (1985) e seus seguidores, tais estudos refletem uma importante expansão deste campo entre nós, principalmente a partir do final dos anos 1990 (FLEMING, 2001; FUNARI, 2005, 2006, 2008b; GUARINELLO, 1994, 1995, 2005, 2006).

¹ Por “públicos” queremos aqui designar banhos abertos à frequência pública. Não trataremos a questão da propriedade dos banhos em profundidade neste trabalho. Sobre este tema, ver REDON, 2011, pp. 301-321; REDON; FAUCHER, 2014, pp. 835-855.

Sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming e do Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto, o Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP), filiado ao Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo, tem desenvolvido relevantes trabalhos na área de Arqueologia romana provincial, entre projetos de pesquisadores e envolvimento em escavações, em parceria com as Universidades de Durham, Tel Aviv, e Universidade Hebraica de Jerusalém (PORTO, 2009, 2013; BASTOS, 2011, 2016; ALMEIDA, 2015; MARTIRE, 2017; SALES, 2018, dentre outros).

Nossa pesquisa se alinha, portanto, a esta vertente, impulsionada por uma visão descolonizada e descentralizada dos movimentos sociais, das escolhas e dos atores envolvidos nos processos de conquista e das trocas culturais deles resultantes.

Por sua natureza de prática cotidiana, os banhos ocupam um lugar privilegiado na matriz cultural romana por várias razões, entre as quais podemos enumerar a longa duração no tempo (com muita variabilidade, mas sem interrupções), a vasta distribuição no espaço, a fartura de vestígios materiais encontrados, estudados e documentados, e finalmente a posição destacada que ostentam como palco de trocas, interações sociais e construção de identidades nas sociedades provinciais.

Quando os romanos anexaram o Egito em 30 a.C. encontraram aí já instalada uma sólida tradição de práticas balneárias públicas. O modelo predominante e largamente difundido era o helenístico, que conheceu nos três séculos da era ptolomaica uma forte popularidade, com rápida difusão não apenas na área em torno da capital Alexandria, mas por regiões bastante distantes de seu território, como Karnak, na Tebaida (BROISE, 2009). Inicialmente importado pelos conquistadores macedônicos, foi adotado primeiro pelas elites egípcias locais, e mais tarde popularizou-se entre quase todas as camadas da população.

Na metrópole romana, na Península Itálica, e em grande parte dos territórios conquistados que viriam a formar o futuro império, a cultura dos banhos públicos já era então inteiramente consolidada. Originalmente ligado à higiene e à saúde, com sólida tradição entre as classes rurais na Itália, o banho ao longo do tempo foi se transformando em atividade coletiva, pública, social e urbana. Referências aos banhos nos chegam das mais variadas fontes: Hipócrates no século V a.C. já prescrevia curas e tratamentos à base de banhos, ora frios, ora mornos, ora quentes e em ordem específica, dependendo do mal a ser tratado. Plauto (254-184 a.C.) faz menção frequente à atividade como algo cotidiano em várias de suas peças de teatro. Encontramos também em Políbio (200-118 a.C.), no Livro 26 de suas *Histórias*, um episódio relatando a visita aos banhos do rei selêucida Antíoco IV Epifânio. Catulo (84 a.C.) descreve

incidentes com ladrões dentro dos banhos em seu poema 33. Marcial inclui banhos e banhistas com frequência em seus epigramas do século I. Tácito (55-120 d.C.) alerta contra hábitos que predisõem ao vício, e conta o banho dentre eles. Cícero, Sêneca e Plínio multiplicam os exemplos em suas obras, que em conjunto servem para ilustrar a que ponto tais práticas se entrelaçavam no tecido social e cultural romano ao longo deste tempo.

A partir do século II a.C. o banho público ganhou crescente popularidade, ao mesmo tempo gerando e se beneficiando de inovações técnicas e arquitetônicas. Paralelamente, observamos uma evolução no caráter desta prática, que vai se distanciando cada vez mais de seu aspecto medicinal e curativo, para se tornar crescentemente social, recreativo e com forte ênfase no lazer e no relaxamento. As construções se multiplicam e se sofisticam e os banhos adquirem seu caráter de ponto central do dia, onde além de se banhar, os clientes comem, bebem, conversam, brigam, trocam notícias e fazem política, ao menos entre uma elite urbana e próspera. Devemos destacar, entretanto, que o hábito era igualmente arraigado entre as classes mais baixas, ainda que estas devessem frequentar estabelecimentos mais simples, e incorrendo em menos despesas secundárias relacionadas ao banho, como por exemplo o uso de óleos e perfumes exóticos (NIELSEN, 1993; REDON, 2009, 2015; FAGAN, 2013).

Também são relatadas práticas mágicas, inclusive no Egito, a serem executadas nas partes mais quentes dos banhos para obter melhor efeito. Esta é uma continuidade da tradição de sortilégios de todo tipo desde o período faraônico, agora adaptado ao ambiente dos banhos, propícios, posto que congregam água e fogo, elementos ligados a divindades ctônicas e deuses tradicionalmente associados ao submundo. Inúmeros papiros ditos “mágicos” mencionam especificamente o **hipocausto**² como o local a depositar o amuleto ou o feitiço (GINOUVÈS, 1962, p. 205).

É nesta interseção entre duas culturas de tradições consolidadas, submetidas à tensão previsível entre conquistadores e conquistados, poder e submissão, que os banhos nos aparecem como um objeto de estudo dotado de inúmeras possibilidades de investigação que nos levem a compreender melhor como se travou esta relação, sem esquecer que o processo se desenrolou no seio de uma terceira cultura, com raízes milenares e práticas distintas. Queremos investigar que influências foram sofridas, em que grau e ritmo as populações de origem macedônica e as elites egípcias helenizadas “romanizaram-se” em suas práticas balneárias, ou se os romanos é que por sua vez adotaram práticas gregas, e que heranças propriamente egípcias ainda podiam ser percebidas neste espaço social.

² Parte mais quente do edifício. Cf. Glossário

Nossa abordagem se insere na perspectiva dos estudos pós-coloniais, que promoveram uma radical mudança na percepção dos processos sociais, culturais e políticos ocorridos em sociedades coloniais. Estabelecida a partir dos anos 70 do século passado, esta corrente propõe deslocar o eixo das análises históricas das sociedades coloniais do que seria uma visão eurocêntrica, “civilizadora”, “de cima para baixo”, do “centro” para a “periferia”, para um olhar mais abrangente e matizado, a partir do “outro”.

Segundo esta corrente, defendida principalmente por Homi Bhabha e Edward Said, os legados do imperialismo europeu em suas manifestações políticas, materiais, culturais, econômicas e linguísticas adquirem um significado múltiplo e dinâmico, onde todos os atores envolvidos participam e elaboram comportamentos e respostas ao domínio colonial, no caso dos colonizados, e ao contato com o nativo submetido, no caso dos colonizadores. Passam a ser questionados raciocínios e conceitos que legitimam e justificam a conquista militar de outros povos - um traço que caracterizara a historiografia e os estudos sociais em geral dos séculos precedentes. Percebe-se que o conquistador não se mantém estanque, é permeável à cultura que encontra, e que o conquistado manifesta não uma aceitação passiva e agradecida da nova ordem imposta, supostamente superior e desejável, mas sim comportamentos que evidenciam resistência, conflito e negociação. Tem lugar um processo conhecido por “emaranhamento”, conceito elaborado por Stockhammer (2012), que embasa nossa pesquisa. Resumidamente, emaranhamento (“*entanglement*”) define o processo pelo qual duas entidades com características éticas distintas se encontram, se percebem como diferentes e dão início a um processo de apropriação, incorporação e transformação de objetos e práticas culturais pertencentes ao “outro” (emaranhamento relacional), ou iniciam um processo criativo em que os objetos “importados” sofrem modificações em sua própria materialidade (morfologia, decoração, matéria-prima por exemplo) tomadas emprestadas do grupo estranho. “*É mais do que apenas a soma das entidades onde se originam. É uma combinação indissolúvel de todos[os elementos] – uma “Geflecht”³ cultural – e poderia ser vista como uma nova entidade*” (STOCKHAMMER, 2012, p. 51).

Esta pesquisa também se apoia no conceito de agência, elaborado por Anthony Giddens dentro da sua teoria estruturalista em 1984, que permitiu novas abordagens a partir das quais o papel ativo do indivíduo passa a fazer parte das explicações arqueológicas, e suas escolhas e atividades formam uma importante mola que impulsiona tanto anomalias quanto padrões no registro arqueológico. Ao introduzir a abordagem a partir da agência, a interpretação se abre

³ Malha, rede, entrelaçamento, tecedura

para analisar e incluir aspectos outrora negligenciados, como os culturais, simbólicos, cognitivos e rituais. Giddens defende que estrutura social e vidas individuais não devem ser vistos como elementos dicotômicos, mas sim como formando uma dualidade, cada um ao mesmo tempo a pré-condição e o resultado do outro (GIDDENS, 1984, p. 25). Não podem ser separados, posto que são mutuamente dependentes: estruturas sociais são a sustentação física para os agentes sociais e suas ações, fornecendo um espectro de comportamentos apropriados para as atividades diárias. Estas, por sua vez, rotineiramente vividas e repetidas reproduzem as estruturas sociais e em última análise, os próprios sistemas sociais.

Se é verdade que as estruturas sociais do Império Romano mantinham coesas as variadas populações que o compunham, também é verdade que a experiência individual teve um papel fundamental na manutenção deste. Isto não quer dizer que todas as populações se integravam no mesmo grau e ao mesmo ritmo ao longo dos séculos, mas é inquestionável que elas compartilhavam alguma medida comum, alguma ideia comum do que era “ser romano”. Esta é uma questão importante do nosso trabalho: que ideia compartilhada era essa, e que práticas cotidianas, no caso específico desta pesquisa, dentro e em torno dos banhos, tornavam essa ideia possível.

Nossa premissa, baseada entre outros autores nas proposições de Revell (2009), é que “ser romano” é um discurso, em construção e encenação permanentes, em que as mencionadas práticas cotidianas desempenham uma função chave, pois é através delas que os provinciais se constroem, se reconhecem, se identificam e se diferenciam, a si próprios e aos outros.

Muito já foi dito a respeito da capacidade de manutenção do império se dever mais à cooptação das elites dominadas do que à ocupação propriamente militar por períodos muito longos. Para Millett, “*o motor da romanização pode ser visto como internamente acionado, mais do que externamente imposto*”. (MILLETT, 1990, p. 38). Mecanismos de reprodução social, elaboração de identidade e poder entrariam assim em funcionamento, com a adoção maciça da cultura material metropolitana, ampliando a participação e a dependência de contingentes imensos de pessoas no sistema imperial.

Desta forma, vemos que não são mais aceitas narrativas simplistas e dicotômicas, baseadas em dualidades superadas do tipo metrópole/colônia, elite/plebe ou nativo/romano, expressas em blocos monolíticos de comportamentos e cultura material. A nova direção dos estudos permite ampliar e matizar a análise, enxergando todos os atores que participam do processo e suas possíveis motivações reais.

Dentre as práticas culturais romanas, os banhos encarnam uma multiplicidade de aspectos expressivos do contato colonial. Portanto, importa-nos tentar evidenciar, através do estudo do nosso material, como se constituíam, negociavam, enxergavam, manipulavam e recompunham em novas bases as identidades dos atores sociais que os frequentavam. Como propõe Jones, interessa-nos examinar

(...) as maneiras como processos sociais e culturais se entrecruzam na identificação e interação de grupos que se diferenciam ou são diferenciados por outros grupos com os quais interagem ou coexistem, baseados nas suas percepções de diferenciação cultural e/ou descendência comum. Isto envolve aspectos de identidade individual, decorrentes da autoconceituação de cada pessoa, que é, também ela, uma função da identificação com um grupo mais amplo. A adoção de elementos da cultura material romana ainda é vista, ao menos implicitamente, como um reflexo da identificação com o Império Romano. Houve muito poucas tentativas de se explorar criticamente a relação entre variação cultural e identidade étnica. (JONES, 1997, p. 36).

A cultura material contribui para a formulação da etnicidade ao mesmo tempo em que é estruturada por ela. Está implicada no seu reconhecimento e na sua expressão. Traços são mantidos e outros são suprimidos, e estas escolhas não são arbitrárias. Correspondem a uma agenda consciente e inconsciente dos atores no processo, tal qual defende Giddens. E a arquitetura dos edifícios balneários, objeto principal de nossa análise, está plenamente inserida neste movimento. As modificações nas plantas, nos materiais e estruturas primeiramente helenísticas e em seguida propriamente romanas ao longo do tempo, com a adoção de elementos locais egípcios ocasionais, permitem construir uma narrativa ilustrativa das mudanças culturais. Yegül, um autor fundamental para nós, afirma:

Banhos são vistos não apenas como a casca toscamente construída para uma atividade puramente funcional. Ao contrário, eles representam uma instituição social popular, que oferece inúmeras indicações de sofisticação incomum, de costumes e crenças antigas. Visões novas e até controversas são possíveis através de uma investigação cuidadosa e criativa da grande variedade de material epigráfico, literário, arqueológico e iconográfico. (YEGÜL, 1992, p.viii).

Mattingly (1996) argumenta que a arqueologia tem o poder de dar voz às narrativas frequentemente silenciosas das não-elites, através de uma abordagem teórica da evidência arqueológica que lê o material como um texto. “*Estou interessado em maneiras como a adoção do estilo romanizado também facilitou a continuação das tradições nativas*”. (MATTINGLY, apud SCOTT; WEBSTER, 2003, p.154). Pretendemos demonstrar que os edifícios balneários

no Egito romano, em sua imensa maioria, não seguiram a norma mais ou menos generalizada para o resto do império, de materializar a pujança e o poderio militar, técnico e econômico de Roma através de construções monumentais, portadoras da mensagem visual garantidora de seu reconhecimento. Com a exceção das grandes termas imperiais de Kom el-Dikka, e talvez em menor escala os banhos romanos de Karnak, não foram encontrados no Egito grandes edifícios balneários que se prestassem ao louvor da grandeza do império e do imperador, através da opulência e da monumentalidade atestadas em construções de outras províncias da mesma época. As referências que temos deste tipo de construção são documentais, não verificáveis por ora no registro arqueológico. A enorme maioria dos banhos encontrados, ainda que incorporassem inovações trazidas pelos contingentes romanos, mantiveram um caráter mais funcional e modesto que suas contrapartes em outras províncias, guardando características herdadas, testadas e aprovadas de outras culturas anteriormente estabelecidas no território egípcio, através de escolhas feitas localmente. Apoiados no padrão detectado no material aqui analisado, postulamos que a população do Egito sob a dominação romana, multiétnica e multicultural, desenvolveu um modelo regional de práticas balneárias próprio e único, caracterizando um emaranhamento cultural traduzido em seus banhos.

Observamos ao longo das leituras feitas para a confecção desta dissertação que a designação do edifício balneário como “termas” ou “banhos” é um problema terminológico. Assim sendo, optamos pela denominação “banhos” em função de a bibliografia não apresentar uma coerência conceitual a este respeito. Quer consideremos as fontes primárias romanas, quer as fontes históricas posteriores, reina uma enorme confusão a respeito dos termos, desde sua origem. “*Thermae*”, “*balnea*”, “*balinea*” e “*balneum*” foram usados indistintamente para designar um mesmo edifício, diferentes partes de um mesmo edifício, por um ou mais autores, em momentos distintos, e também ao mesmo tempo (FAGAN, 2013, pp. 14-19). Autores mais recentes tentaram propor uma unificação terminológica a partir de critérios variando entre tamanho, monumentalidade, aquecimento da água ou cronologia, mas sem sucesso. O mais próximo de um consenso que temos, ainda assim cauteloso, é a restrição do termo “termas” aos edifícios datados do período imperial, dotados de aquecimento por hipocausto, e seguindo uma planta específica, monumental e simétrica. “Banhos” são, portanto, a designação genérica que utilizaremos neste trabalho.

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: a **Introdução** - apresenta os objetivos, o objeto de estudo, os conceitos que a embasam e a hipótese que propomos. O **Capítulo 1: O estado da arte das pesquisas acadêmicas no campo das práticas balneárias**

no Egito - repertoria as publicações no campo específico dos banhos públicos no Egito dentro da produção dos principais centros acadêmicos do mundo, principalmente em língua inglesa e francesa para os últimos 30 anos, e que constituem nossa base bibliográfica. O **Capítulo 2: A cultura balneária praticada no Egito antes e depois da conquista romana** - traça um panorama sintético das práticas e dos edifícios presentes no território egípcio, dividido em dois períodos: *o período ptolomaico*, que vai desde a conquista de Alexandre da Macedônia em 332 a.C. até a chegada dos romanos, trezentos anos depois, e o *período romano*, que se estende, para os propósitos deste estudo, até o século VI da nossa era. Apresenta brevemente uma comparação entre os banhos do tipo romano e aqueles encontrados em outras províncias romanas norte-africanas, contemporâneos a eles. O **Capítulo 3: Percurso da pesquisa** - explicita a metodologia utilizada na confecção da dissertação. Neste capítulo, apresentamos os quatro banhos selecionados para análise aprofundada, definimos as categorias contidas em suas fichas catalográficas, enumeramos os critérios levados em conta para a inclusão das fotos, dos mapas e das plantas que compõem o banco de dados dos sítios, e por fim incluímos um mapa do Egito romano que situa as áreas e os banhos analisados dentro do seu território. O **Capítulo 4: Banco de dados dos sítios investigados** – é composto de: 1) fichas catalográficas dos quatro sítios investigados; 2) implantação dos sítios sob forma de mapas e fotos aéreas, 3) plantas arquitetônicas levantadas em bibliografia, e 4) fotografias de vistas gerais e detalhamento de estruturas, aposentos e feições. O **Capítulo 5: Análise e discussão dos resultados** – discute os resultados e propõe nossa hipótese central, trazendo na primeira parte uma análise de cada um dos sítios em sua especificidade e na segunda parte, discute o conjunto e aponta aquilo que compartilham e que os torna representativos do todo que se pretende estudar. Finalizamos com a **Conclusão**: sintetizamos as conclusões que o estudo permitiu e apontamos a relevância deste trabalho para a divulgação do campo das práticas balneárias no Egito romano no Brasil. E por fim, desenvolvemos um **Glossário**, que contém os termos técnicos utilizados **neste trabalho** referentes às práticas e aos edifícios balneários que não são necessariamente de conhecimento comum, entre termos gregos, latinos e portugueses, para facilitar a compreensão do texto.

CAPÍTULO 1

O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS ACADÊMICAS NO CAMPO DAS PRÁTICAS BALNEÁRIAS NO EGITO

O estudo das práticas balneárias na Antiguidade conheceu um forte impulso nos últimos 40 anos. A partir da descolonização da Arqueologia como disciplina, operada no bojo dos desdobramentos das teorias pós-processuais, os temas da etnicidade, identidade, alteridade e utilização de espaços públicos, gênero, mas sobretudo o entendimento da cultura material à luz de escolhas locais, permitiram que se explorassem diversos fenômenos e práticas culturais sob uma ótica descentralizada e descentralizante. Reconhecemos nas escolhas cotidianas a participação de todos os atores envolvidos e entendemos tais práticas e as estruturas criadas para torná-las possíveis como um rico acervo material a ser desvendado a fim de revelar como se davam as relações no interior das sociedades que as geraram.

Multiplicaram-se na academia os estudos de casos particulares, de especificidades locais e de sínteses diacrônicas, com o intuito de melhor conhecer as origens, as influências e a progressão técnica da prática dos banhos. Esses trabalhos com o tempo destinaram ao Egito um lugar especial dentro das tradições balneárias no mundo antigo. Isto se justifica por três motivos principais: a longa duração na escala cronológica destas práticas, o número generoso de vestígios encontrados em uma vasta extensão territorial, e as particularidades regionais intrigantes que seu corpus documental e material apresenta.

Ainda que quantitativamente bastante inferiores aos trabalhos sobre o Egito faraônico, as pesquisas com foco nos períodos ptolomaico e romano aparecem fortemente impulsionadas por novas descobertas, com novos sítios vindo à luz, e antigos documentos e relatos sendo revistos e reavaliados.

Seria impossível esgotar aqui o repertório de todos trabalhos publicados sobre a cultura e as práticas balneárias, ainda que nos ativéssemos apenas ao Egito. Portanto, citamos as obras mais importantes que nortearam este trabalho.

Roger Bagnall produziu uma síntese dos trabalhos para o Egito helenístico e romano entre os anos 1995-2000, publicada no **American Journal of Archaeology (AJA)** nº 105 em 2001. Nela ele lamenta o lugar secundário que historicamente estes períodos parecem ocupar nas preferências dos egiptólogos em relação a períodos mais recuados, mas já detecta uma

mudança positiva em curso. Em 2011, desta vez associado a Paola Davoli, Bagnall publica uma segunda síntese englobando os anos 2000-2009. Nesta, os autores saúdam a verdadeira revolução operada neste campo, com “*notável desenvolvimento, descobertas importantes e mudança significativa*” (BAGNALL; DAVOLI, **AJA** 115, 2011, p.103). Os artigos se dividem em áreas geográficas (Alexandria, Delta, Fayum, o Vale, e os Desertos) e cobrem as escavações realizadas, os estudos cerâmicos, *surveys* e os artigos e livros publicados, e indicam os periódicos onde podem ser encontrados os relatos de escavação mencionados. Os autores observam que a digitalização no mundo acadêmico na última década muito contribuiu para a agilização na disponibilização de dados tanto entre estudiosos quanto para o público em geral, e ainda incluem ao final do artigo uma copiosa bibliografia de autores e obras citadas. Todavia, trata-se de uma obra genérica, abordando todas as áreas em atividade no Egito, e não especificamente voltada para as práticas balneárias, ainda que os banhos figurem entre os achados mencionados e discutidos.

Em 2004, H. Manderscheid publicou **Ancient Baths and Bathing: a Bibliography for the Years 1988-2001**, no **Journal of Roman Archaeology (JRA)** *suppl.* 55. O volume se divide em seções dedicadas a práticas e banhos não-helênicos, gregos, romanos, judaicos, bizantinos e cristãos, e inclui livros, relatórios e artigos entre trabalhos gerais e específicos, por temas, mas não por áreas geográficas. Na seção dedicada aos banhos romanos, temos por exemplo obras listadas abordando arquitetura, tipologia, técnicas construtivas, aquecimento, costumes, circuitos, administração e aspectos religiosos, entre outros.

Um trabalho sistemático que agrupasse pesquisadores e estudos produzidos tendo como foco único as práticas balneárias no Egito através dos tempos ainda não havia sido tentado. Seria preciso aguardar a iniciativa do grupo de pesquisadores franceses que em 2006 criam o grupo **Balnéorient**. Seus fundadores – Marie-Françoise Boussac, Thibaud Fournet e Bérangère Redon – justificam seus objetivos e propõem uma estratégia de ação a partir da constatação desta lacuna, que consiste em promover, reunir e publicar estudos centrados especificamente na cultura balneária no Egito desde a Antiguidade até a época contemporânea. Para tal, reanalisam antigas bibliografias para as quais propõem novas leituras a partir de novos achados, bem como a descoberta e publicação permanente de novos edifícios balneários, e de seus aspectos particulares: técnicas decorativas, implantação na malha urbana, frequência, funcionamento e manutenção, combustíveis, aquecimento, tipologias e cronologias, entre outros temas. Como se vê, um programa extenso e ambicioso, que resultou em colóquios periódicos, inúmeros artigos publicados na forma impressa ou disponibilizados online, e que

culminou com a publicação de dois volumes: em 2009, **Le Bain Collectif en Égypte**, e em 2017, **Collective Baths in Egypt 2**. O primeiro volume inclui um glossário com termos relativos aos edifícios e às práticas balneárias e o segundo traz um catálogo sob a forma de fichas, mapas e plantas dos banhos encontrados em território egípcio.

Uma síntese em moldes semelhantes havia sido realizada para os banhos exclusivamente gregos por Sandra Lucore e Monica Trümper em 2013. O volume publicado, **Greek Baths and Bathing Culture – new discoveries and approaches**, contém capítulos que investigam variados aspectos dos banhos gregos, incluem o Egito entre as áreas pesquisadas, e um catálogo repertoriando os vestígios documentados até aquela data.

Para banhos romanos uma obra essencial é o livro de Inge Nielsen, **Thermae et Balnea**, em dois volumes, publicado em 1990 e reeditado em 1993, e referência até hoje. O volume 1 contém os textos, que exploram a evolução dos edifícios e das práticas balneárias em Roma e nas províncias – aí incluído o Egito - através dos séculos, recuando até suas possíveis origens gregas e outras influências. Na sua parte final traz um glossário com definições dos elementos individuais dos banhos. O segundo volume traz as ilustrações, os mapas e as plantas, constituindo um catálogo com uma proposta de tipologia que seria levada em conta por muitos estudiosos posteriores, e que ainda é relevante. Contudo, 25 anos se passaram, e o corpus de banhos descobertos e publicados aumentou significativamente, em especial no Egito, o que, se não invalida sua análise, introduz um elemento de cautela quanto às suas conclusões.

Desta mesma época devemos citar o suplemento 37 do **JRA**, que reúne os artigos publicados quando da 1ª Conferência Internacional de Banhos Romanos, realizada em Bath, na Inglaterra, em 1992. Editado em 1999 em dois volumes por J. DeLaine e D.E. Johnston, **Roman Baths and Bathing** cobre, segundo postulam seus editores no prefácio:

(...) todos os aspectos dos banhos romanos – sociais, funcionais, operacionais e arquiteturais – combinando a expertise de arqueólogos de campo com a dos especialistas nos seus respectivos campos de especialidade, explorando recursos variados do conhecimento acadêmico clássico, da arqueologia experimental e da moderna tecnologia da engenharia (**JRA Suppl.** 37, 1999, p. 6).

Mais uma vez o Egito é contemplado entre as áreas estudadas, mas não é seu foco primário. DeLaine é uma especialista da cultura balneária e possui várias outras obras publicadas.

Uma outra síntese, desta vez para a arqueologia helenística e romana na região do Fayum, foi proposta por Paola Davoli em 1998. Em **L'Archeologia Urbana nel Fayyum di Età Ellenistica e Romana**, esta importante autora elenca as cidades do Fayum e descreve os

trabalhos arqueológicos ali conduzidos. Ela retoma missões e publicações antigas e recentes (para a época), onde naturalmente estão descritos os edifícios balneários encontrados, e permanece até hoje como uma referência para a área.

Fikret Yegül publicou dois trabalhos em que se debruça sobre práticas balneárias. O primeiro é de 1992, reeditado em 1995. **Baths and Bathing in Classical Antiquity** trata das suas prováveis origens e sua evolução no tempo, descreve as termas de Roma e se estende por suas províncias, até o período bizantino. Nos apêndices há capítulos que versam sobre o funcionamento técnico e elementos arquiteturais de algumas regiões provinciais, além de um glossário. Contudo, o Egito aparece de forma bastante superficial, mencionado a título de comparação vez por outra, e apenas o banho de Karanis tem sua planta reproduzida.

Em 2010, com a publicação de **Bathing in the Roman World**, seu foco se amplia e se aprofunda. Aí ele aborda aspectos práticos, arquitetônicos, técnicos e sociológicos do ato de se banhar em público, e se detém especificamente no mundo romano, incluindo nos capítulos finais as sociedades cristãs e islâmicas, adentrando a era medieval e reservando dois capítulos à redescoberta dos banhos públicos no século XIX pela sociedade europeia e a influência do Orientalismo sobre essas práticas, e conclui com um glossário. Mais uma vez, somente o banho de Karanis é mencionado, e brevemente descrito em um parágrafo, e o Egito como um todo novamente fica de fora da sua síntese.

Uma autoridade frequentemente citada em trabalhos sobre banhos romanos é Garrett Fagan, com inúmeros livros e artigos publicados. Seu trabalho mais completo é **Bathing in Public in the Roman World**, de 1999 com várias reedições. Nele o autor privilegia uma abordagem cultural, histórica e social do fenômeno dos banhos públicos no mundo romano, e não uma abordagem técnica ou arquitetônica. Fagan reconstitui a ida aos banhos enquanto prática cotidiana, examina sua popularidade, os atores que construíam, exploravam e frequentavam estes estabelecimentos, e a função sociológica desempenhada por eles na ordem social do Império. Para isso, se vale de fontes e referências variadas, entre peças de teatro, *graffiti*, os próprios vestígios materiais, naturalmente, e uma vasta amostragem epigráfica.

Para o complexo termal de Kom el-Dikka em Alexandria a obra mais completa é o livro de Wojciech Kołataj, de 1992. Publicado em dois volumes, o primeiro com o texto e o segundo com as plantas, **Imperial Baths at Kom el-Dikka** recapitula as origens, o funcionamento técnico, as partes integrantes e a terminologia dos banhos públicos romanos, e descreve os vestígios remanescentes, incluindo farto material ilustrativo e propondo hipóteses para aquilo que encontra. Juntamente com G. Majcherek, Kołataj integrou por um longo período a equipe

da missão polonesa encarregada das escavações e de um maciço programa de reconstrução e consolidação dos vestígios em Alexandria. Nas décadas que se seguiram à publicação do livro esta equipe publicou, a cada temporada por mais de vinte anos, relatos detalhados de tudo que foi encontrado, entre estruturas e artefatos, bem como de todos os trabalhos de conservação realizados. Há seções separadas para vidros, cerâmica, e relatórios específicos para os achados funerários. Estes relatórios estão disponíveis online no periódico do *Centre d'Archéologie Méditerranéenne de l'Académie Polonaise des Sciences* (**PAM**, na sigla em inglês) e constituem um complemento constantemente atualizado ao livro de Kolataj.

Com relação aos periódicos, gostaríamos de destacar dentre as dezenas dedicadas à arqueologia romana aqueles que mais especificamente tratam dos achados no Egito, e dentre estes, dos banhos. A *Egypt Exploration Society* (EES) tem algumas publicações regulares que ocasionalmente trazem artigos sobre banhos. Além destes, sua revista semestral **Egyptian Archaeology** (EA) publica os relatos de escavação em curso no território egípcio. Também essencial é a sua série de livros sobre os papiros de Oxyrhynchus traduzidos para o inglês e comentados. Anualmente editam o **Journal of Egyptian Archaeology** (JEA). Cumpre observar que nos volumes de 2014 e 2015, entre seus 54 artigos, apenas um trata de uma das cidades abordadas neste trabalho – Karanis – mas seus banhos sequer são mencionados.

O *Institut Français d'Archéologie Orientale* – IFAO, edita seu próprio boletim anual, **BIFAO**, cobrindo todos os trabalhos em campo das equipes francesas, além de publicar livros e artigos versando sobre Egito, da pré-história à época moderna. Os dois volumes de *Balnéorient* foram concebidos sob sua égide.

Orientalia, um periódico quadrimestral editado pelo *Pontificio Istituto Biblico* em Roma, traz artigos em inglês, francês, italiano e alemão, além de uma seção dedicada às escavações em curso no Oriente próximo, e bibliografias pertinentes. Por anos a seção dedicada ao Egito (e ao Sudão) esteve a cargo de F. Leclant, e ainda hoje representa uma fonte preciosa de informação e ilustrações para os edifícios balneários.

Nos anos 1980, Béatrice Meyer se dedicou a analisar as práticas e os edifícios balneários no Egito romano e bizantino exclusivamente a partir dos papiros. Temas diversos como combustíveis, abastecimento de água, frequência feminina e a conexão entre as termas e os ginásios são explorados em quatro artigos e uma tese doutoral (infelizmente ainda inédita) que permanecem até hoje uma fonte rica e sem paralelo ao examinarem e traduzirem a documentação papirológica disponível e dela extraírem conclusões originais e estimulantes.

Não poderíamos concluir este capítulo sem mencionar a obra pioneira de René Ginouvès, *Balaneutikè*, de 1962, citada pela totalidade dos pesquisadores de cultura balneária consultados no presente trabalho, que a ela se sucederam. O livro cobre de forma diacrônica em suas mais de 500 páginas os principais aspectos físicos, técnicos, práticos, terminológicos e sociológicos das práticas balneárias na Grécia, tanto em seus aspectos laicos quanto rituais e religiosos, privados e públicos, e inclui frequentes referências aos banhos então conhecidos no Egito, acrescentando ocasionalmente referências papirológicas. Em muitos de seus aspectos principais este estudo permanece atual, suas conclusões válidas, mais de cinquenta anos depois de sua publicação, e nos estudos para o Egito é frequente nos depararmos com referências a ele. H. Broise resume assim sua importância: “*R. Ginouvès foi o primeiro a integrar os textos papirológicos e os próprios edifícios (egípcios) em uma reflexão generalizante sobre o banho na Antiguidade grega. Cinquenta anos mais tarde, seu **Balaneutikè** permanece incontornável.*” (BROISE, 2009, p. 9).

CAPÍTULO 2

A CULTURA BALNEÁRIA PRATICADA NO EGITO ANTES E DEPOIS DA CONQUISTA ROMANA

2.1 O Período Ptolomaico

Com a morte de Alexandre em 323 a.C., seu vasto império foi disputado, e por fim dividido, entre seus generais e o Egito, conquistado quase dez anos antes, coube a um deles, Ptolomeu, que daria início em 305 a.C. à dinastia dita ptolomaica, que haveria de perdurar por trezentos anos, até finalmente ser vencida pelos romanos. Embora condensado na historiografia oficial de maneira geral como uma conquista acabada, o domínio ptolomaico no território egípcio sofreria ao longo de todo o período não somente com lutas entre os outros autoproclamados herdeiros de Alexandre, notadamente os da dinastia Selêucida, mas também com resistências internas em solo egípcio, típicas das tensões pós-guerra entre conquistadores e conquistados.

É importante lembrar que o poderio militar era apenas uma das ferramentas mais importantes com que este domínio se estabeleceu. Outras facetas igualmente essenciais deveriam ser, e foram, usadas, como a afirmação e exibição constante de status e prestígio – interno e externo (LLOYD, 2003, p. 391). Num universo grego e em fase de expansão da helenização, a primazia se materializava em elementos concretos de afirmação da superioridade da cultura helênica, em arte e arquitetura, edifícios e instituições. O uso exemplar de Alexandria, a capital fundada por Alexandre no início da conquista, ilustra esse ponto. Concebida desde a origem como uma cidade grega, situada iconicamente entre o Nilo e o Mediterrâneo, Alexandria se apresentava como o cartão de visitas do *ethos* grego, sua realização material e visual máxima, para uma população essencialmente multiétnica, por muitos séculos (VENIT, 2012, p. 118).

Ptolomeu e seus sucessores sempre se defrontaram com a imponente herança cultural, política e religiosa do Egito faraônico, e os séculos que se seguiram registraram movimentos de confronto, acomodação, resistência e trocas, que resultaram em um emaranhamento cultural em que a cultura grega e egípcia se interpenetraram e se amalgamaram, ora se complementando, ora se excluindo.

O que temos no caso das práticas balneárias gregas, coletivas e públicas, e praticadas cotidianamente em todo o mundo grego, é um caso especial neste processo de trocas culturais, na medida em que eram inteiramente desconhecidas no Egito faraônico. Ali o banho se praticava ou no âmbito doméstico, ou no contexto religioso de purificação ritual, ambos privados por definição (GRÄZER, 2009). Portanto, pela sua própria característica de prática social, os banhos gregos eram um produto 100% importado. A despeito das disputas políticas internas, do ponto de vista da esfera cotidiana, tiveram uma rápida aceitação e foram um grande sucesso ao que indicam as dezenas de estabelecimentos balneários recenseados em todo o seu território.

Cumpre lembrar que na Grécia e na Magna Grécia a cultura balneária cotidiana, e crescentemente pública, se estabeleceu e vinha se desenvolvendo fortemente, desde o século V a.C., conforme comprovado por fontes documentais e arqueológicas (GINOUVÈS, 1962; NIELSEN, 1993; LUCORE; TRÜMPER, 2013). Ligados sobretudo aos ginásios, cujas construções passaram a incorporá-los, os edifícios balneários ganham destaque no período helenístico. Aliado às práticas esportivas e educacionais indissociáveis da vida dos efesos nos ginásios, o banho vai aos poucos adquirindo autonomia e importância próprias, demandando inovações técnicas mais adaptadas ao gosto mais exigente e à busca por mais conforto. De uma infraestrutura bastante simplificada constando de bacias e torneiras ao ar livre, vemos uma evolução onde o ato de lavar-se se transforma em ato social, migra para o interior do ginásio e ganha aposentos e aparelhagem próprios – salas (*thóloi*) e banheiras (*pyeloi*). Entre os séculos III e II a.C. já aparecem documentados os primeiros sistemas de aquecimento, evidenciando uma mudança fundamental na história das práticas balneárias: a necessidade de higiene, função precípua do banho até então, não exclui, mas vem se somar ao gosto pelo relaxamento prazeroso e pelo desfrutar da companhia de outros.

Neste sentido, a Magna Grécia e a Sicília trazem um interessante exemplo de avançadas técnicas a serviço do banho de relaxamento, ao que tudo indica, desenvolvidas de forma autônoma e verdadeiramente pioneira. Os banhos de Gela, Morgantina, Siracusa e Mégara Hibleia, todos na Sicília, e datados do século III a.C., constituem verdadeiros complexos termais, dotados de piscinas comunitárias aquecidas, domos e abóbadas – luxos até então inéditos que de certa forma prenunciam as termas romanas (LUCORE, 2013).

Banhos gregos no Egito estão ausentes de fontes históricas no período, mas aparecem em documentos oficiais registrados em inúmeros papiros⁴, e também no registro arqueológico, que

⁴ REDON, 2015: *P. Cair.*, Zen. IV, 59704 e 59440, *P. Enteux.* 82 e 83, *P. Tebt.* III, 798 = *C. Ptol. Sklav.* 246), *P. Tebt.* III, 1,

nos lega cerca de 35 edifícios (LUCORE; TRÜMPER, 2013). Estes se concentram sobretudo na região do Delta, em torno de Alexandria e sua *khóra*, e na região do oásis do Fayum, uma área de forte assentamento de famílias de colonos gregos de todas as partes do império, sobretudo militares, trazidos inicialmente por Ptolomeu para povoar e desenvolver a agricultura da região (DAVOLI, 2012). Contudo, há banhos em outras áreas, outras cidades de assentamento grego, ou junto a fortes militares e ao longo de rotas comerciais (Fig. 1).

Fig. 1 – Distribuição dos banhos gregos no território egípcio

Fonte: Lucore; Trümper (2013, p. 264).

A inexistência de práticas balneárias públicas no Egito significou que seu conjunto foi trazido de forma completa e largamente inalterada, pelo menos inicialmente, pelas populações gregas responsáveis por sua implantação. Os estabelecimentos se multiplicaram, e os numerosos estudos recentes das últimas décadas permitem que sejam avaliados em seu conjunto⁵. Aqui o que nos interessa é ressaltar algumas características relacionadas a seu uso, localização, seu aspecto arquitetônico, e as feições gerais que os distinguiam.

795, P. Hels. I, 2, Cairo JE 30440 = CG 30641, P. Ryl.II, 124, P. Cair. Zen. IV, 59704, l. 3, 11, 22, 28, P. Tebt. I, 189 l. 460-468, P. Tebt. I, 112, l. 16, 22, 106, 251, P. Cair. Zen. IV, 59698, l.9, dentre muitos outros.

⁵ Sobre os estudos das últimas décadas, ver capítulo 1.

Um primeiro aspecto que podemos citar é sua localização relativamente à malha urbana em que se inseriam. Em se tratando do Egito ptolomaico, esta pode ser uma pequena vila no campo ou a capital, passando por todas as graduações intermediárias. Banhos são fenômenos essencialmente urbanos, mas a forte natureza rural do Egito impôs um certo limite a este aspecto. Assim sendo, encontramos edifícios balneários em locais de alto tráfego de pessoas, como mercados ou portos, nas proximidades de templos ou ainda assentamentos militares. Ademais, uma outra circunstância excepcional merece registro: com a exceção de Atenas e Morgantina na Sicília, apenas no Egito se encontra mais de um banho em uma mesma cidade, e com alguma frequência. No estado atual das pesquisas nem sempre é possível se dizer com certeza se foram usados contemporaneamente, mas parece ter sido o caso eventualmente (REDON, 2012, 2015). Quando isso ocorre, eles se localizam em extremos opostos da cidade, muito provavelmente de forma a não concorrerem entre si, e maximizar o lucro proveniente da cobrança de entrada. Tampouco sabemos ao certo se havia alguma diferenciação da clientela a partir de uma distinção no design e na decoração dos estabelecimentos de uma mesma localidade, pois nem todos os materiais empregados sobrevivem no registro arqueológico. Não é difícil imaginar que um dos estabelecimentos tenha se valido de pinturas murais, estuco, gesso, estátuas, mobiliário, ou abóbadas de madeira para criar um ambiente mais requintado e com isso refinar sua clientela. Mas nada disso nos foi legado, e não há como comprovar esta hipótese, uma vez que as fontes escritas silenciam a respeito.

Também contribuem para a escolha do local de construção questões práticas, como proximidade de fontes de água, e facilidade de abastecimento de combustível, no caso do Egito, junco, palha e joio. Há menções frequentes nos papiros às questões de transporte de água, de combustível, e de pagamento a fornecedores destas mercadorias ⁶.

A preocupação com o lucro é central no estudo dos banhos, pois temos que ter em mente que são um negócio. Ainda que a questão da propriedade legal possa gerar ambiguidades na documentação, sua exploração comercial por particulares (gerentes/ arrendatários) é atestada seguramente (MEYER, 1989, 1992, 1994; NIELSEN, 1990; REDON, 2009, 2012a, 2015, 2017). Os banhos gregos, no Egito e fora dele, são públicos, acessíveis a todos que se dispusessem a pagar o preço da entrada, bastante módico por sinal, inferior ao do barbeiro, por exemplo (REDON, 2011, 2012a, 2015). Isto significa que sua clientela é **numerosa, mista e imprevisível**, diferentemente de outros edifícios da vida pública no mundo helênico. Conhecer

⁶ P. London 1177, por exemplo, sobre Crocodilópolis; P. Col. Zen 103; P. Harris 79

melhor esta clientela é fundamental para nós, pois é um aspecto central na questão da identidade que nos propusemos a investigar.

O primeiro ponto que gostaríamos de salientar diz respeito a seu volume. Uma atividade que logo se tornou popular, integrou o cotidiano e era pouco dispendiosa, atraiu rapidamente um público que se contava às dezenas de milhares de frequentadores por ano. Baseando-se em papiros contábeis e fiscais do período ptolomaico, Bérangère Redon produziu dois estudos em que utiliza o imposto sobre os banhos para calcular o número provável de frequentadores. Duas cidades do nomos de Busíris, somadas, por exemplo, podiam acolher entre 50.000 e 100.000 banhistas por ano, em meados do século III a.C. (REDON, 2015, pp.65-66, N. 28). Um outro caso no estudo da mesma autora, agora em Filadélfia, no Fayum, aponta um cálculo de cerca de 4.000 banhistas por mês para um só estabelecimento como o mínimo necessário para sua gerente pagar suas despesas (REDON, 2012a, p. 63).

O segundo ponto relevante a ressaltar é seu caráter misto em todos os sentidos. A clientela dos banhos se compõe de gregos e egípcios, civis e militares, moradores, estrangeiros e viajantes de passagem, homens e mulheres, elites e trabalhadores comuns. Se outros espaços sociais funcionavam atrelados a associações classistas ou religiosas – templos, ginásios e clubes militares por exemplo, portanto com critérios de semelhança entre seus membros, e noções de pertencimento e exclusão claramente compartilhadas por seus integrantes, os banhos operavam de forma oposta. Onde todos estão incluídos, não há como alimentar noções de etnicidade, prestígio ou superioridade. Em outras palavras, nada na atividade balneária tomada isoladamente reforça ou nega pertencimento, etnia ou classe (REDON, 2015, p. 76).

O terceiro e último aspecto decorre naturalmente do segundo. Em um espaço social complexo como este, todo tipo de encontro é possível. Os “semelhantes” e os “outros” se encontram dentro do mesmo ambiente, em grande proximidade física, e em graus variados de nudez e vulnerabilidade. Tensões, conflitos e confrontação são uma constante, e a possibilidade de violência nunca pode ser afastada. Há relatos a esse respeito nas fontes papirológicas. Temos diversos casos de roubos e agressões registrados nos papiros, e em um caso a agredida alega que sua condição de “pessoa de passagem” pela cidade está na origem do incidente: uma “residente local” exige que ela se retire da banheira porque deseja utilizá-la, e acredita ter prioridade. Sua recusa em fazê-lo resulta em uma surra (*P.Ent.* 83, in REDON, 2015, p. 75). Esta natureza fortuita da composição da clientela leva alguns estudiosos a conceituar os banhos como um local não de sociabilidade, com a conotação positiva que o termo usualmente carrega, mas de mistura, de diversidade social: neutra, imprevisível e potencialmente ameaçadora

(FAGAN, 2013; MEYER, 1992; REDON, 2015). Embora as fontes não sejam loquazes a este respeito, é razoável supor que no período romano pouco se alterou neste campo.

2.1.1 CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DOS BANHOS GRECO-EGÍPCIOS

Um primeiro aspecto que queremos destacar aqui diz respeito à enorme uniformidade constatada entre os edifícios nas primeiras décadas de sua implantação. Ainda que diferenças existam, essas são mínimas, e podem estar relacionadas a aspectos práticos, como disponibilidade de materiais construtivos e/ou decorativos, a recursos financeiros dos empreendedores, ou ainda às limitações do terreno. Todavia, é realmente notável a semelhança da planta arquitetônica de uma maioria significativa dos edifícios balneários específicos do Egito, em sua preferência pela adoção do duplo *thólos* (Figs. 3 e 4). Esta característica morfológica não é desconhecida em outras partes do mundo grego (Ambrakia, Eretria, Oiniadai e Eleusis, por exemplo), mas, juntamente com a presença de banheiras **individuais** para imersão e relaxamento, que substituem no Egito as piscinas coletivas do restante das províncias, constituem o conjunto de particularidades regionais que constroem esta figura de uniformidade que ilustramos a seguir (Fig. 2).

Fig. 2 – Planta típica hipotética de um banho greco-egípcio no período ptolomaico inicial

Fig. 3 – Plantas de alguns banhos ptolomaicos no Egito
 Fonte: adaptado de Redon, 2017, pp. 382-435.

● Banheiras de imersão

Fig. 4 – Karnak, Banhos Ptolomaicos com simulação dos revestimentos
 Fonte: Guimier-Sorbets; Redon, com a permissão de Terrier, Fournet, Onézime e Boraik (2017, p. 167).

Fig. 5 – Karnak: *thóloi* e *pyeloi* dos banhos ptolomaicos

No detalhe, banheiras individuais (*pyeloi*) dos *thóloi* 1 e 2. Fonte: Boraik (2009, pp.84-86).

Os edifícios balneários estavam intimamente associados às práticas esportivas e atléticas, tão caras à vida grega em comunidade. Inicialmente eram usados majoritariamente por atletas e soldados, e foram construídos junto às **palestras** e aos ginásios. Curiosamente, nenhum vestígio de ginásio foi encontrado em todo o território egípcio para o período (REDON, 2017; MEYER, 1997), muito embora sejam citados nos papiros, como *P. Lond. III 1166* e *P. Amh 70*, ambos de Hermópolis (GINOUVÈS, 1962, p. 148).

Consistiam de duas partes: uma para a higiene e outra para o relaxamento. A parte dedicada à higiene era proporcionalmente maior, contendo uma, ou mais comumente duas salas circulares (ou “rotundas”) chamadas *thólos*, (pl. *thóloi*), onde se inseria um número variável de banheiras individuais rasas, de fundo plano, dotadas de um assento, um encosto, apoio para os braços, e um orifício de escoamento de águas usadas no piso, no local onde repousavam os pés. No Egito este número oscilava em média em torno de 20 banheiras em cada *thólos*. São relatados casos em que os apoios de braço são tão altos que mais parecem meias-paredes. O objetivo era evitar aspergir o outro banhista com sua água, ou ser por ele aspergido. Estas banheiras se chamavam *pyelos* (pl. *pyeloi*), e podiam ser feitas de pedra, terracota ou cimento (Fig. 5). O banhista sentado derrama sobre si, ele mesmo ou um funcionário dos banhos, água fria ou previamente aquecida, trazida para esse fim em jarros ou ânforas. O ambiente não é aquecido como um todo (pisos e paredes), mas um sistema de aquecimento simplificado é muitas vezes encontrado, destinado sobretudo à água das banheiras (NIELSEN, 1993). Também é possível lavar-se com água fria em fontes, dispostas ao redor do ambiente, e bacias apoiadas em pedestais, chamadas *louterion*. (Fig. 6). O banhista se servia de um instrumento chamado **estrigilo**, para remover a sujeira composta de óleo para o corpo, areia e suor resultante de suas práticas atléticas. Este era feito de metal e possuía um cabo e uma lâmina de formato curvo, como uma mini foice (Figs.7 e 8).

Fig. 6 – banhistas no *louterion* com estrigilo

Fonte: Lucore; Trümper (2013, p.12).

Fig. 7 - Menino etrusco com estrigilo, Arezzo, séc. V a.C. (GR 1907.10-20.2)

Fonte: Arquivo pessoal, Museu Britânico, 2016.

Fig. 8 – Conjunto de estrigilos e frasco de óleo (*ampulla*) em bronze, Urdingen, séc. I-II d.C. (GR 1868.1-5.46)

Fonte: Arquivo pessoal, Museu Britânico, 2016.

Nas paredes acima dos *pyeloi* ficavam nichos para os pertences pessoais (Fig. 9 A). Raramente no Egito as paredes estão preservadas até uma altura que permita a verificação desta feição, mas felizmente o caso de Taposiris Magna, no Delta, é uma exceção (Fig. 9 B).

Fig. 9 A – representação de um banhista

Fonte: Fournet; Redon (2009, p.134)

Fig. 9 B – Taposiris Magna - *Pyeloi* e nichos

Fonte: Lucore; Trümper, (2013, p. 243).

Os edifícios eram construídos com uma mistura de tijolos crus e cozidos, com as partes úmidas impermeabilizadas com uma camada de cimento hidráulico renovada periodicamente. Os tijolos cozidos, e ocasionalmente pedras, eram reservados para as partes onde uma resistência maior era requerida, como as áreas de aquecimento, caldeiras e reservatórios de água.

Os pavimentos em particular mereciam atenção, posto que além de receberem a maior parte da água ainda estavam expostos ao alto tráfego de pessoas. Em sua grande maioria, os pisos dos banhos gregos no Egito eram feitos de camadas sobrepostas de argamassa à qual se

misturavam seixos e cascalho (GUIMIER-SORBETS, 2009; GUIMIER-SORBETS; REDON, 2017). Estes eram escolhidos ao que tudo indica de acordo com a disponibilidade local. A técnica variava conforme o banho e o período, mas podemos distinguir uma clara preocupação decorativa traduzida na utilização destes para formar mosaicos. Variando o tamanho, a forma e as cores, os artistas criavam efeitos decorativos. Também é relatado o uso de pintura diretamente sobre o pavimento, como em Karnak por exemplo. Este expediente pode ter sido mais frequente do que sugerem os achados arqueológicos. Além de não se preservarem bem, uma vez expostos ao ar após serem escavados, os pigmentos utilizados desaparecem rapidamente (GUIMIER-SORBETS; REDON, 2017, p. 141 p.160, figs. 14a e 14b).

A seção dos banhos dedicada ao relaxamento compreendia ambientes contendo banheiras individuais de imersão (Figs. 10 A, B e C). Estas eram em número bem inferior aos *pyeloi*, numa razão em média de 1 para 14 para o corpus dos banhos ptolomaicos aqui tratados (REDON, 2017). O acesso a esta parte se fazia através de um dos *thóloi*, o que, juntamente com a diferença numérica, parece implicar num uso mais restrito. Ainda não estão claras as razões para isso, ou como funcionava na prática cotidiana esta disparidade. Todos tinham acesso aos *thóloi*, à seção higiênica, mas poucos podiam complementar isso com a parte do relaxamento, tornando a experiência do banho distinta para um e outro grupo. Nenhuma grande piscina coletiva foi encontrada no Egito, ao contrário de outras províncias na Europa e no Norte da África, em que estão regularmente presentes nesta área de relaxamento. De maneira quase unânime os pesquisadores desta área identificam a rejeição cultural egípcia a banhar-se nas mesmas águas que outras pessoas como o fator responsável por essa especificidade local (REDON, 2017). Acreditamos que os banhos têm propósitos predominantemente higiênicos quando são introduzidos ainda que sua característica de atividade social e coletiva não tarde a se afirmar. O espaço é público afinal. As banheiras, no entanto, são, e continuarão a ser por séculos, individuais. Veremos que no período romano inicial esta feição se mantém significativamente inalterada.

Figs. 10 A, 10 B e 10 C – Banheiras de imersão individuais, assinaladas

Fig. 10 A - Athribis

Fonte: adaptado de Fournet; Redon (2017, p. 132-133).

Fig. 10 B - Taposiris Magna

Fig. 10 C - Theadelphia 2

2.2 O PERÍODO ROMANO

Os fatos históricos que culminaram com a derrota simultânea de Marco Antônio e das forças egípcias na batalha naval de Áccio em 31 a.C. são bastante conhecidos. Com Otávio vitorioso inicia-se a era imperial romana sob sua égide. Doravante denominando-se Augusto, o primeiro César implementa no Egito um sistema de governo que em alguns aspectos fundamentais diferia daquele adotado em outras províncias conquistadas.

O governo central manteve sua sede em Alexandria, mas para exercê-lo foi criado um cargo até então inédito: o de prefeito de Alexandria e Egito (*praefectus Alexadreae et Aegyptii*), nomeado diretamente pelo imperador. Alexandria era àquela altura uma metrópole cultural, social e religiosa além de política. Tinha imensa fama entre seus contemporâneos, por suas belezas arquitetônicas, seus múltiplos templos, que chegavam a 2.478, entre públicos e privados na metade do séc. IV d.C. segundo o cronista Michael Bar Elias (VENIT, 2012, p. 110), seus jardins, bibliotecas, museu, suas residências suntuosas, e seu lendário Farol. Era uma cidade multiétnica e multicultural, praticamente desde sua fundação, porém concebida e executada segundo os ideais de uma cidade grega. Tão poderosa era a atração que a capital exercia, e tão pujantes as riquezas do país como um todo, que por medida de precaução, para não ameaçar o poder imperial ou concorrer com ele, os senadores romanos eram impedidos por decreto imperial de entrar em seu território. Até o século III, apenas seus cidadãos poderiam reclamar a cidadania romana, e a cidadania alexandrina era altamente desejável, e acessível a poucos. Hereditária e garantidora de privilégios fiscais, políticos e sociais, era concedida apenas a uma pequena minoria de egípcios nativos. É a partir deste centro que a autoridade no Egito romano é exercida, e sua administração posta em prática.

O território foi dividido em três regiões principais – O Delta, no Baixo Egito, a Heptanômia, no médio Egito, e a Tebaida, no Alto Egito. Cada uma delas se subdividia em nomos, unidades administrativas presentes desde a era ptolomaica. Nos quatro primeiros séculos de ocupação romana estes variavam entre 36 e 50 (VASQUES, 2013). Os nomos eram governados por um estratega, nomeado pelo *praefectus* de Alexandria. Os estrategas por sua vez respondiam no dia a dia administrativo ao epistratego, que era o administrador regional e a autoridade imediatamente abaixo do prefeito (PEACOCK, 2003). A administração local se exercia num contexto urbano, em capitais de nomos, ou *metropoleis*, e o período romano conheceu um forte impulso em direção à urbanização de um território que até então primava por uma forte característica rural. Podemos citar por exemplo a fundação de Antinoópolis por

Adriano no médio Egito, mas durante todo o período houve o incremento das construções nos centros municipais preexistentes, com os edifícios característicos do modo de vida romano, como o teatro, a basílica, os ginásios, os templos e os banhos.

A exemplo do que acontece em todas as outras províncias ocupadas, levadas constantes de administradores, comerciantes, e sobretudo contingentes militares vêm se estabelecer no Egito. Este contato prolongado e cotidiano enseja um movimento constante de trocas culturais, com adoção, acomodação, modificação e rejeição recíprocas, de forma local, conforme as escolhas dos agentes envolvidos, e muitas vezes, como é frequente acontecer com práticas cotidianas, à margem dos grandes movimentos políticos.

Dentre tais práticas estão os banhos. Ao final do século I a.C. e pelos séculos vindouros, para uma larga parcela da população romana banhar-se é um hábito diário, público e melhor aproveitado em companhia. O banho é uma atividade essencialmente social nessa cultura, e a seus propósitos higiênicos se somam outras atividades típicas da convivialidade urbana, então como agora: exercícios, conversas, conchavos políticos, refeições, bebida, intrigas amorosas (DeLAINE, 1999; FAGAN, 2013; NIELSEN, 1990; REDON, 2009; YEGÜL, 1992, 2010). Os edifícios balneários se desenvolveram por toda a Península Itálica, e nas áreas que hoje correspondem à Grécia continental e suas ilhas, a Península Ibérica, Europa e Ilhas Britânicas, Norte da África, Ásia Menor e Palestina. Regional e localmente podemos identificar diferenças relativas à arquitetura e às próprias práticas, conforme as influências mútuas sofridas no processo de sua adoção, bem como dos costumes locais, como seria natural em tão vasto território, e ao longo de tanto tempo. Dentre as várias correntes detectadas os estudiosos apontam dois eixos de influência principais: no Mediterrâneo ocidental predominou a tradição propriamente grega, enquanto as províncias do Mediterrâneo oriental pareciam mais permeáveis a influências do Norte da África (DeLAINE, 1999).

Nielsen, em sua obra *Thermae et Balnea*, de 1993, mapeia os banhos de todo o território contido no Império Romano do século II, situando-os em suas respectivas províncias (Fig.11).

Fig. 11: O Império Romano no século II – Localização dos banhos

Fonte: Nielsen (1993, contracapa).

Como podemos observar, o Egito, diferentemente do que poderia supor um recém-chegado aos estudos da cultura material do mundo romano, é contado entre as províncias orientais, e não as do Norte da África. Isto é uma constante na bibliografia ao longo dos séculos XIX e XX, e só virá a mudar praticamente nas duas últimas décadas, com a intensificação dos estudos para o Egito, e em particular, para as práticas balneárias.

Note-se que quando esta bibliografia foi publicada a autora contabilizava apenas seis banhos romanos no Egito. O avanço nas pesquisas haveria de multiplicar consideravelmente este número, elevando-o para aproximadamente 25, segundo o catálogo de Redon, em 2017 (Fig. 12).

Fig. 12: Banhos romanos no Egito

Fonte: Redon (2017, p. 311).

O período imperial marca o ápice da cultura balneária romana, com suas espetaculares termas, cujos exemplos mais grandiosos são do século III: as Termas de Caracala (c. 200-220 d.C.) e Diocleciano (c. 298-306 d.C.) (Figs.13 e 14). Não cabe no escopo deste trabalho uma análise detalhada das termas imperiais de Roma⁷, por isso apresentamos aqui uma breve descrição de seus aspectos principais.

Há um abandono rápido do modelo grego tradicional. Desaparecem os *thóloi*, e as banheiras individuais, e vemos surgir inovações arquitetônicas e técnicas, em especial o aperfeiçoamento do concreto, que permitem a construção e o aquecimento de edifícios cada vez maiores (abóbadas e arcos). Edifícios imensos são erigidos, ocupando todo um quarteirão (*insula*), e ostentando fachadas imponentes dotadas de colunas, com planos simétricos e complexos, incluindo todos os ambientes de banho, relaxamento, recreação e convivência.

A decoração é luxuosa - mármore preciosos, mosaicos, estatuária rebuscada, elementos decorativos em estuco e pedras, degraus, arcos e colunas em profusão. Os ambientes são amplos, ventilados e iluminados natural e artificialmente. A disposição interna dos ambientes obedece a um circuito linear, com predominância do itinerário no esquema frio - morno – quente – morno – frio, e a planta é frequentemente simétrica, com ambientes espelhados de um lado e de outro do eixo central de circulação.

Fig. 13: Reconstituição da provável aparência das Termas de Caracala

Fonte: concretoemcurva.com / arquitetura Romana I, acessado em 01/04/2017

⁷ Há extensa bibliografia a respeito, e em português recomendamos a tese doutoral de Alex dos Santos Almeida, Universidade de São Paulo, 2015.

Fig. 14: Ilustração da provável aparência do interior das Termas de Diocleciano

Fonte: The Archeology - WorldPress.com, acessado em 01/04/2017

A maior inovação é o sistema de aquecimento de ambientes, com a instalação universal do hipocausto ("fornalha que aquece por baixo"). O chão é suspenso sobre uma série de pilares baixos (*pilae*) dispostos simetricamente. Por entre eles circulam ar e gases quentíssimos, produzidos por uma fornalha externa, o *praeefurnium* (Figs. 15 e 16). As paredes recebem dutos internos de aquecimento (*tubuli*). Pisos, paredes, piscinas e banheiras são agora aquecidas de forma controlada, com a possibilidade de escolher a temperatura, produzir vapor de forma sistemática, bem como salas de calor úmido e seco. Tais elementos já existiam anteriormente de forma dispersa em vários banhos na Itália e nas províncias, mas nunca em tão grande número, nem de forma a integrar sistematicamente um programa, ou itinerário, em que todas as possibilidades são oferecidas num mesmo lugar (FAGAN, 2013; YEGÜL, 1992, 2010).

Fig. 15: Esquema de um hipocausto

Fonte: Liberati, A. M.; Bourbon, F., 2005: *Roma Antigua*,
<https://www.museocaldoval.gal/es/banos-e-termas/os-balneum-privados/> Acessado em 28/03/2017.

praefurnium

Fig. 16: Hipocausto de uma villa romana, em Vieux-la-Romaine, França

Fonte: adaptado de Wikiwand; acessado em 01/04/2017

piso

pilae

suspensura

Para a seção tocante à higiene, o percurso normal consiste de:

- **apoditério** – (*apodyterium*) vestiário
- **destrictário** – (*destrictarium*) sala destinada a uma primeira higiene
- **frigidário** – (*frigidarium*) sala fria
- **tepidário** – (*tepidarium*) sala levemente aquecida
- **caldário** – (*caldarium*) sala quente
- **lacônico** – (*laconicum*) sala de suor seco - "sauna seca"
- **sudatório** – (*sudatorium*) sala de suor úmido - "sauna a vapor"
- **natatio** - piscina coletiva unicamente de água fria normalmente em área externa, podendo situar-se mais raramente em uma sala, geralmente um anexo do frigidário

Em seguida o banhista pode se dirigir para a seção de relaxamento, composta por:

- **piscina**: banheira comunitária geralmente em área coberta, de dimensões menores que o *natatio*, encontrada dentro de uma das outras salas - no frigidário sua água é fria
- **alveus**: banheira aquecida de imersão comunitária. Encontra-se normalmente no caldário

Ainda podem fazer parte dos complexos termiais:

- * **aleipterion/ unctório** – (*unctorium*) sala de massagem, ou ligada à prática de untar-se com óleo, ou limpá-lo, antes ou depois do banho
- * **palestra** - área para exercícios aberta cercada de colunas, herdada diretamente dos gregos
- * **bibliotecas, salas de leitura, auditórios**
- * **heliocaminos** - área reservada para banhos de sol

Por fim, devemos incluir as salas de serviço, fornos, estruturas de aquecimento, tubulações, cisternas e **latrinas**. Muitas vezes são estas as estruturas que melhor se conservam dos vestígios recenseados, posto que pela própria natureza de suas funções são construídas com materiais mais robustos e duradouros. Nos banhos de Kom el-Dikka, em Alexandria, por exemplo, enquanto os níveis mais altos estão consideravelmente deteriorados, as estruturas subterrâneas se encontram relativamente bem preservadas.

Quando observamos as termas do período imperial construídas nas províncias, podemos detectar o alcance da disseminação deste modelo chamado imperial, com suas plantas simétricas, seus ambientes com aquecimento graduado, sua vastidão de proporções e imponência na decoração. A presença de um hipocausto e de latrinas são elementos que nos permitem categorizar como romanos esses edifícios, fornecendo-nos traços diagnósticos ao mesmo tempo tipológicos e cronológicos. Seria impossível ilustrar aqui este aspecto devido à vastidão do corpus documental, mas selecionamos termas de algumas províncias do Norte da África, cujas plantas reproduzimos abaixo, que podem ser tomadas como representativas da maioria (Fig.17). Entretanto, sob a uniformidade sugerida por estes elementos característicos, encontramos um panorama de diversidade regional quando examinamos outros aspectos – construtivos, decorativos e reveladores de hábitos, escolhas e gostos locais, exibindo uma imagem muito diferente.

Fig. 17: Plantas de alguns banhos imperiais no Norte da África

Fonte: Nielsen (1993, pp. 161-179).

Leptis Magna (Labdah)

Termas de Adriano (117-138 d.C.)

Superfície: 5.750 m²

Lambaesis (Lambese)

Banhos Legionários (séc. II/séc. III d.C.)

Superfície: 3.070 m²

Thamugadi (Timgad)

Grandes Banhos Norte

(séc. II/séc. III d.C.)

Superfície: 4.560 m²

Mactaris (Maktar)

Grandes Banhos Leste ((193-211 d.C.)

Superfície: 4.675 m²

Cartago

Termas Antoninas (138-161 d.C.)

Superfície: 39.900 m²

Gigthis (Bougrara)

Banhos Oeste (séc. II d.C.)

Superfície: 2.470 m², sem a
palestra

Dentro do universo provincial das práticas balneárias e sua materialização arquitetônica, o Egito se destaca pela ausência quase total de termas imperiais. Embora estas sejam citadas na documentação sobretudo papirológica para o período, sua existência não é comprovada por achados arqueológicos. A única exceção que atende a todos os critérios é o complexo termal de Kom el-Dikka, em Alexandria. Os banhos romanos de Karnak, às portas do Templo, recém-escavados, seguem uma planta perfeitamente encaixada na tipologia “banhos imperiais”, com suas salas de temperaturas graduadas, seu plano simétrico, suas latrinas e seu hipocausto. Todavia, suas proporções diminutas, quase miniaturizadas (37m X 39m – as menores termas imperiais conhecidas até hoje no mundo romano), impedem que essa classificação seja aplicada inteiramente (EL-MASEKH et al., 2017)(Figs. 18 e 19).

Este aparente descompasso entre documentação escrita e achados materiais poderia ser explicado por diversos fatores, comuns ao desaparecimento de construções antigas, ou possivelmente por confusões terminológicas. Conforme exposto no capítulo introdutório desta dissertação, é praticamente impossível fiar-se nas fontes antigas quanto ao uso dos termos “*thermae*”, “*balnea*”, “*balaneum*”... Claramente isto cria um sério problema quando examinamos fontes escritas em busca de evidências que comprovem a existência de termas imperiais em determinada localidade, como é o caso por exemplo de Náucratis, cidade de fundação grega no Delta. Um papiro reproduz um decreto de magistrados detalhando a generosidade de um ginásiarca romano para com a cidade através de doações para as “Grandes Termas”, cujos vestígios nunca foram encontrados⁸ (MEYER, 1997). Diversos outros papiros relatam “grandes” termas em Oxyrhynchus⁹, ou Crocodilópolis (Arsínoe)¹⁰, entre outras cidades. Tampouco aí se encontraram restos materiais destes edifícios.

O que encontramos no Egito no mesmo período é um quadro muito diverso da quase totalidade das outras províncias, a ponto de os estudiosos proporem uma “especificidade egípcia” para as práticas balneárias (BOUSSAC, FOURNET e REDON, 2009; REDON, 2017). Os banhos militares construídos nos fortes dos desertos e nas fronteiras constituem um corpus relativamente homogêneo à parte, e não serão tratados aqui.¹¹ Por se destinarem a um conjunto específico e predeterminado de usuários semelhantes entre si – os soldados romanos – consideramos que estes banhos não são locais significativos de encontros e trocas culturais entre diferentes grupos nos moldes que este estudo se propôs a investigar.

⁸ P. Oxy. III, 473

⁹ P. Oxy. XXI, 2569, por exemplo

¹⁰ P. Lond. 1177, por exemplo

¹¹ Para banhos militares no Egito, ver REDON, 2009.

Um grande número de banhos foi remodelado, muitas vezes sucessivamente, à medida que novas técnicas e novos hábitos eram importados. O banho de Karnak é um exemplo disso, contando com nada menos do que seis fases distintas de ocupação (Figs. 18 e 19). As edificações são no geral mais modestas na aparência e nas proporções que suas contrapartes norte-africanas e europeias.

Fig. 18: Banho romano de Karnak com as seis fases de ocupação assinaladas

Fonte: El-Masekh, Fournet, Piraud-Fournet e Boraik, com a permissão de Fournet (2017, p. 262).

Fig. 19: Desenho detalhado dos vestígios do banho de Karnak

Fonte: El-Masekh, Fournet, Piraud-Fournet e Boraik, com a permissão de Fournet, el-Masekh, Piraud-Fournet, Vanpeene (2017, p. 252).

O sistema de aquecimento por hipocausto só fez sua aparição mais de um século e meio depois de estar em pleno uso no restante do mundo romano. Outras formas de aquecimento que poderíamos chamar de pré-hipocaustos também não obtiveram popularidade, não fazendo parte das escolhas construtivas, ao que tudo indica, não por um desconhecimento por parte desta população que não seria razoável supor dado o constante fluxo de ideias e pessoas no território do império, mas por desinteresse puro e simples. Por outro lado, uma forma de aquecimento típica do Egito parece ter-se desenvolvido, a fornalha de chama-alta¹², utilizada principalmente em grandes superfícies balneárias (KOŁATAJ, 1992, pp.176-178; REDON, 2017, p. 5).

Contudo, a maior diferença é a forma de se banhar: os *pyeloi* são mantidos em muitos casos (assim como os *thóloi*), e a seção de relaxamento é modificada. Esta é significativamente ampliada nas práticas romanas em outras regiões com a multiplicação de banheiras coletivas (*piscina*) e piscinas (*natationes*), mas aqui praticamente se restringiu à construção de mais banheiras de imersão individuais, sobretudo nos dois primeiros séculos da dominação romana. Não foram encontradas grandes piscinas públicas (*natationes*) no Egito, e as piscinas maiores foram progressivamente sendo substituídas por um número maior de piscinas menores nos séculos posteriores. Discutiremos estes aspectos de maneira mais aprofundadas quando examinarmos os quatro sítios selecionados para esta pesquisa.

¹² Ver Capítulo 5; 5.4 Kom el-Dikka

CAPÍTULO 3

PERCURSO DA PESQUISA E METODOLOGIA UTILIZADA

Primeiramente procedemos a um levantamento da produção acadêmica concernente às práticas balneárias no Egito, necessário para traçarmos seu panorama no recorte cronológico proposto, entre o século I a.C. e o século VI d.C.. Em seguida, a partir do material encontrado, elaboramos um inventário de todos os edifícios balneários estudados e documentados. Duas áreas se sobressaíram na quantidade de edifícios que apresentam: o Delta e o Fayum. Decidimos nos centrar nestas duas regiões e nos vestígios aí encontrados (Fig. 20). No confronto destes com a bibliografia estudada, na forma de livros, artigos, relatórios de escavação e catálogos, procuramos detectar um padrão nas escolhas construtivas e nos hábitos culturais a elas associados. Uma vez encontrado o que acreditamos ser um padrão, selecionamos os quatro banhos que compõem este estudo para ilustrá-lo, já que existe uma clara impossibilidade de tratar a todos os 25 encontrados no escopo desta dissertação. Estimamos que um conjunto de quatro edifícios oferece ao mesmo tempo características passíveis de generalização, já que se encontram sistematicamente presentes em outros edifícios estudados, e singularidades que nos interessam salientar.

Figura 20 – Mapa das regiões do Delta e do Fayum com os 4 sítios estudados

Fonte: adaptado de Bowman (1990) apud Vasques (2005)

A seleção dos banhos aqui detalhados obedeceu a alguns critérios gerais, e outros específicos. O primeiro critério que os quatro compartilham é bastante pragmático: favorecemos aqueles edifícios que ofereciam maior abundância bibliográfica, inclusive de imagens, publicada e acessível à pesquisa. Outro fator determinante foi a representatividade, tanto geográfica quanto cronológica. Como estamos enfocando duas áreas, o Fayum e o Delta, decidimos que seriam representadas igualmente, com dois edifícios em cada uma. Cronologicamente escolhemos banhos que apresentam fases distintas de construção e uso, o que é de particular interesse para um estudo que pretende investigar continuidades e rupturas, e fases de transição são muito reveladoras neste sentido.

Os edifícios selecionados foram Buto e Kom el-Dikka no Delta, e Karanis e Crocodilópolis, no Fayum. Karanis e Kom el-Dikka foram construídos já na era romana, enquanto Buto e Crocodilópolis atravessaram o período dos séculos II a.C. a II d.C., primeiro como banhos do tipo ptolomaico, e depois, do tipo romano, ao menos em parte. Apresentamos a seguir resumidamente cada um dos sítios selecionados.

Buto – Banho Norte

Buto se situa no Delta central. O primeiro arqueólogo a se interessar por suas possibilidades foi William Flinders Petrie, que em 1904 visitou e mapeou parte do sítio, tendo publicado seus achados no ano seguinte, sem, no entanto, ter encontrado vestígios de banhos.

Hoje a cidade moderna se chama Tell el-Fara'in, e lá se encontram atualmente quatro estabelecimentos balneários distintos documentados. Destes, o mais estudado é o que se situa no chamado *Kom* “A” (ou *Kom* dos ingleses)¹³, o “Banho Norte”. É nele que se centrarão nossos estudos, pois possui três estágios construtivos pesquisados e publicados, distintos no tempo, e conheceu uma ocupação que se inicia no século II a.C. e chega ao século II d.C. Apresentava até meados do século XX um hipocausto quase completo do período romano, infelizmente hoje desaparecido, porém bem documentado. Foi escavado inicialmente nos anos 60 do século passado pela missão inglesa da EES (*Egypt Exploration Society*), e posteriormente por missões alemãs e francesas em associação com equipes da Universidade do Cairo. Até recentemente lá se encontrava a missão francesa dirigida por P. Ballet da Universidade de Poitiers.

¹³ “Kom” é o termo comumente utilizado no Egito pós-conquista árabe para designar uma pequena elevação, geralmente apresentando vestígios de ocupação humana.

Crocodilópolis – Serapeion

Crocodilópolis está situada na região do Fayum. Possui quatro estabelecimentos de banhos referenciados bibliograficamente, com várias fases de remodelamento sucessivas, o que cria ao mesmo tempo desafios para o estabelecimento de uma cronologia confiável, e pistas promissoras para a investigação das motivações por trás destas reformas.

Desafios também se apresentam pelas próprias contradições da bibliografia encontrada. Lucore e Trümper (2013) listam os quatro edifícios como ***Serapeion, banhos Norte, banhos Leste e banhos Noroeste***, dando a estes últimos ainda o nome de "pequeno(s) banho(s)" segundo são referidos pela população local, ao passo que Boussac, Fournet e Redon (2009) os listam como ***Serapeion, banhos Noroeste, banhos Oeste e "pequeno(s) banho(s)"***. Neste momento da pesquisa, o que há de certo é que dois deles não sobreviveram no registro arqueológico, mas foram escavados e publicados ainda que parcialmente em algum momento. O mais promissor e único sobre o qual todos concordam é o Serapeion.

Karanis – Banho Norte

Situada no oásis do Fayum, Karanis foi fundada por colonos gregos no seio de uma região dedicada à agricultura, e posteriormente viveu a chegada do conquistador romano.

Foi escavada entre 1923 e 1935 por equipes da Universidade de Michigan. Nos anos 1970 uma equipe do Museu do Cairo descobriu o banho Norte, e posteriormente a missão francesa ligada ao IFAO (*Institut Français d'Archéologie Orientale*) prosseguiu os estudos deste edifício. Este pequeno banho foi provavelmente construído logo após a conquista romana, e remodelado posteriormente, não apresentando, portanto, nenhuma feição cronologicamente pertencente ao período ptolomaico.

Hoje, grande parte do material lá encontrado se encontra em poder da Universidade de Michigan, no Museu Kelsey, que lá continua a trabalhar, promovendo ocasionalmente algumas exposições.

Alexandria – Banhos de Kom el-Dikka

Os banhos de Kom el-Dikka se situam no centro de Alexandria, numa área de estratigrafia complexa por diversos motivos, tais como guerras e movimentos sísmicos, além de uma intensa e milenar atividade de reaproveitamento de materiais construtivos. Pelo que

se podia depreender dos trabalhos lá conduzidos na década de 80 do século passado, pela missão polonesa que até hoje é a responsável pela área, o complexo termal foi edificado sobre casas romanas de uma era anterior, e estas repousavam sobre moradias ainda mais antigas, datadas do período ptolomaico. Foi encontrado sob seu complexo, e parcialmente escavado, um banho do período romano inicial, provavelmente abandonado quando da construção das termas imperiais, que o encobriram (REDON, 2017, p. 460).

Trata-se de um edifício imponente, ao que tudo indica levado a cabo por uma iniciativa oficial - municipal ou imperial, por seu porte, sua localização e sua planta monumental. É o único complexo balneário encontrado até hoje em todo o Egito que pode por todos os critérios ser classificado como termas imperiais, e isso por si só torna sua inclusão mandatória em nosso repertório.

A pesquisa aprofundada destes quatro edifícios balneários resultou na confecção de um banco de dados, apresentado no Capítulo 4 desta dissertação. Trata-se de um repertório contendo fichas catalográficas, mapas, plantas e fotografias no maior número possível condizente com o escopo deste trabalho, levantados em toda a bibliografia pesquisada, com a preocupação de incluir relatos antigos e até mesmo revistos, para melhor iluminar o percurso que cada banho mereceu dos pesquisadores em mais de 50 anos em alguns casos. O intuito foi reunir uma documentação visual que complemente as informações contidas nas fichas. O banco de dados está organizado da seguinte maneira:

1. FICHAS CATALOGRÁFICAS

As fichas foram elaboradas a partir da combinação do Catálogo editado por Redon (2017), com os de outros autores (LUCORE; TRÜMPER, 2013; NIELSEN, 1993) que ora corroboram, ora contradizem, ora complementam suas informações. Dele constam os dados mais atualizados sobre os sítios abordados neste trabalho, e as fichas que ele contém foram traduzidas e adaptadas por nós, servindo como base para as nossas próprias fichas. No entanto, há divergências em relação às outras fontes consultadas. Neste caso, isso está assinalado nas notas dessa seção.

Optamos por eliminar algumas categorias nelas contidas que não contribuem diretamente para as questões levantadas neste trabalho, mantendo as que fornecem subsídios

para nossa análise. As datações das diferentes fases, por exemplo, são cruciais, mas as particularidades técnicas do sistema de escoamento de águas, não. Assim sendo, as fichas constam dos seguintes itens:

Nome do sítio (como é referido em bibliografia).

Área analisada (nome específico do banho).

Localização (nome(s) da(s) cidade(s) moderna e antiga onde se encontra, situação dentro da cidade, coordenadas quando disponíveis).

Cronologia (fases de construção, remodelamento e abandono).

Estruturas e elementos balneários (superfície aproximada, ambientes, equipamentos e feições relacionados à atividade balneária, com indicação de sua localização nas plantas reproduzidas, sempre que possível).

Estruturas de aquecimento (equipamentos de aquecimento e sua localização nas plantas, sempre que possível).

Estado de preservação

Histórico de escavação

Principal bibliografia publicada

Observações (características e feições específicas ou originais de cada sítio não relacionadas nas categorias acima).

2. IMPLANTAÇÃO

Localização dos sítios na malha urbana e implantação dos banhos dentro do sítio, conforme o material disponível, ou seja, mapas, plantas ou fotos aéreas indicando a posição geográfica e/ou topográfica dos banhos. Além das quatro obras mencionadas, também foram usados artigos variados publicados em livros e revistas, e os relatórios de escavação dos quatro banhos repertoriados.

3. PLANTAS

As plantas foram reproduzidas A) em ordem cronológica de estágios de utilização dos banhos; e B) em ordem cronológica de publicação pelos estudiosos. Apresentamos mais de uma planta para cada banho porque consideramos que cada uma é um documento único em si,

materializando os achados daquele momento no tempo, além de ocasionalmente conterem informações não disponíveis em outra fonte. Há casos em que os sítios foram reescavados por outras equipes após as primeiras publicações (Buto, Kom el-Dikka), e outros em que a documentação e/ou o sítio foram revistos, reestudados ou revisitados, como é o caso de Crocodilópolis e Karanis. Contrastar e comparar as informações por vezes diferentes que oferecem é um desafio, mas em caso de divergências marcantes, seguimos a interpretação de Bérangère Redon, por ser a mais recente, e a mais completa. No caso de Karanis, dispomos de uma perspectiva axonométrica que julgamos útil incluir por permitir uma melhor visualização de alguns elementos descritos (Fig. 50). As traduções e detalhes assinalados nestas figuras são de nossa autoria.

4. FOTOS

As fotos foram retiradas das mais variadas mídias: livros, artigos impressos e publicados eletronicamente, relatórios de escavação, e arquivos pessoais. Infelizmente só pudemos visitar os banhos de Kom el-Dikka. Pelo exame dos relatórios de 15 anos de escavação da missão polonesa em Alexandria, e comparação de suas imagens com as nossas, pudemos identificar as estruturas que fotografamos.

As fotos seguem a seguinte ordem: apresentam primeiramente vistas gerais e parciais dos banhos, seguidas de fotos de detalhamento de aposentos, feições e equipamentos. Foram selecionadas seguindo o critério de permitir uma melhor compreensão dos sítios, uma vez que esse material é pouco conhecido e estudado no Brasil. Também foi levado em conta o critério de clareza na visualização de aspectos particulares citados e descritos nas fichas, e analisados no Capítulo 5. Um terceiro e último critério contempla a possibilidade de registrar o estado em que se encontravam os sítios em momentos distintos ao longo de seus históricos de escavação.

Com relação à documentação visual, fotografias em particular, chama a atenção o contraste entre a abundância do material encontrado para Buto, Kom El-Dikka e Karanis, e a escassez de material recente para Crocodilópolis. É o sítio que se encontra em pior estado de conservação, e por infeliz coincidência, o que menos se documentou em imagens, ao que tudo indica. Todas as fotos de que dispomos são dos anos 1960/1970. Mas estimamos que não seria esse um motivo válido para excluí-lo deste trabalho, e o próprio fato de se repertoriarem quatro edifícios de banhos neste local, ainda que não necessariamente operassem concomitantemente,

atesta a pujança das práticas balneárias aí difundidas. Pelo menos nesse momento da pesquisa, optamos por manter Crocodilópolis.

Também nesta seção, as traduções e detalhes assinalados nas figuras são de nossa autoria.

A análise dos dados encontrados e sistematizados neste repertório dos sítios investigados, e as hipóteses que eles permitem formular, constituem o Capítulo 5.

Elaboramos com o propósito de facilitar a leitura um Glossário de termos relacionados às práticas e aos edifícios balneários. Não é um glossário exaustivo do tema, apenas um auxílio à consulta daqueles utilizados aqui. Em todos os casos em que já são aceitos, empregamos os termos em língua portuguesa. Todos os termos relativos ao banho citados no corpo do texto ou nas ilustrações que não são de conhecimento comum aí se encontram. Usamos negrito para grafá-los quando são citados pela primeira vez.

CAPÍTULO 4

REPERTÓRIO DOS BANHOS INVESTIGADOS

Este capítulo reúne as fichas catalográficas dos banhos investigados neste trabalho, sua localização e sua implantação na malha urbana, quer como fotos aéreas, quer como mapa, a localização dos banhos dentro de seu respectivo sítio, suas plantas conforme registradas na bibliografia existente, e fotos compreendendo uma vista geral dos banhos e detalhes de feições, aposentos e equipamentos.

BUTO

1. FICHA CATALOGRÁFICA

NOME DO SÍTIO – Buto (Tell El-Fara'in)
ÁREA ANALISADA – Banho Norte
LOCALIZAÇÃO – Limite Norte do “ <i>Kom</i> ”; Coordenadas: 31° 11' 56.66'' N, 30° 44' 38.36'' L
CRONOLOGIA 1º estágio: 180-146 a.C. 2º estágio: início do século I d.C. 3º estágio: meados do séc. II d.C. Remodelamentos posteriores com datas desconhecidas Fase de abandono: final do séc. III/início do séc. IV d.C.
ESTRUTURAS E ELEMENTOS BALNEÁRIOS Superfície aproximada: 350 m ² . 1º estágio (estágio ptolomaico): (os números em vermelho se referem à planta da Fig. 24) • 1 <i>thólos</i> (1) com 22 <i>pyeloi</i> , diâmetro 6.10m

- Presença presumida de outro *thólos* (2)

- Sala retangular com duas banheiras de imersão individual (7)

2º estágio (estágio misto):

(os números em vermelho se referem à planta da Fig. 25)

- Separação em duas seções, com duas entradas separadas (11,18)
- 1 *thólos* (17) com número incerto de *pyeloi*, possivelmente 22 ou 23
- Destruição do 2º *thólos* para dar lugar a outras formas de banho incluindo banheiras de imersão em número incerto (ao menos cinco), em sala fria (22) e aquecida (23)
- Acréscimo de duas latrinas (15, 20), além de vários corredores (14, 16, 21) e ambientes intermediários (13, 19)

3º estágio (estágio romano):

(os números em vermelho se referem à planta da Fig. 28)

- Destruição do *thólos* 17 da Fig. 25, com remodelamento do espaço interno
- Provável apoditério (26) e frigidário (27)
- Aposento intermediário (28)
- Tepidário com aquecimento indireto (29)
- Destrictário (30)
- Caldário (31)
- 3 salas aquecidas com hipocausto (29, 30, 31)
- Duas banheiras retangulares (28a, 30a)
- Uma banheira redonda (31b) e uma banheira retangular (31a)
- Banheira de imersão semicircular (29a)

ESTRUTURAS DE AQUECIMENTO

1º estágio:

(os números em vermelho se referem à planta da Fig. 24)

- caldeira (6) entre o reservatório (5) e a sala (7)

2º estágio:

(os números em vermelho se referem à planta da Fig. 25)

- hipocausto para a sala de imersão aquecida (23)
- caldeira entre os aposentos 23 e 24

3º estágio:

(os números em vermelho se referem à planta da Fig. 28)

<ul style="list-style-type: none"> • hipocausto aquecendo 3 aposentos (29, 30, 31). • caldeiras (24, 39, 40) para aquecer as salas com banheiras, esta última (40) reaproveitada da fase anterior
<p>ESTADO DE PRESERVAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • precariamente preservado; parcialmente danificado e coberto por outras estruturas mais tardias; vários remodelamentos; desaparecimento completo das estruturas do hipocausto, atestado unicamente por fotografias e relatórios dos anos 1960 • as fundações dos aposentos frios são as mais bem preservadas
<p>HISTÓRICO DE ESCAVAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escavação em 1968/69 pela missão inglesa da EES • Escavação a partir de 2004 por equipes alemãs, egípcias e francesas • Escavação em curso pela Universidade de Poitiers, Universidade do Cairo e IFAO
<p>PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA PUBLICADA</p> <p>SETON-WILLIAMS, 1968 CHARLESWORTH, 1970-1972 REDON, LECUYOT E ABD EL-RAFA FADL, 2012 LUCORE, TRÜMPER, 2013 FOURNET, REDON, 2014, 2017 REDON, 2017</p>
<p>OBSERVAÇÕES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Presença de decoração no piso do aposento 33 da planta da Fig. 28, e assinalado na planta da Fig. 26. • Presença de pintura decorativa nas paredes do aposento 7 do 1º estágio e possivelmente do aposento 23 do 2º estágio (Fig. 35 A) • Presença de pintura decorativa mural do 3º estágio (Fig. 35 D) • Inserido numa área industrial de longa ocupação, de fornos cerâmicos e fabricação de cerâmica e faiança. Um forno relacionado a esta atividade foi construído, ainda no período romano, dentro do banho, sinalizando o abandono das atividades balneárias do edifício.

2. IMPLANTAÇÃO

Fig. 21 – BUTO - Implantação dos banhos no sítio - Mapa aéreo

Em verde estão marcados os quatro complexos balneários públicos conhecidos até aquela data. No destaque o banho Norte. Em amarelo um banho privado.

Fonte: Redon, Lecuyot e Abd el-Rafa Fadi (2012, p. 5).

Fig. 22 – BUTO – Planta topográfica da cidade antiga com localização dos banhos públicos, Banho Norte no destaque.

Fonte: Lucore; Trümper (2013, p. 49).

3. PLANTAS

BUTO – Banho Norte

Fig. 23 A - O 1º estágio no registro da escavação de 1969

Fonte:
Charlesworth (1970, p.
21).

Fig. 23 B - O 2º estágio no registro da escavação de 1969

Fonte:
Charlesworth
(1970, p. 23).

Fig. 24 –BUTO – Banho Norte – Planta proposta por Redon - 1º estágio

Fonte: Redon (2017, p. 397).

Fig. 25 – BUTO – Banho Norte– Planta proposta por Redon - 2º estágio

Fonte: Redon (2017, p. 397)

Fig. 26 – BUTO - O 3º estágio conforme registrado pela missão de 1969
 No detalhe, decoração do piso assinalada

Fonte: Charlesworth (1970, p. 26).

Fig. 27 – BUTO - Superposição dos três estágios ainda conforme o registro da missão inglesa – estado em que se encontrava o sítio em 1969

Fonte: Charlesworth (1970, p. 20).

Fig. 28 – BUTO – Banho Norte - Planta proposta por Redon - 3º estágio

Fonte: adaptado de Redon (2017, p. 466).

4. FOTOS

Fig. 29 - BUTO - Vista atual do Banho Norte

Fonte: Abd el-Rafa Fadl, Lecuyot e Redon, (2012, p. 22).

Fig. 30 - BUTO – Vista NE do Banho Norte em 2009

Fonte: Lecuyot; Redon (2010, p. 45).

Fig. 31 - BUTO – Banho Norte

Escavação de 1969 – hipocausto do período romano, hoje desaparecido

Fonte: Lecuyot; Redon (2014, p. 288).

Fig. 32 - BUTO – Banho Norte – 2º estágio

**Em primeiro plano a sala da banheira (22 na planta da fig. 25),
em segundo, a latrina (20 na planta da Fig. 25)**

Fonte: Lecuyot; Redon (2014, p. 290).

Fig. 33 - BUTO – Banho Norte – Escavação de 1969
Os *pyeloi* do 1º estágio

Fonte: Charlesworth (1970, Pr. XXVII).

Fig. 34 A - BUTO - Vestígios dos dois *thóloi*. O 2º *thólos* parcialmente encobre o primeiro, destruído após remodelamento no 2º estágio.
Sobre o 2º *thólos* observamos a banheira do 3º estágio (31a na planta da Fig. 28),
assinalada ↓ Cf. Fig. 34 B

Fonte: Lecuyot; Redon (2010, p. 49).

Fig. 34 B – BUTO

Banheira do estágio romano (3º) (31a na planta da Fig. 28).

Cf. Fig. 34 A

Fonte: Charlesworth (1970, Pr. XXX, 2).

Fig. 34 C – BUTO

Banheira do estágio romano (3º) (29a na planta da Fig. 28).

Fonte: Charlesworth (1970, Pr. XXVIII, 1).

Figs. 35 A, B, C e D - BUTO – Banho Norte – decoração dos pisos e paredes

Fig. 35 A – decoração da parede do aposento 7 do 1º estágio

Fonte: Lecuyot; Redon (2010, p. 44).

Fig. 35 B – decoração do piso do corredor 9 do 1º estágio

Fig. 35 C - decoração do piso do corredor 3 do 1º estágio

Fonte: Redon (2017, pp. 162-164).

Fig. 35 D – decoração das paredes do 3º estágio. Descrito como “falso mármore” por Lecuyot, aposento não identificado

Fonte: Lecuyot; Redon (2010, p. 44).

CROCODILÓPOLIS

1. FICHA CATALOGRÁFICA

NOME DO SÍTIO – Crocodilópolis
ÁREA ANALISADA – Banhos do Serapeion
LOCALIZAÇÃO – Medinet El-Fayum (Shedet/Crocodilópolis/Arsínoe/Ptolemais Evergetis/ Medinet el-Fayum/ Kiman Fares) Os banhos ocupam o provável limite Sudoeste do <i>kom</i> Coordenadas: 29° 19' 17.8" N, 30° 49' 48.8" E
CRONOLOGIA 1º estágio: período helenístico 2º estágio: remodelamentos na era ptolomaica tardia adentrando a era romana inicial (séc. I d.C.) É impossível, no atual estágio das pesquisas, determinar com segurança a fase de abandono
ESTRUTURAS E ELEMENTOS BALNEÁRIOS (as letras e números em vermelho se referem à planta da Fig. 38) <ul style="list-style-type: none">• Superfície aproximada: 980 m²• Dois <i>thóloi</i> (1 e 2) com 26 banheiras individuais (<i>pyeloi</i>) cada um¹⁴• 13 banheiras de imersão individuais distribuídas por quatro aposentos (E, G, H, e o aposento sob E)• Possui inúmeros aposentos cuja função é ignorada, entre eles, duas ou três prováveis latrinas (I, N)
ESTRUTURAS DE AQUECIMENTO (as letras e números em vermelho se referem à planta da Fig. 38) <ul style="list-style-type: none">• Provável caldeira com <i>boiler</i> (F)

¹⁴ A sala onde se encontram é designada como um “lacônico” por El-Khachab, assinalada com (**C**) na planta da Fig. 37, p. 80. O termo se presta a confusão, pois mais tarde passou a designar um aposento com outra função (Cf. Glossário e Cap. 5).

- Provável aquecimento nas paredes dos aposentos **E**, **G** e **H** (?), ou seja, os que contêm as banheiras de imersão ¹⁵

ESTADO DE PRESERVAÇÃO

- Muito ruim

HISTÓRICO DE ESCAVAÇÃO

- Completamente escavado por Yacoub, do SCA, em 1964.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA PUBLICADA

LECLANT, 1967

EL-KHACHAB, 1978

DAVOLI, 1998

DAVOLI, AHMED, 2006

FOURNET, REDON, 2017

OBSERVAÇÕES

- A escavação de 1964 nunca foi publicada. O relato mais completo existente é o de El-Khachab, datado de 14 anos depois. O restante da bibliografia publicada baseia suas conclusões nos seus dados, uma vez que os vestígios foram destruídos posteriormente. Redon visitou o sítio em 2011 e não o encontrou.

¹⁵ Redon admite aquecimento para o aposento **H**. Monika Trümper, cuja planta Redon praticamente reproduziu, não atribui aquecimento a este aposento.

2. IMPLANTAÇÃO

Fig. 36 - CROCODILÓPOLIS – Implantação dos banhos no sítio

Plano esquemático dos sítios visíveis em 1887, com localização dos banhos (Norte – N, Noroeste - NW, Leste – E, e Serapeion)

Fonte; Lucore; Trümper (2013, p. 48).

3. PLANTAS

Fig. 37 – CROCODILÓPOLIS – SERAPEION

Planta proposta por Trümper

Fonte: Trümper (baseada em El-Khachab [1978], 2009, p.176).

Fig. 38 - CROCODILÓPOLIS – SERAPEION

Planta proposta por Fournet e Redon

Fonte: Fournet; Redon (2017, p. 416).

4. FOTOS

Fig. 39 - CROCODILÓPOLIS – SERAPEION
Vista do sítio em 1964

Fonte: Davoli; Ahmed (2006, p. 85).

Fig. 40 - CROCODILÓPOLIS – SERAPEION
Vista parcial do sítio em 1964

Fonte: Davoli; Ahmed (2006, PL. XLI).

Fig. 41 – CROCODILÓPOLIS – SERAPEION – banheiras do caldário (salas **E e **H**)**

Fonte: El-Khachab (1978, pp.178-179).

Fig. 42 - caldeira (F**) entre o “lacônico” e o caldário**

Fig. 43 – CROCODILÓPOLIS – SERAPEION – *Thóloi* 1 e 2

Fonte: El-Khachab (1978, pp. 175 e 177).

Fig. 44 – Os 2 *thóloi* do “lacônico” (1, 2), caldário e caldeira central (F)

Fig. 45 – CROCODILÓPOLIS – SERAPEION
“Lacônico” (C) e parte do *elaiiothesion* (sala de massagem com unção a óleo semelhante ao *aleipterion*) (D)

Fonte: el-Khachab (1978, p. 176).

KARANIS

1. FICHA CATALOGRÁFICA

NOME DO SÍTIO – Karanis (Kom Aushim)
ÁREA ANALISADA – Banho Norte
LOCALIZAÇÃO – Kom Aushim 40 m ao Norte do Templo de Soxis Coordenadas: 29° 31' 12.6" N; 30° 54' 10.2" E
CRONOLOGIA 1º estágio: Início do séc. I d.C. ¹⁶ 2º estágio: remodelamentos ocorridos nos sécs. subsequentes, sem possibilidade de se estabelecer uma cronologia segura para eles Data exata do abandono incerta, mas estaria concluído no séc. VI d.C.
ESTRUTURAS E ELEMENTOS BALNEÁRIOS (os números em vermelho se referem à planta da Fig. 49) <ul style="list-style-type: none">• superfície aproximada: 200 m², dos quais 120 m² para a área do banho e 80 m² para o serviço• apoditério (equipado com bancos em alvenaria) (1).• frigidário (possível) (2).• tepidário (possível) (4).• 2 aposentos aquecidos (possível lacônico – presença de bancos em alvenaria (5), e caldário (6))• presença de 1 banheira de imersão individual em tijolos vermelhos no frigidário (2)• presença de 1 banheira de imersão individual em calcário no caldário (6)

¹⁶ Dado constando do catálogo de Nielsen (1993), baseado em tipologia. Fournet, Redon e Vanpeene (2017) não indicam esse dado.

- construção posterior em data incerta de uma chicane entre o apoditério, o frigidário e o tepidário

ESTRUTURAS DE AQUECIMENTO

- pisos aquecidos por hipocausto
- tubulações e chaminés embutidas nas paredes dos aposentos 5 e 6
- duto de vapor
- caldeira (7)
- 2 *boilers* colocados acima da caldeira
- fornalha do tipo “chama-alta”

ESTADO DE PRESERVAÇÃO

- Parcialmente preservada quando descoberta, sofreu forte deterioração por ações naturais e sobretudo humanas com o passar do tempo. Há um projeto multinacional de restauro e recuperação de toda a área, incluindo os banhos, sendo posto em prática, com a criação de um centro de exibição, documentação e preservação *in situ*, instalado na antiga residência dos arqueólogos da missão americana das décadas de 1920/30, chamada Beyt Sobek. Curiosamente, não há artefatos comprovadamente de Karanis em exibição
- Hoje os banhos se encontram estabilizados, parcialmente reconstituídos e relativamente bem preservados

HISTÓRICO DE ESCAVAÇÃO

- A cidade antiga de Karanis foi a primeira a ser visitada por Grenfell e Hunt no Egito, mas com a exceção de papiros eles nada pesquisaram por lá
- Entre 1926 e 1935 foi escavada e documentada pela Universidade de Michigan, que abriga um importante acervo artefactual e papirológico em seu museu, Kelsey, batizado em homenagem ao líder da missão
- Na década de 1970 foram descobertos e inteiramente escavados os banhos, pela missão conjunta egípcia (SCA) e francesa (IFAO)

- Mais recentemente, já no nosso século, uma equipe mista da UCLA, da Universidade de Auckland e da Universidade de Groningen, na Holanda, tem conduzido novas escavações e um projeto de consolidação, preservação e proteção, entre 2014 e 2015

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA PUBLICADA

EL-NASSERY, WAGNER e CASTEL, 1976

NIELSEN, 1990

YEGÜL, 1992

CASTEL, 2009

FOURNET, REDON, 2017

OBSERVAÇÕES

- Presença de um fragmento decorativo bem preservado, com motivo de folhas de parreira e cachos de uva, pertencente à meia-cúpula que decora a alcova contendo a banheira do aposento 2, cuja função presumida é o frigidário (Figs. 56-59)

2. IMPLANTAÇÃO

Fig. 46 - KARANIS – Implantação do Banho Norte no sítio

Fonte: Castel (2009, p. 233).

3. PLANTAS

Fig. 47 - KARANIS – Banho Norte
Planta proposta por Nielsen

Fonte: Nielsen (1993, p.187).

LEGENDA

A: apoditério

C: caldário

T: tepidário

F: frigidário

R: reservatório

Al: *alveus*

Pi: *piscina*

HT: "*heat trap*"*

Pr: *praefurnium*

Pz: poço

La: latrina

:: *suspensura*

→ duto de aquecimento

➡ entrada

* Não encontramos este termo em outras fontes, e optamos por não traduzi-lo. Nielsen o emprega para designar um aposento intermediário entre as salas frias e as quentes, que conservaria o calor (NIELSEN, 1993, p. 79).

Figs. 48 A e 48 B - KARANIS – Banho Norte
Plantas propostas por Castel

Fonte: Castel (2009, pp. 233- 234).

Fig. 48 A
Planta dos
ambientes

Fig. 48 B
Planta do
hipocausto

Fig. 49 - KARANIS – Banho Norte

Planta proposta por Fournet, Redon e Vanpeene

Fonte: Fournet, Redon e Vanpeene (2017, p. 478).

Fig. 50 – KARANIS – Banho Norte

PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA

Fonte: adaptado de El Nassery, Wagner e Castel (1976, p. 41).

Todas as fotos a seguir constam dos arquivos da missão de 1975, e depois a missão de 2006 do IFAO, e são da autoria e propriedade de Georges Castel, que as publicou em variados artigos e livros. Os exemplares aqui reproduzidos foram retirados de Boussac, Fournet e Redon (2009, pp. 232-245) e Castel et al. (1976, Pranchas XXXII a XLIX).

4. FOTOS

Fig. 51 A e 51 B - KARANIS - Banho Norte - vistas gerais

Fig. 51 A: Vista geral dos banhos SE/NO, em 1975.

Fig. 51 B: Vista geral dos banhos NO/SE, em 1975.

Fig. 52 - KARANIS - Vista geral da cidade de Karanis em 2006.

Os banhos estão assinalados à direita da imagem.

Fig. 53 – Entrada do banho: apoditério com degraus à esquerda. (1 na planta da Fig. 49).

Fig. 54 – KARANIS - Apoditério, parede S, em 1975 (1 na planta da Fig. 49).

Fig. 55 - Apoditério, vista a partir do frigidário em 2006 (1 na planta da Fig. 49).

Fig. 56 – KARANIS - Frigidário, em 1975, alcova com meia-cúpula decorada sobre a banheira

Fig. 57 - Frigidário, meia-cúpula e banheira após restauro, 2006 (2 na planta da Fig. 49).

Fig. 58 – KARANIS - Decoração da meia-cúpula do frigidário, 2006.

Fig. 59 - Decoração da meia-cúpula do frigidário reconstituída

Fig. 60 – KARANIS - Vista atual do apoditério, frigidário, e a chicane do 2º estágio, assinalada O

Fig. 61 - Tepidário, parede N e cúpula, em 1975 (4 na planta da Fig. 49).

Fig. 62 – KARANIS - Lacônico, piso e apoio dos bancos, em 1975 (5 na planta da Fig. 49).

Fig. 63 - Lacônico, ângulo NE, com nicho, saída de ar quente e porta do caldário, 2006.

Fig. 64 A – KARANIS - Caldário, com sua banheira, 2006 (6 da planta da Fig. 49).

Fig. 64 B – Banheira do caldário

Fig. 65 – KARANIS - Estruturas de aquecimento: caldeira e cisterna, vista NE/SO, 1975 (7 e 8

Fig. 66 - Estruturas de aquecimento, aspecto atual

KOM EL-DIKKA

1. FICHA CATALOGRÁFICA

NOME DO SÍTIO – Kom el-Dikka
ÁREA ANALISADA – Grandes Termas de Kom el-Dikka
LOCALIZAÇÃO – Alexandria Os banhos ocupam uma <i>insula</i> no que provavelmente era, à época, o centro da cidade. Coordenadas: 31° 11'45.0" N, 29° 54'14.5" E
CRONOLOGIA Primeiro estágio: inauguração na segunda metade do séc. IV d.C. ¹⁷ Segundo estágio: primeiro remodelamento na primeira metade do séc. V d.C. Terceiro estágio: segundo remodelamento na segunda metade do séc. VI d.C. Fase de abandono: início do séc. VII d.C.
ESTRUTURAS E ELEMENTOS BALNEÁRIOS <ul style="list-style-type: none">• Superfície aproximada: 12.000 m², dos quais quase 6.000 m² para o banho• Planta simétrica do tipo imperial, i.e., contendo o circuito completo de salas quentes, tépidas e frias• Somente o circuito Sul foi escavado completamente, mas seu layout provavelmente se repetia no circuito Norte• Quatro piscinas no frigidário, duas em cada destrictário, três em cada sudatório, duas no caldário, todas na 1ª fase• O terceiro estágio é o mais bem preservado. Dele datam ao menos uma piscina fria, e entre 4 e 7 banheiras no frigidário, 3 banheiras no primeiro aposento aquecido, 2 banheiras

¹⁷ Nielsen propõe o séc. III d.C., mas não substantia. Redon segue Kołataj, que escavou e publicou extensivamente o sítio, e também propõe o final do séc. IV, baseado em estratigrafia, achados numismáticos e cerâmicos (KOŁATAJ, 1992, pp. 47-51).

individuais e uma piscina semicircular grande no segundo ambiente aquecido, 2 banheiras retangulares, de 3 a 4 piscinas semicirculares e uma grande piscina circular no caldário

ESTRUTURAS DE AQUECIMENTO

- Só podem ser descritas com segurança as do terceiro estágio
- Presença de uma a três caldeiras em cada um dos seguintes aposentos: aposentos intermediários aquecidos, tepidário, caldário da entrada, **exedra** da saída e anexo do tepidário, aquecendo pisos e paredes
- Presença de três caldeiras ovais para o aquecimento do hipocausto e das paredes do caldário; presença de cinco caldeiras para aquecer a água dos *boilers* à esquerda dos dois sudatórios e do caldário
- Fornalhas do tipo “chama-alta”
- Presença de hipocausto aquecendo pisos, e chaminés embutidas nas paredes, essas últimas em provável substituição aos *tubuli* dos períodos anteriores

ESTADO DE PRESERVAÇÃO

- Relativamente bem preservado, parcialmente reconstituído, com realização de anastiloses¹⁸
- Suas fases sucessivas de reocupação e remodelamento por vezes dificultam a análise das estruturas
- Danos sísmicos e evidências de saques. O setor Nordeste do conjunto é o que se encontra em pior estado

HISTÓRICO DE ESCAVAÇÃO

- Escavado ao longo de mais de três décadas pelo Centro Polonês de Arqueologia Mediterrânea (*Polish Centre of Mediterranean Archaeology*) a partir dos anos 1960. Os relatórios detalhados se encontram online no Periódico da instituição, de 1988 até 2016

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA PUBLICADA

RODZIEWICZ, 1979; 1983; 1991b

MANDERSCHEID, 1988

¹⁸ Recomposição de partes danificadas de uma construção utilizando elementos deslocados de sua posição original

MAJCHEREK, 1990-2016

NIELSEN, 1990

KOŁATAJ, 1992

McKENZIE, 2003; 2007

THÉBERT, 2003

FOURNET, 2012

VENIT, 2012

LUCORE, TRÜMPER 2013

REDON, 2017

OBSERVAÇÕES

- Presença de uma (possivelmente duas) latrinas – uma para cada circuito
- Foram encontrados inúmeros fragmentos de revestimento de paredes, janelas e decoração de pisos (estuke pintado, mármore, molduras de janela, vidro de janelas, capitéis de colunas, bases de colunas, fragmentos de mosaico em *opus sectile*), além de fragmentos cerâmicos, vasilhas de uso doméstico, vidros e potes de cosméticos e moedas.
- Abaixo desta fase imperial foi encontrado um outro banho em 1960. Parcialmente escavado em 1981, quatro aposentos foram documentados. Atualmente se encontra encoberto, mas à época de sua escavação revelou estruturas, inclusive de aquecimento, e elementos decorativos como pinturas e mosaicos, que o levaram a ser datado com segurança no período romano inicial. Seu abandono pode ser atribuído à construção das termas imperiais que o cobrem, portanto, no séc. IV d.C.

2. IMPLANTAÇÃO

Fig. 67 - KOM EL-DIKKA – Implantação do sítio na malha urbana de Alexandria

Fonte: McKenzie (2003, p. 42).

Fig. 68 - KOM EL-DIKKA - Implantação das Termas no sítio

Fonte: Majcherek (2005, p.18)

3. PLANTAS

Fig. 69 - KOM EL-DIKKA
Planta da 1ª fase dos banhos

Fonte: adaptado de Kolataj (1992, Pl. IX)

- F: frigidário**
- D: destrictário**
- S: sudatório**
- C: caldário**
- A: anexo do caldário**
- p: piscina**
- r: rotunda**

Fig. 70 A e 70 B – KOM EL-DIKKA (última fase)
Plantas propostas por Kolataj

Fig. 70 A

Fonte: Kolataj (1992, p. 66)

Fig. 70 B

Fonte: Kolataj (1992, caderno de plantas, Pl. VIII).

4. FOTOS

Fig. 71 – KOM EL-DIKKA
Vista geral dos Banhos

Fonte: Kołataj (1992, contracapa).

KOM EL- DIKKA

Fig. 72 – Vista geral dos Banhos

Fonte: arquivo pessoal 2016.

Fig. 73 - Fachada Sul, conservada, com áreas subterrâneas expostas

Fonte: arquivo pessoal 2016.

KOM EL-DIKKA

Fig. 74 - Arco de sustentação do portão Sul, sobre corredor subterrâneo de serviços, restaurado. No alto à direita, as colunas do pórtico restauradas.

Fonte: arquivo pessoal 2016.

Fig. 75 – Piscina do caldário construída no recesso da parede (25 na fig. 70 B)

Fonte: Kolataj (1992, p. 92).

KOM EL-DIKKA

Fig. 76 – Piscina aquecida no frigidário, com duto de ar quente ligado ao destrictário

Fonte: Kolataj (1992, p. 74).

Figs. 77 A e B - Piscina fria revestida de mármore no frigidário, conservada (29 na fig. 70 B)

Fonte: arquivo pessoal, 2016

KOM EL-DIKKA

Fig. 78 –Banheira dentro do frigidário, restaurada (32 na Fig. 70 B)

Fonte: Majcherek (2009, p. 42).

Fig. 79 – Pequena piscina oval do frigidário, restaurada (33 na Fig. 70 B)

Fonte: Majcherek (2007, p. 44).

KOM EL-DIKKA

Fig. 80 - Apoditério, conservado. O apoditério ainda não tinha sido identificado quando da publicação da obra de Kołataj, e por isso não consta de sua planta.

Fonte: Majcherek (2008, p. 48).

Fig. 81 – Frigidário

“L” assinalando o *labrum* (36 na Fig. 70 B), e “p” a mureta (*pluteos*) da piscina (29 na Fig. 70 B)

Fonte: Kołataj (1992, p. 73).

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS ACHADOS

Apresentaremos aqui nossas reflexões acerca dos quatro banhos estudados. Num primeiro momento consideraremos cada um em sua singularidade, e em seguida os analisaremos em seu conjunto, tomando-os como representativos do panorama das práticas balneárias no Egito romano entre os séculos I a.C. e VI d.C.

Para maior clareza, é necessário esclarecer alguns termos relativos à prática balneária que utilizamos até agora, uma vez que definições tipológicas não são unanimemente adotadas pelos estudiosos. Quando falamos de banhos “gregos”, “greco-egípcios”, “helenísticos”, “ptolomaicos” ou ainda “romanos”, claramente precisamos definir o que queremos dizer.

Um critério importante que é frequentemente levado em conta é a cronologia. Ora, justamente o fator cronológico é um dos que mais suscita dúvidas, nem sempre sendo possível invocá-lo categoricamente. Poucas datações são obtidas com bases seguras na estratigrafia, e datas absolutas para construção, reforma ou abandono são uma raridade. Critérios geográficos, etnológicos e culturais foram tentados, mas são igualmente inconclusivos (TRÜMPER, 2009). Restam ao estudioso os achados artefatuais (quando seu contexto de achado pode ser estabelecido de forma segura, o que infelizmente não é frequente), as características tipológicas conhecidas nas fontes históricas, as comparações com outras construções similares do mesmo período, e as inscrições epigráficas (REDON, 2017), e a literatura especializada acaba por adotar uma mistura de características cronológicas e tipológicas para classificar os edifícios, com base na frequência com que se repetem.

Assim sendo, utilizamos “banhos gregos” aqui para designar aqueles que apresentam um *thólos* e banheiras de assento individuais (*pyeloi*), independentemente de sua localização geográfica, “helenísticos” para aqueles de tipo grego construídos após a expansão do império macedônico a partir do século III a.C., e “ptolomaicos” para os casos específicos do Egito pós-conquista macedônica, e anteriores à conquista romana no final do século I a.C.. Percebe-se que não são categorias excludentes. Encontramos inúmeras vezes na bibliografia um mesmo banho no Egito referido como grego, ptolomaico ou helenístico, dependendo da escolha do autor, e do aspecto – cronológico, tipológico, cultural - que este queira ressaltar. No Egito floresceu ainda um tipo específico de banho, categorizado por Redon como “greco-egípcio” e

descrito no Capítulo 2. Por fim, “banhos romanos” neste trabalho são banhos que não incluem *thóloi* ou *pyeloi*, e que apresentam um sistema de aquecimento por hipocausto.

5.1 Buto

Por sua situação geográfica, Buto foi uma antiga capital comercial, religiosa e administrativa, sede de templos e um oráculo famoso na Antiguidade, situada num cruzamento de vias fluviais e terrestres, e por esse motivo integrava-se facilmente à rota marítima que ligava o Egito à Ásia e à Europa (SETON-WILLIAMS, 1965). Embora não disponhamos de dados demográficos confiáveis, é natural supor que seu contingente populacional se manteve importante através dos séculos. O período ptolomaico registra arqueologicamente dois edifícios balneários distintos que possuem uma planta praticamente idêntica: o recém-escavado Banho Leste, de que não trataremos aqui, e o Banho Norte.

Em quatro séculos, uma das ocupações mais longevas até agora documentadas no Egito, o Banho Norte de Buto teve três fases principais de uso, embora uma quarta fase seja ocasionalmente referida (CHARLESWORTH, 1970; LECUYOT, 2010; LUCORE; TRÜMPER, 2013), sem no entanto ter sido sistematizada em nenhuma publicação. A primeira fase, datada do início do século II a.C.¹⁹, teve subfases de remodelamentos ou reparos, mas não é possível reconstituir nem sua cronologia precisa nem suas plantas, devido às condições de conservação dos vestígios. Há indícios inclusive que entre este estágio e o seguinte tenha havido um abandono completo das atividades balneárias aí. Trabalhamos com uma planta que descreve a fase inicial deste primeiro estágio (Fig. 25). Concebido como um edifício de tipo grego típico na forma de banho (*thólos*, *pyeloi*), mas incorporando elementos recorrentes nos banhos ptolomaicos do Egito, como o duplo *thólos* e a divisão em três seções principais (entrada/seção higiênica/seção aquecida, esquematizadas na Fig. 2), neste estágio o Banho Norte de Buto é um exemplo quase perfeito do chamado banho greco-egípcio (REDON, 2017, p. 103-108). Seria interessante poder determinar se este foi um modelo que se originou na capital Alexandria, e de lá se irradiou para as outras regiões, ou se a difusão deste modelo se deu de outra forma. Há evidências papirológicas de uma difusão de elementos decorativos e esquemas construtivos a partir de Alexandria (GUIMIER-SORBETS; REDON, 2017, p. 149), mas para asseverar que o modelo regional greco-egípcio não foi uma iniciativa autônoma das províncias e sim um

¹⁹ Datação por achados artefatuais, como cerâmica ou moedas (REDON, 2017).

modelo exportado da capital seria necessário que um número maior de banhos em Alexandria estivessem melhor conservados e fossem estudados para uma comparação válida.

O percurso do banhista transcorria da seguinte forma: uma entrada central pelo lado Oeste dá acesso a um vestíbulo (8, Fig. 24) que se divide à direita e à esquerda em dois corredores periféricos (9 e 10), contornando os dois *thóloi* (1 e 2), cada um contendo entre 22 e 23 banheiras de assento individuais (Fig. 33). Dentro desta sala se encontram dois pequenos tanques, ou bacias, semicirculares, um de cada lado para abluções ou uma possível primeira higiene dos banhistas, e nenhuma destas estruturas, ou a água, é aquecida. O acesso a esta sala é feito pelos aposentos 3 e 4, que formam um ângulo reto com os corredores 9 e 10, respectivamente. Entre os aposentos 3 e 4 foram construídos em algum momento dois reservatórios de água, aquecidos por irradiação da caldeira 6, e sua presença torna a circulação do corredor 3 para o corredor 4 quase impossível. Tudo parece indicar que somente pelo corredor 10 o banhista tem acesso ao aposento 7, a sala de relaxamento, que contém duas banheiras de imersão individuais, e também recebe calor da caldeira 6, ao menos em seu lado Norte. Além da caldeira, um tanque (5) e um reservatório adjacente completam o conjunto dos elementos encontrados. O acesso a eles se faz pelo aposento 3, que seria seu acesso de serviço. A saída se faz voltando pelo caminho por onde se entrou, configurando o chamado circuito, ou itinerário, retrógrado.

Salientamos aqui a desproporção, comum para a época, entre a seção de higiene e a seção de relaxamento, mencionada no Capítulo 2. Além disso, o acesso truncado do *thólos* 1 à sala de relaxamento 7 nos permite conjecturar se essa não seria uma forma de controle deste acesso. Se é verdade que a popularidade do duplo *thólos* no Egito se deveu a seu uso pelos dois sexos separadamente, conforme parece comprovar de maneira convincente a documentação papirológica (MEYER, 1992), o mesmo não se pode dizer das salas de relaxamento (ou de imersão), já que essas nunca são duplicadas. Conhecemos a popularidade dos banhos de imersão no período helenístico, atestada amplamente em bibliografia (DeLAINE, 1989; TRÜMPER, 2009, p. 140). Se temos uma capacidade de 44 a 46 banhistas, e somente duas banheiras de imersão para atendê-los, alguma forma de seleção tinha que ser feita. Não é impossível imaginar que parte da clientela fosse privilegiada nesse sentido – uma hipótese, enunciada por Redon (REDON, 2017, pp.122-125) é que tenha sido a clientela masculina. Todavia, a questão ainda carece de discussões e conclusões. Observe-se também que este foi o único aposento deste estágio onde foi encontrada decoração mural (Fig. 35 A). Contudo, este

dado não deve ser superestimado, pois as condições de preservação de todas as paredes desta fase não conduzem a este tipo de achado.

Outro ponto digno de nota diz respeito a uma feição que parece ter sido típica dos banhos gregos do Egito: o sistema de corredores. Mais simples ou mais complexos, estão presentes na quase totalidade dos edifícios balneários do período, e além de garantir a circulação, ainda eram dotados de fontes e tanques de água para lavar-se e beber, caracterizando um espaço de encontros e socialização casual (TRÜMPER, 2009, p. 150). Voltaremos a esta questão mais adiante.

O segundo estágio do Banho Norte de Buto, datado do início do século I d.C.²⁰, também compreende subfases de remodelamento ou reparos cuja reconstituição exata se demonstrou impraticável. Ele caracteriza um tipo de banho híbrido, de transição, mesclando feições gregas, egípcias e romanas. Reproduzimos abaixo a planta do período final desta etapa proposta por Fournet e Redon (Fig. 25) para facilitar o acompanhamento.

Fournet, Redon (2017, p. 397)

Diversas transformações importantes são constatadas. A primeira diz respeito à entrada, que é duplicada e deslocada para o lado sul do edifício, e se divide em dois circuitos distintos. Este fato se deve sem dúvida à segunda modificação introduzida: o segundo *thólos* (2) do primeiro estágio é destruído, dando lugar a novos aposentos (12, 13, 15, 19, 20, 22), e um número expressivo de corredores em formato de “L” (14, 16, 21). Assim sendo, o banhista

²⁰ Datação por achados artefatuais (REDON, 2017).

decide, ao chegar, qual o circuito que vai seguir. Entrando pela esquerda via aposento 11, presumivelmente um vestíbulo, construído neste estágio, ele chega a um vestiário (12) dotado de um banco, passa pelo aposento intermediário 13, prossegue pelo corredor 14 (em ângulo reto), tendo à sua esquerda a latrina (15) que também é um acréscimo desta fase, toma o corredor 16, novamente em ângulo reto, e chega ao *thólos* 17. Esse *thólos* também data desta fase, tendo sido construído sobre as estruturas do *thólos* 2 da primeira fase. Este sofreu infiltrações que terminaram por provocar seu desabamento. Para evitar que o problema se repetisse, o *thólos* 17 foi erguido mais alto e mais a oeste que o seu antecessor, como pode ser constatado na Fig. 34 A. Estamos pois em plena era romana, e um novo *thólos* com suas banheiras de assento individuais tipicamente gregas é construído, preservando para esta comunidade a possibilidade de continuar usufruindo do quê, ao que as evidências indicam, continuava a ser uma forma de banho apreciada. Não foram encontrados vestígios das bacias, tanques e pias que normalmente são encontradas nos *thóloi* em toda parte, e atestados aqui no 1º estágio.

Contudo, a influência romana se faz notar de forma mais evidente no segundo circuito, que o banhista adentra pelo aposento 18, também datado desta fase. Ele chega ao aposento 19, cuja função é incerta, e possui ao centro um espaço retangular delimitado por uma mureta baixa nos quatro lados, de aproximadamente 10 cm de altura. Conteria bancos cujo material se perdeu, como madeira? Ou camas, igualmente perecíveis, para massagem, com óleos? Seria um espaço para relaxamento, conteria aquecimento portátil seco ou a vapor, já que as estruturas não evidenciam nem tubulações nem escoamento de nenhum tipo? Tudo isso é possível, porém nada pode ser comprovado. O pesquisador Alex Almeida sugere ainda a possibilidade de se tratar de um implúvio, estrutura que tinha por função coletar e armazenar água de chuva, e que possuía características morfológicas semelhantes, ou ainda de um pedilúvio.²¹

Prosseguindo, o banhista pode visitar a latrina (20), ou se dirigir à sala 22, onde há uma única banheira individual fria (Fig. 32). Alternativamente, pode continuar até a sala de relaxamento 23. Esta é aquecida por hipocausto, e contém 4 banheiras individuais de imersão quentes dispostas contra as paredes. Um arranjo semelhante é registrado nos relatos de escavação da temporada de 1966. Nele, Seton-Williams descreve três banheiras, encontradas mais a Sudoeste, provavelmente pertencentes a outro edifício balneário contemporâneo do Banho Norte. Todas três são feitas de tijolos cozidos e revestidas de massa internamente e em três de seus lados externos, o quarto lado mantido sem revestimento indicando sua posição junto

²¹ ALMEIDA, A.S. Comunicação pessoal

às paredes. Deviam ser enchidas à mão pois não apresentam sinais de canos, somente de escoamento diretamente no piso, que devia ser inclinado e levar a um dreno num canto da sala (SETON-WILLIAMS, 1966, p. 166).

Percebemos assim um misto de influências culturais, configurado na manutenção do *thólos* e seus *pyeloi*, tipicamente gregos, no aumento da capacidade de banheiras de imersão individuais – uma preferência greco-egípcia, assim como a criação de dois itinerários separados para o banhista, separando a frequência por gênero e proporcionando possibilidades distintas de experiência balneária; e como contribuições romanas, citamos a introdução de um número expressivo de latrinas e a adoção do hipocausto, ainda que parcial (apenas uma sala era assim aquecida) e tardia em relação ao resto do mundo greco-romano. Podemos mencionar também o aumento da capacidade de aprovisionamento de água com a construção do reservatório 25, e o desaparecimento paralelo das bacias e tanques, sempre presentes nos banhos de *thólos*, o que nos parece intrigante, pois não restou um sequer da fase anterior.

Um último aspecto que deste estágio gostaríamos de salientar é o sistema de corredores, já mencionado acima. Chama-nos a atenção, para um espaço relativamente pequeno, tanto sua quantidade quanto sua forma, em “L”. Parece-nos óbvio que tal como foram concebidos esses corredores impactam na circulação, tornando-a mais tortuosa e menos fluida, e na visibilidade dos aposentos, o que aparenta ser proposital. Uma comparação entre as plantas dos banhos helenísticos aponta um dado crucial: este sistema de corredores é característico do Egito, e dele apenas, não sendo encontrado em nenhuma outra região (TRÜMPER, 2009, p. 160). Somos levados a nos indagar se esta ânsia por privacidade seria um traço cultural novo, resultante das trocas culturais ocorridas entre gregos e egípcios, a ponto de gerar uma modificação arquitetônica.

Em uma maioria dos edifícios balneários estudados, encontramos pois dois itinerários distintos, cada um servido por seu(s) corredor(es). Chegava-se a banho de relaxamento (ou imersão) por um itinerário mais longo e tortuoso, que sempre passava pelo espaço central do prédio, ao passo que a seção de higiene podia ser acessada independentemente, por outra entrada, ou pelo itinerário mais curto. Igualmente significativa é a constatação da adoção maciça de corredores não lineares e chicanes no século I d.C. em todos os banhos considerados híbridos, ou seja, aqueles que conjugam características dos banhos greco-egípcios com feições romanas (FOURNET; REDON, 2017, p. 112-113). Este fator, aliado à supressão das fontes e tanques nas áreas ao redor das duas seções parece caracterizar uma tendência a um maior desejo de privacidade.

Um século e meio depois²², o banho Norte de Buto se encontra completamente transformado em banho do tipo romano, todos os vestígios do tipo grego suprimidos, notadamente o *thólos*.

Redon relata dificuldades na reconstituição do circuito do banhista em função do estado de preservação do terceiro estágio e da imprecisão das plantas originais propostas pelas equipes inglesas que primeiro documentaram este banho (REDON, 2017, p. 465). Mas baseado em comparações com outros banhos e apoiado pelos vestígios remanescentes, o seguinte itinerário pode ser reconstituído:

Entrada pelo Sul no aposento 26, o provável apoditério, levando ao aposento 27, provável frigidário, 28 (sala intermediária com banheira individual fria 28a), 29, o tepidário aquecido com sua banheira de imersão semicircular (29a, Fig. 34 C), 30 (destrictário/lacônico aquecido por hipocausto, com a banheira retangular 30a) e 31, o caldário, com as banheiras de imersão 31a (Figs. 34 A e 34 B) e 31b. A saída se dá pelo tepidário de saída 32 e o aposento 33 e finalmente o aposento 26, onde provavelmente o banhista recolhe seus pertences aí deixados na entrada. Temos caracterizado pois um itinerário circular, onde o banhista entra, se movimenta e sai pelo mesmo lugar, mas não volta pelo caminho já percorrido, diferentemente do itinerário retrógrado da fase anterior. Reproduzimos aqui a planta com o circuito provável assinalado.

Fig. 82 – Provável itinerário do banhista no estágio final do Banho Norte de Buto

Fonte: adaptado de Redon (2017, p. 466).

²² Datação por achados artefatuais, (REDON, 2017).

Observamos um aumento ainda maior na capacidade de abastecimento de água com a construção dos tanques 37 e 38 (reconstituídos), além do tanque 5 e do reservatório 25 que foram mantidos. É notória a dificuldade no Egito de diferenciar tanques de banheiras de imersão, por sua morfologia e revestimento semelhantes (TRÜMPER, 2009, p. 145). Todavia, a localização destes tanques na área de serviço do banho não parece deixar dúvidas de que aqui é disso que se trata. Mas em outros casos a questão é mais duvidosa, inclusive por imprecisões terminológicas nos relatos, particularmente quando são mais antigos e os autores já não podem ser consultados. “*Basin*”, “*bathtub*”, “*pool*” e “*tank*”, em inglês, e “*bassin*”, “*bassine*”, “*cuve*” e “*baignoire*” em francês, somente para citar alguns exemplos, nem sempre são usados de forma clara e consistente na bibliografia²³, o que cria uma dificuldade adicional para o leitor lusófono, que ademais não dispõe de um termo genérico para designar recipientes de água para banho.

O consumo necessário de água nunca foi objeto de um estudo sistemático para os banhos do Egito (TRÜMPER, 2009, p. 160). Quanta água era necessária para encher as banheiras e bacias, com que frequência era trocada essa água, ou mesmo quanta água um banhista usava quando se banhava num *pyelos*? Estas seriam questões interessantes para enriquecer o debate acerca do aprovisionamento de água nos banhos egípcios, uma vez que o gerenciamento público da água ocupa um lugar central tanto na cultura urbanística romana - por sua profusão - quanto na vida cotidiana no Egito - por sua escassez. Contudo, mesmo sem tais dados podemos constatar, no Banho Norte de Buto assim como em todos os outros pesquisados, a ausência de grandes piscinas comunitárias, aquecidas ou não. Após sua reforma completa, o edifício inteiro conta com três banheiras de imersão retangulares, uma semicircular e uma circular, todas com capacidade reduzida (28a, 29a, 30a, 31a e 31b; Figs. 34 B e 34 C). As maiores, 30a (comprimento incerto de no máximo 3,20m e largura de 1,20m) e 31b (2,20m de diâmetro), não comportam com um mínimo de conforto mais do que 3 banhistas ao mesmo tempo, e as outras são individuais. Este fato nos leva a especular sobre o porquê da necessidade de aumentar a capacidade de estocagem de água.

Uma hipótese levantada por alguns autores que os vestígios parecem sustentar é a introdução de um banho de sudoração no local anteriormente ocupado pelo *thólos* 17 da fase anterior, no aposento aqui designado como 36. Esta possibilidade foi originalmente proposta por Charlesworth em seu relato da primeira escavação realizada nesta área de Buto

²³ Castel, por exemplo, utiliza “*cuve*”, “*bassin*” e “*baignoire*” em diferentes partes de seu relatório para descrever as mesmas duas banheiras em Karanis (CASTEL, 1976).

(CHARLESWORTH, 1970, p. 25). Conforme o que ela descreve e a planta que apresenta, o espaço teria conservado sua forma circular (Fig. 26), e teria sido elevado e revestido de lajes ou lajotas (“*tiled*”), podendo servir como lacônico ou sudatório, hipótese em que mais água é necessária, embora novamente não haja como precisar em que quantidades. Note-se que ele se encontra fora da área aquecida pelo hipocausto, portanto qualquer aquecimento teria que ser portátil, um braseiro sendo o mais comum.

Atribuímos o fato do aposento 36 ser documentado, mas não descrito, na planta de Redon ao fato de que no momento de sua confecção a estrutura circular e seu piso já não eram visíveis, tendo desaparecido juntamente com outras feições da fase romana deste banho.

Poucos vestígios restam igualmente dos elementos decorativos desta fase, em virtude do desaparecimento das superfícies onde poderiam ser encontrados – pisos e paredes. O aposento 33 apresenta um tipo de piso de seixos e lascas de pedras multicoloridas assentados em cimento hidráulico, comum nos banhos egípcios desde a época helenística (GUIMIER-SORBETS; REDON, 2017). Não são fornecidos maiores detalhes, ou uma fotografia. Fragmentos de pinturas murais imitando mármore também foram relatados (Fig. 35 D), sem identificação de sua localização. Tudo o que podemos concluir é que foram feitos esforços para embelezar este edifício, sem no entanto podermos analisá-los.

5.2 Crocodilópolis

Crocodilópolis se situa na região central do Fayum, e conheceu, sob diversos nomes, uma longa ocupação, tendo sido a capital do nomo arsinoíta. Hoje se encontra dentro dos limites urbanos da cidade moderna de Medinet el-Fayum. De seu sítio arqueológico protegido de cerca de 2,8 km² no final do século XIX, hoje restam cinco pequenas áreas que somam algumas dezenas de metros quadrados (DAVOLI, 1998, p. 149). Estruturas e artefatos foram removidos de suas localizações originais e realocados em depósitos, museus, e na Universidade local, em resposta a uma forte expansão imobiliária nas últimas décadas. Some-se a isso uma milenar atividade de retirada de *sebbakh*²⁴ e outros materiais construtivos, além da perda dos registros de contextos de achado para todos os artefatos encontrados, e o que temos é um panorama desolador para a reconstituição arqueológica das práticas e construções aí levadas a cabo.

²⁴ Material orgânico utilizado nas construções e reaproveitável como fertilizante e combustível.

A missão do Serviço das Antiguidades do Egito (SCA) que conduziu a escavação de 1964 – a única lá realizada – dirigida por Foad Yacoub, inexplicavelmente nunca a publicou.²⁵ Em 1978 EL-Khachab publicou um suplemento dos anais do SCA onde investiga vários *Serapeia*, incluindo aí o Serapeion de Crocodilópolis, que ele visitou, documentou e descreveu (EL-KHACHAB, 1978). Toda a bibliografia posterior se guia por este único relato, onde ele explicita a dificuldade de datação: “*Para dizer a verdade, faltam-nos meios de datação, como seriam moedas ou outros objetos, pelos quais poderíamos precisar a duração de sua existência. Embora muitos tenham sido achados, estavam no depósito da inspetoria com outros de outros sítios, e estão todos misturados.*” (EL-KHACHAB, 1978, p. 65). Redon apoia a datação para as duas fases em tipologia, sem conseguir distingui-las com segurança, pois a planta “*mistura vestígios das duas fases*” (FOURNET; REDON, 2017, p. 415).

Utilizando, pois, este relato e sua planta, e alternativamente a leitura de Fournet e Redon, apresentamos os dois itinerários propostos. Incluímos abaixo a planta de El-Khachab (Fig. 37) e a planta de Fournet e Redon, que introduz alguns novos elementos (Fig. 38).

Fonte: Trümper (baseada em El-Khachab [1978], 2009, p.176).

Fonte: Fournet, Redon (2017, p. 416). Invertido p/ melhor visualização.

Segundo Fournet e Redon, a entrada é feita pelo Sudeste, pelo corredor central **J**²⁶ que leva diretamente, à direita e à esquerda, aos dois *thóloi* **1** e **2**. Temos aqui um primeiro problema

²⁵ A única publicação desta campanha descreve um banho privado na mesma região (Foad YACOUB, *A Private Bath Discovered at Kîmân-Fâris, Fayûm*, «ASAE» 60, 1968, pp. 55-56, Pls. i-iv).

²⁶ Não assinalado na planta de El-Khachab, acreditamos que por uma omissão tipográfica, já que as letras seguem uma sequência alfabética. Fournet e Redon retificam este engano.

de terminologia. El-Khachab identifica esta sala (C) como “*laconicum*”, e afirma ser essa “*uma sala essencial do serapeum*” (EL-KHACHAB, 1978, p. 66). Nas fontes papirológicas e nos estudos do século passado, a palavra “*thólos*” parece ter se transformado com o tempo em sinônimo de lacônico (GINOUVÈS, 1962, p. 202; NIELSEN, 1993, p. 159), o que, aliado à presença de vapor em todas as salas do banho defendida por El-Khachab, e à qual voltaremos mais adiante, pode explicar este fato. Nas décadas posteriores, com o aprofundamento dos estudos de cultura e práticas balneárias, um maior rigor terminológico pode ser observado, com uma conceituação mais criteriosa dos termos. Assim, “lacônico” designa uma pequena sala (geralmente redonda) com a função específica de sudoração, originalmente seca.²⁷ De todo modo, não havia, e ainda não há, uma uniformização total dos termos.

Prosseguindo pelo corredor J chega-se ao corredor C, que Redon distingue da sala dos *thóloi*, diferentemente de El-Khachab. Os indícios de paredes entre o corredor e a sala parecem sustentar esta hipótese, sobretudo porque elas separariam a parte fria da parte quente – as salas de imersão E, G, H e a sala D, que para El-Khachab constituem o caldário. As salas E, G e H contêm ao todo dez banheiras de imersão individuais, e o fato de que sob a sala E tenham sido encontrados vestígios claros de um outro aposento de um período anterior contendo ao menos três outras banheiras, aponta para um remodelamento deste setor, mais uma vez infelizmente em data incerta. Possivelmente esta reforma tem conexão com a instalação de aquecimento embutido nas paredes, também aventado por Lucore e Trümper (2013, pp. 323-324). O aquecimento da sala H nos parece mais incerto, pela distância que se encontra da caldeira F, não tendo sido relatados vestígios de aquecimento embutido em suas paredes.

Uma possível segunda entrada, secundária ou de serviço via aposento A (para o qual não atribuem função), leva a um corredor tortuoso que desemboca ou no mencionado corredor J, ou no aposento B e no hall de distribuição R, e a provável latrina I, além da área de serviço U. Devemos ressaltar que ambas as entradas são reconstituições possíveis, propostas por Fournet e Redon através de sua análise dos dados disponíveis. El-Khachab tem outra proposta para esta sequência de aposentos (EL-KHACHAB, 1978, pp. 65-67), que para nós faz mais sentido.

Segundo este autor, a entrada se faz pelo aposento A, que juntamente com M constituiria o apoditério, passando em seguida ao tepidário B chegando ao aposento C, o “lacônico”. De lá o banhista pode se dirigir às salas de relaxamento E, G e H, tendo passado pela sala D. Esta é

²⁷ Cf. Glossário

descrita como um pequeno *elaiiothesion*, sala destinada à massagem com óleo (equivalente a um *aleipterion*). As duas pequenas bacias (uma delas dividida em dois compartimentos) na sua extremidade Oeste (à esquerda na sua planta e à direita na de Redon), conteriam (no original: *continham*) óleos e medicamentos. É interessante salientar que esta possibilidade é apresentada como uma certeza, mesmo sem que vestígios destes produtos, ou mais verossimilmente, de seus frascos e potes, tenham sido mencionados.²⁸ Seja como for, parece-nos mais razoável que os banhistas entrem por um apoditério, como em praticamente todos os outros banhos, do que diretamente na sala dos *thóloi*, sem ter passado por um lugar onde, no mínimo, se despissem e guardassem seus pertences.

A distribuição dos banhistas pelas salas de imersão não fica muito clara, posto que falta sinalizar as portas das salas **D**, **E** e **H**, fato que o próprio autor atribui a um descuido nas instruções dadas ao desenhista (p. 66). Há uma comunicação clara entre **D** e **E**, mas da maneira como estão desenhadas nenhuma das duas parece ter um acesso externo, o que é claramente impossível, problema que se repete na sala **H**, fechada nos quatro lados.

Assim, o mais provável é que os banhistas tenham se distribuído pelas salas das banheiras indiferentemente, tendo ou não feito uso da sala de unção a óleo, que por sinal era bastante pequena, medindo aproximadamente 4,5 m X 1,5 m, descontada a área das bacias. Calculamos que não poderia acomodar mais do que dois banhistas cada vez. El-Khachab assinala a importância do posicionamento central da caldeira em relação a todas as salas, argumentando que juntamente com a grande quantidade de água aquecida pelos *boilers* (caldeirões) colocados acima das caldeiras, um forte calor úmido seria gerado que produziria vapor e se espalharia por todo o edifício. Para isso contribuiria também a altura das paredes, preservadas em 1,30 m.

Chegamos às estruturas **P** e **Q**. Novamente aqui há discordância quanto à sua função. Segundo Fournet e Redon, estes seriam tanques, ou reservatórios. Já para El-Khachab, trata-se de piscinas. Conforme já foi mencionado aqui, há no Egito, e provavelmente em outras partes, grande dificuldade de se distinguir entre banheiras e tanques devido às suas características físicas semelhantes quando encontrados em contextos arqueológicos. O mesmo, cremos, se aplica a piscinas.

Béatrice Meyer já chamava a atenção, em 1994, para a defasagem de informações concernindo o provisionamento de água *limpa* para estabelecimentos balneários, ausentes da

²⁸ “À l’autre extrémité [...] se trouvaient deux petits bassins, dont l’un était divisé en deux parties, qui *contenaient* de l’huile et des médicaments.” (El-KHACHAB, 1978, p. 66). Grifo nosso.

quase totalidade dos relatórios de escavação de então, em contraste com a diligência com que era registrado o sistema de evacuação e drenagem das águas *usadas* (MEYER, 1994, p. 274). Parece-nos que se dispuséssemos destas informações para Crocodilópolis, estaríamos em melhores condições de resolver esta divergência. Examinaremos, pois, as evidências que nos são apresentadas.

Tomemos as características de **P** e **Q**, começando por suas dimensões. **Q** mede aproximadamente 3,60m X 3,80m, e **P**, 3,60m X 2,80m. Infelizmente não dispomos da medida da profundidade de nenhum dos dois, o que também poderia ajudar a esclarecer sua função. Se são piscinas, são as maiores encontradas no Egito neste período.²⁹ **P** tem degraus - quatro, de acordo com El-Khachab, não especificados por Fournet e Redon, que contudo os reproduzem em sua planta. Portanto, teríamos em um cenário um tanque com degraus e outro sem, e em outro cenário duas piscinas, uma com degraus e outra sem. Não é muito provável que num mesmo aposento se encontrasse um tanque destinado ao abastecimento de água, e portanto, parte integrante da área de serviço do banho, operada por seus funcionários, e uma piscina, utilizada pelos clientes para seu relaxamento. Assim sendo, temos que aceitar que ambas as estruturas tivessem a mesma função. Degraus fazem mais sentido em uma piscina, até onde sabemos não tendo sido relatados em tanques assim identificados com segurança. Porém, isto nos leva a um problema sério de abastecimento de água. El-Khachab assinala mais dois reservatórios menores a Oeste de **P** e **Q**, dos quais Fournet e Redon só restituem um, o menor, **T**, em sua planta (1,50m X 2m, profundidade não conhecida). Ora, temos dois *thóloi* com 25 ou 26 banheiras de assento cada, dois recipientes de água quente - um junto a cada *thólos* - dez banheiras de imersão pelo menos, e mais as latrinas, para alimentar de água. Embora não se possa comprovar que todos tenham funcionado ao mesmo tempo a plena capacidade (REDON, 2017, p. 415), temos que admitir essa possibilidade. Apenas o reservatório **T** não seria suficiente, nem mesmo **T** em conjunto com o outro (que marcamos com um **Y**), caso estivesse funcionando. A tudo isso acrescenta-se a localização destas estruturas – junto à latrina **I**, e no lado do edifício ocupado pela área de serviço, que apresenta ainda outra latrina, **N**, nossa inclinação é pela hipótese de Fournet e Redon.

Temos assim em Crocodilópolis uma situação análoga à de Buto nas fases 1 e 2, correspondentes ao mesmo intervalo cronológico: um banho greco-egípcio transformado mais tarde, na era romana inicial, em banho híbrido, conservando o banho de *thólos*, aumentando o

²⁹ Entre as maiores: Abu Mina: 2,20m X 0,9m; Canopus/Abukir: 2m X 2m; Didymoi: 1,10m X 1,60; Ezbet Fath'allah: 3,20m X ?. A exceção é Karnak: suas duas piscinas maiores medem 4m X 2,5m, e 4m X 3m, mas este banho romano data de dois séculos depois (REDON, 2017, Catálogo); medições nossas.

número de banheiras de imersão (as salas **E** e **H** foram reformadas e a sala **G** parece ter sido acrescentada depois), introduzindo um sistema de aquecimento mais sofisticado nas paredes, e apresentando o sistema de corredores típico dos banhos no Egito. Observamos igualmente a existência de um duplo itinerário para o banhista conforme suas preferências, que este arranjo dos corredores facilita. Contrariamente a Buto, contudo, sua clientela não parece ter sentido a necessidade de adotar o banho do tipo romano completo, e mesmo os outros edifícios balneários da região conservaram suas feições helenísticas. Não foram encontrados banhos romanos em Crocodilópolis.

5.3 Karanis

Esta cidade de fundação macedônica conheceu uma longa ocupação de oito séculos, primeiro como próspero vilarejo rural, depois como parte das rotas comerciais estabelecidas sob o domínio romano. Uma indústria local de vidro também é aventada, pela enorme quantidade de objetos aí encontrados, mas que não pode ser asseverada, pois não foram encontradas estruturas como fornos e oficinas que a comprovem (GAZDA, 2004).

Karanis é uma das cidades mais conhecidas e estudadas do Fayum, em virtude da imensa quantidade de papiros e ostraca³⁰ que revelou, e também do número de vestígios que ainda exhibe, alguns bastante bem conservados a despeito da ação dos *sebbakhin*³¹, dos saqueadores, do turismo predatório e das escavações ilícitas ou malconduzidas, como é o caso do Banho Norte.

Descoberto em 1972 e escavado nos três anos seguintes pela universidade do Cairo, foi inicialmente descrito por El-Nassery como “o Grande Banho” de Karanis nos relatórios originais de 1976 (EL-NASSERY, WAGNER e CASTEL, 1976). Em 2009 Castel, ao republicar boa parte de sua documentação, se refere a ele como “*este pequeno banho*”, no que tendemos a segui-lo (CASTEL, 2009, p. 229), já que na parte dedicada ao banho ele mede apenas 14 m X 8 m, um dos menores de nossa bibliografia. Situava-se em um distrito residencial de elite, entre duas casas, numa das quais foi encontrada grande quantidade de objetos de vidro muito refinados, fato que deu origem às especulações sobre a existência de uma indústria local de vidros, da qual esta seria uma loja (EL-NASSERY, 1976, p. 232).

³⁰ Fragmentos de cerâmica ou pedra usados como suporte para escrita.

³¹ Coletores de *sebbakh* legalmente autorizados pelo governo a retirar este material.

As plantas de que dispomos descrevem o estado em que o Banho Norte foi encontrado, sua última fase de utilização. Comprovadamente passou por modificações ao longo de seu uso, conhecendo ao menos duas fases, mas a cronologia para estas não pôde ser estabelecida. Reproduzimos abaixo as plantas de Nielsen, Fournet et al., e Castel, para facilitar o acompanhamento (Figs. 47, 48 A e 49).

Fonte: Nielsen (1990, p.187).

Fonte: Fournet, Redon, Vanpeene (2017, p. 478).

Fonte: Castel (2009, p. 233).

Utilizaremos as letras e números indicados nas plantas de Nielsen e de Fournet et al. nos parágrafos seguintes. Na planta de Castel os aposentos estão identificados por seus nomes. Embora estes autores apresentem propostas distintas para a função das salas intermediárias (respectivamente **HT**, **T**, e **4, 5**), às quais voltaremos adiante, o plano geral é bastante claro, e o

circuito proposto é inequívoco: entrada pelo Sudoeste, na sala **A / 1** – o apoditério descendo três degraus (Figs. 53, 54 e 55), prosseguindo para o frigidário (**F / 2**, Figs. 56 e 57), e de lá contornando a chicane (Fig. 60) para a seção intermediária até atingir o caldário (**C / 6**). A volta do banhista se faz pelo mesmo caminho da ida, configurando mais uma vez o itinerário retrógrado. Este tipo de itinerário linear e retrógrado, aliás, só é encontrado em banhos menores no período romano.

No frigidário, o banhista dispõe de uma banheira fria individual (Figs. 56 e 57), e no caldário, de uma banheira quente, também individual (Figs. 64 A e B), com abastecimento de água aquecida diretamente pelos caldeirões colocados sobre a caldeira da sala **Pr / 7**. Já a banheira fria do frigidário não apresenta encanamento de alimentação de água limpa, apenas escoamento no fundo, devendo ser enchida manualmente a cada uso. Enquanto a banheira do frigidário foi construída de tijolos e revestida de impermeabilização, a banheira do caldário é, ao que tudo indica, uma banheira reaproveitada, feita de uma peça única de calcário, e possivelmente possuía duas argolas similares às que vemos também na face cimentada contra a parede (CASTEL et al., 1976, p. 264). Podemos especular sobre este reaproveitamento: seria ele fruto de uma economia (o uso de uma banheira já disponível evitaria uma despesa), ou ao contrário, seria esta banheira vista como um artigo de luxo, impregnado de algum tipo de prestígio, talvez por ser de um modelo usado “na capital” quem sabe, e por isso teria sido escolhida? Há inúmeros exemplares muito semelhantes do mesmo período em exposição ainda hoje em Alexandria, embora alguns associados a contextos domésticos (Figs. 83 A e B).

Fig. 83 A: Banheira romana, Museu Greco-romano, Alexandria

Fonte: Arquivo pessoal, 2016

Fig. 83 B – Banheira romana, sítio arqueológico de Kom el-Dikka

Fonte: Arquivo pessoal, 2016

É possível ainda que as duas hipóteses se complementem, não sendo improvável que se tenha feito uso de um elemento de prestígio que ainda por cima representava uma economia.

Também há no caldário a possibilidade de desfrutar de um banho a vapor, atestado pelo duto de vapor encontrado no local e assinalado ← na Fig. 47.

A sala **La** não recebe número na planta de Fournet, que a coloca na parte de serviços do banho, e é identificada como latrina por Nielsen, e como possível latrina, área de serviço ou depósito, por Castel (Fig. 48 A, e CASTEL et al., 1976, p. 268). A sala de aquecimento, a cisterna, um pátio de serviço e um poço para águas usadas completam o conjunto das estruturas escavadas.

As estruturas de aquecimento se compõem de uma caldeira dividida em duas partes (Figs. 65 e 66), ambas com aberturas para o exterior – a inferior, que continha a fornalha, e a superior, onde provavelmente repousavam dois caldeirões circulares, e de um sistema de tubulações sob o piso e nas paredes, o hipocausto (Fig. 48 B), cujos vestígios ainda se encontravam no local quando da escavação, e que atendiam às salas **C** e **T**, ou **5** e **6**, nas plantas acima.

Todos os aposentos do edifício eram encimados por cúpulas, muitas das quais ainda são perceptíveis parcialmente nas fotografias da campanha de 1975 (Fig. 61). Em todas as salas principais, com a exceção do caldário, havia nichos nas paredes, de formas e medidas variáveis. Alguns serviam à iluminação, e conservavam vestígios de fumaça. Outros eram provavelmente decorativos. Há alguns deles registrados nas fotografias do Capítulo 4.

Todos os pisos dos aposentos excetuada a sala de serviço/latrina (de tijolos cozidos) eram de lajes calcárias recobertas de uma camada de cimento (Fig. 62), e o apoditério e o lacônico (**T** / **5**) eram equipados com bancos de tijolos cozidos e pedra, dos quais os do primeiro

se encontram conservados (Figs. 53, 54 e 55). Dos do último restam os apoios em alvenaria (Fig. 62). Pelo aspecto supõe-se que os bancos do apoditério eram contínuos acompanhando os muros, enquanto que os do lacônico eram individuais, do tipo “banquetas”.

As paredes das salas principais do banho e da sala de aquecimento eram de tijolos cozidos até uma determinada altura do solo, e crus na parte superior, ao passo que as paredes externas, menos expostas à água e ao calor, eram de tijolos crus (Fig. 48 A). No tepidário (HT / 4), no lacônico (T / 5) e no caldário, as paredes recebiam um revestimento duplo de cimento, que as protegia da umidade. Este revestimento é visível em várias fotos do Capítulo 4. Em alguns acabamentos onde os tijolos ficavam aparentes, como montantes de arcos dos nichos ou portas, estes apresentavam colorações e materiais diferentes (CASTEL et al., 1976, p. 252), criando um efeito decorativo que não acreditamos ser acidental (Fig. 57). Entretanto, o frigidário parece ser o aposento que mereceu mais cuidados estéticos, com seu nicho e meia cúpula decorados em delicados motivos vegetais de cachos de uva e folhas de parreira, pintados sobre uma camada de gesso que revestia seu interior (Figs. 56-59). No registro de 1975 ainda é possível ver que o próprio exterior do arco da meia cúpula era decorado (Fig. 56).

As peças intermediárias, designadas como “*heat trap*” e tepidário por Nielsen (HT e T), e tepidário e lacônico por Castel (Fig. 48 A), merecem uma análise à parte por refletirem uma importante discordância na atribuição de suas funções.³²

Consideremos primeiramente o lacônico de Castel. Nielsen define lacônicos como aposentos *pequenos e redondos, sem aquecimento por hipocausto*³³, destinados à sudoração seca (NIELSEN, 1993, p. 158). Não encontrando uma sala com tais características, ela não atribui um lacônico a este banho. Castel o descreve como uma sala aquecida e provida de assentos, onde o banhista desfruta de uma “*atmosfera seca e escaldante*” (1976, p. 240), portanto, claramente destinada à sudoração seca. Tal aposento se situa para ele vizinho ao caldário, com o qual compartilha a parede aquecida e o hipocausto sob seus pisos contíguos. Para Nielsen, trata-se do tepidário (T), por ela caracterizado como uma sala cuja principal função é a aclimação do banhista entre a zona fria e a zona quente do banho, que aliás é a definição unânime para toda a bibliografia. O fato de ser aquecido *por hipocausto*, além de sua

³² Estamos considerando Castel como o autor principal pois além de ter sido ele o engenheiro responsável pelo estudo arquitetural da campanha de 1976, foi ele também o responsável pela republicação do material em 2009, aqui reproduzido em parte. Entendemos que El- Nassery e Wagner são coautores do relatório de 1976, e os encarregados efetivos da escavação do banho.

³³ O aquecimento era feito por artefatos portáteis, como um braseiro, colocados centralmente no aposento, donde a importância da forma circular adotada.

localização no eixo entre o frigidário e o caldário, são as razões de Nielsen, acreditamos, para sua classificação.

Castel atribui ao tepidário simplesmente uma função de sala intermediária de aclimação do banhista entre a zona quente e a zona fria, razão pela qual a coloca logo na saída da zona fria, antes de entrar no lacônico, já aquecido e destinado à sudoração seca, “escaldante”, e chamando-a também de “vestíbulo”. Para ele a construção da chicane que lhe dá entrada teve como objetivo evitar a perda de calor produzida nas outras salas. Em tamanho, aliás, os dois aposentos não se diferenciam muito: o tepidário mede 2,10m X 1,50m e o lacônico, 2,65m X 1,50m. E finalmente Fournet e Redon seguem cautelosamente a proposta de Castel para todo o circuito, assinalando os aposentos identificados como tepidário (4) e lacônico (5) – e todos os outros - com um ponto de interrogação em sua ficha catalográfica.

Também as banheiras recebem de Nielsen denominações consoantes com sua própria conceituação do que seriam os equipamentos de banho de imersão, que diferem dos outros autores aqui citados. A banheira do frigidário é identificada como *piscina*, que é como Nielsen designa todo equipamento de banho de imersão (sempre frio) encontrado em um frigidário, ou seja, sua denominação é diretamente determinada por sua localização, independentemente de sua morfologia ou medidas. Analogamente, a banheira do caldário recebe a denominação de *alveus*, definida por ela como o recipiente de água quente para banhos de imersão encontrado em caldários. Embora formalmente ambos os termos estejam corretos, esta opção enseja alguma confusão, pelo fato de que aqui se tratam de banheiras obviamente individuais, ao passo que na grande maioria dos casos são termos empregados para designar tanques coletivos.

A datação da primeira construção do Banho Norte de Karanis é um pouco nebulosa, tendo sido estimada pela equipe de escavação para as primeiras décadas da conquista romana, embora ela não descarte a possibilidade de sua existência ainda no final da era ptolomaica, sem que no entanto nenhum achado possa confirmar esta hipótese (EL-NASSERY et al., 1976, p. 236). Se assim for, nada restou da influência grega neste edifício, que apresenta feições inteiramente romanas em sua concepção e realização. O que temos de certo é que tal como foi encontrado apresenta-se como um pequeno banho de elite - um outro menor e mais simples do mesmo período, situado num bairro de classe baixa, havia sido encontrado pela mesma equipe em 1973, que não nos fornece maiores detalhes (EL-NASSERY et al., 1976, p. 232).

O Banho Norte apresenta resquícios de diversos remodelamentos e restaurações, principalmente no remanejamento da entrada principal, que em algum momento foi deslocada, na construção da chicane e nos sucessivos reparos, ainda detectáveis, nas camadas protetoras

que recobriam as paredes. Conta em seu compacto circuito com o essencial da experiência balneária romana: uma sala fria, uma tépida e uma quente, e banheiras de imersão fria e quente, além de aquecimento, uma “sauna” seca, um banho a vapor, e uma latrina.

Parece-nos que a área de interação social mais provável é o apoditério, uma vez que as proporções diminutas dos outros aposentos não permitem a presença simultânea de muitas pessoas. O que resta de sua decoração nos encoraja a crer que foram tomados cuidados estéticos que parecem importantes para esta clientela: a área da pintura no frigidário estava constantemente exposta à umidade, o que devia implicar em manutenções constantes. E alguns nichos dos variados aposentos cuja altura impossibilitava o acesso fácil necessário a um uso funcional, também deviam ser parte do esquema decorativo do edifício. A impressão que fica do todo é de uma experiência compartilhada por poucos, quase íntima, em espaços que convidavam a uma interação restrita e, no limite, a seu uso individual.

5.4 Kom El-Dikka

“Tudo aponta para Alexandria como uma cidade extraordinária: economicamente poderosa, visualmente esplendorosa, e intelectualmente vibrante (...), reluzindo dourada ao sol nascente, ruborizada pelo pôr do sol ao anoitecer”. Assim M. Venit descreve a capital romana do Egito, sem todavia mencionar seu imponente complexo termal em nenhum momento do capítulo a ela dedicado (VENIT, 2012, p. 118-119). No entanto as Grandes Termas de Kom el-Dikka já tinham uma longa história de escavações, iniciadas nos anos 1960, conduzidas pelo Centro Polonês de Arqueologia da Universidade de Varsóvia, e extensamente publicadas.

O sítio arqueológico compreende, além dos banhos, um distrito residencial, ateliês, um teatro, *auditoria* (salas de estudos) e uma necrópole, atravessando muitas fases de ocupação – ptolomaica, romana, bizantina e islâmica - obliteradas parcialmente por danos sísmicos, revoltas, explosões, pilhagens, e o próprio crescimento da cidade moderna. As termas estavam soterradas sob um monte (o próprio Kom el-Dikka), no topo do qual tinha sido erigido um forte pelas tropas napoleônicas. Somente após o desmonte e remoção de tudo isso pelas equipes de escavação foi possível avaliar o sítio como um todo.

O edifício dos banhos ocupa toda uma *isola*, e devia se situar no centro da cidade à época de sua construção. Não foram encontradas inscrições ou dedicações de nenhum tipo, não sendo possível, portanto, atribuir sua criação a nenhuma autoridade específica. Foram detectados dois grandes remodelamentos, um no início do século V e outro no final do século

VI. Toda sua cronologia foi proposta com base em achados numismáticos, algumas cerâmicas, estudos estratigráficos e na análise dos vestígios (KOŁATAJ, 1992).

A entrada ainda não podia ser determinada com certeza, pois as partes frias dos banhos são as que se encontravam em pior estado, com um total estimado de apenas 20% de sua área tendo sobrevivido no momento da publicação da obra de Kołataj. Ao longo das décadas seguintes as escavações prosseguiram e parte desta área, como de outras, veio à luz. O apoditério, que seria o primeiro aposento encontrado pelo banhista, foi localizado e na campanha de 2007/2008 passou por uma conservação (Fig. 80).

As termas são simétricas nas partes dedicadas aos banhos (mas não nas partes de serviço), com os circuitos Norte e Sul espelhados a partir do eixo central se dividindo no frigidário comum aos dois, e se encontrando no grande caldário, que também compartilhavam, assim como sua grande piscina, que data da última fase. Kołataj propõe um itinerário para a primeira fase e outro para a última, que reproduzimos abaixo.

Fig. 84 A – Provável itinerário da 1ª fase
Fonte: Kołataj (1992, p. 132).

Fig. 84 B – Provável itinerário da 3ª fase
Fonte: Kołataj, (1992, p. 65).

Assinalada com o círculo na figura 84 A vemos uma rotunda (r na Fig. 69), situada no anexo do caldário, medindo aproximadamente 4,8m, desprovida de encanamentos, que provavelmente era usada como sudatório (tendo conservado a forma circular de seu predecessor arquitetônico, o lacônico), e que não sobreviveu à primeira reforma, transformando-se em uma piscina redonda na última fase (26)³⁴.

³⁴ Todos os números em vermelho se referem à Fig. 70 B, a não ser quando assinalado o contrário

A grande piscina do caldário, que ambos os circuitos Norte e Sul compartilhavam (40), também data desta 3ª fase. Temos portanto um itinerário circular na primeira fase, em que o banhista percorre as salas numa ordem estabelecida, frio-morno-quente-morno-frio, mas pode escolher que salas quer visitar, se quer ou não fazer a sudoração, antes ou depois do banho frio no frigidário, ou usar as piscinas, e sua circulação é facilitada. O mesmo itinerário se repete no circuito norte presumivelmente, dando vazão a um número maior de frequentadores sem prejuízo da circulação.

Na última fase cada um destes itinerários parece ter-se duplicado, com mais uma entrada, facultando ao banhista escolher o caminho mais racional, o mais longo ou o mais curto, dependendo das salas que pretendesse visitar. O número de salas aumenta, suas funções parecem ficar mais específicas, assim como aumenta o número de piscinas. Somando os circuitos Norte e Sul, e considerando que os dois eram iguais, temos nada menos que 33 piscinas na última fase, se contarmos as banheiras como piscinas individuais, ou “familiares”, como sugere Kolataj (Fig. 85).

Fig. 85 – Perspectiva axonométrica e piscinas da 3ª fase de Kom el- Dikka, assinaladas

Fonte: adaptado de McKenzie (2003, p. 60)

Esta tendência a transformar piscinas maiores em um número maior de piscinas e banheiras menores continuaria ao longo dos dois séculos seguintes, conforme já mencionamos. Parte expressiva deste número se deve a reformas que os vestígios existentes permitem até certo ponto reconstituir, baseados principalmente nas estruturas do subterrâneo, melhor conservadas. No frigidário, onde na primeira fase havia quatro piscinas grandes dispostas simetricamente nos quatro cantos (Fig. 69), temos já na segunda fase a destruição destas, para construção de piscinas menores, que Kołataj atribui a uma volta à influência grega (KOŁATAJ, 1992, p. 168). As piscinas embutidas nas paredes do destrictário (3 na Fig. 70 A) permaneceram ali em todas as fases de uso, bem como as do sudatório (4 na Fig. 70 A). Acima e atrás destas piscinas havia janelas, que foram mantidas. Esta que é a parede Sul do complexo termal não sofreu alterações ao longo de todo seu uso. A piscina semicircular do sudatório (21) foi ampliada e seu aquecimento, melhorado.

As maiores alterações ocorreram no caldário. Na primeira fase era retangular e tinha uma piscina semicircular de cada lado projetando-se para seu interior a partir das paredes Leste e Oeste (Fig. 69). Ademais, vários de seus acessos foram alterados, bem como seu sistema de aquecimento, e finalmente ganhou a grande piscina central, possivelmente já no segundo estágio de remodelamentos, embora esse dado não possa ser confirmado.

Observamos que algumas destas piscinas estavam niveladas ao chão, outras tinham degraus que também serviam de assento, e muitas são embutidas em nichos nas paredes, o que sem dúvida facilitava tanto seu aquecimento quanto a privacidade. Suas medidas, profundidade e forma eram variáveis e dependiam de sua função³⁵. Uma particularidade a assinalar é o fato de que havia piscinas quentes e frias, tanto no frigidário quanto no caldário, uma raridade destacada por Kołataj (KOŁATAJ, 1992, pp. 75-76)³⁶. A piscina 26 podia ser acessada tanto pelo caldário (5 na Fig. 70 A) quanto pelo anexo do caldário (7 na Fig. 70 A). As piscinas desta fase eram separadas das salas por pequenas muretas de mármore multicolorido (*pluteos*) medindo entre 20 e 30 cm de altura (KOŁATAJ, 1992, p. 91).

Também merece menção a manutenção do *labrum* (36, L na Fig. 85) encontrado *in situ* logo à entrada do frigidário (Fig. 81). Podemos especular se este fato teria ligação com a milenar

³⁵ Medidas: 12: 1,80m de diâmetro; 13 e 14: 2,70m X 1,60m; 19 e 20: 2,60m X 1,50m; 21: 6,30m de diâmetro; 40: 8,50m de diâmetro; 23, 23' e 24: 4m de diâmetro; 25 e 25': 2,50m X 2,50m; 26: 3m de diâmetro; 27: 4m X 1,80m; 29: 4m X 3,60m; 30: 3,30m de diâmetro; 31: (?); 32: 1,50m X 1m; 33: 2,50m X 2m.

³⁶ Para comprovar a existência de piscinas tanto frias quanto quentes no caldário foram realizadas análises químicas comparativas dos depósitos minerais encontrados nos caldeirões, reproduzidas em um apêndice. Já o aquecimento de pelo menos uma piscina no frigidário é atestado pela existência de um duto de ar quente vindo do destrictário bem como um cano de água quente (Fig. 76).

tradição egípcia de lavar-se imediatamente ao entrar em um edifício, ainda que *labra* sejam encontrados em diferentes ambientes com diferentes funções no mundo romano.

Os achados durante as escavações comprovam o uso do mármore no revestimento de pisos, paredes e piscinas (Figs. 77 A e B), além de colunas deste material, inclusive reaproveitadas e adaptadas de outras fases, ou mesmo outras construções, sem preocupação de uniformidade. As únicas colunas que formam um conjunto homogêneo são as colunas dos pórticos (KOŁATAJ, 1992, pp. 93-94), (Figs. 72 e 74). A preservação dos pisos só ocorreu nas partes frias, e as placas de mármore do apoditério ainda estão parcialmente visíveis (Fig. 80). Embora o mármore tenha sido empregado em todas as fases de uso, as camadas mais recentes apresentam placas menores que as mais antigas, por vezes em cortes regulares, por outras em lascas. Restos de mosaicos e *opus sectile* também foram relatados em outros aposentos.

As paredes recebiam um revestimento de massa e pintura decorativa, muitas vezes restauradas, suas sucessivas camadas ainda visíveis durante a escavação (KOŁATAJ, 1992, p. 90). As janelas eram guarnecidas de amplas folhas de vidro, também encontrado em quantidade entre os vestígios.

Merece registro o uso de vapor de forma sistemática nestas termas. Segundo Kołataj, a piscina 21, inserida no sudatório, repousa diretamente sobre uma das fornalhas do hipocausto, e recebe água aquecida por dois caldeirões que parecem ter apenas esta função específica (p. 70). Numa sala já aquecida nos pisos e paredes, este arranjo resultaria num banho escaldante, e na produção de uma grande quantidade de vapor. Este aposento mede 10,95m X 16,60m, configurando portanto uma grande sauna a vapor. Achamos que a supressão do pequeno sudatório em forma de rotunda da primeira fase se deve a esse fato.

Destacamos a presença de um tipo de aquecimento específico do Egito em que o nível da fornalha é mais baixo que o do piso do hipocausto em que se encontra, gerando uma chama mais alta, que Kołataj denominou “*high-flame*”³⁷, termo que os estudiosos conservaram em suas publicações. Eram fornalhas secundárias que auxiliavam no aquecimento de grandes ambientes.

As Grandes Termas de Kom el-Dikka apresentam, assim, uma imagem de um grande espaço intensamente utilizado, diversas vezes restaurado, cuja busca constante por mais eficiência técnica no controle do calor e no uso da água está materializada também nos vários remodelamentos atestados em sua infraestrutura de aquecimento e sistema de distribuição de águas, admiravelmente preservados em seu subsolo.

³⁷ Traduzida por nós como chama-alta

5.5 Síntese do corpus analisado

Os banhos apresentados materializam as permanências e as rupturas encontradas em todo o território egípcio para as práticas balneárias no período do século I a.C. ao século VI d.C., e Buto em particular corporifica as diferentes fases principais.

Temos a presença dos *thóloi* duplos em Buto na fase ptolomaica se mantendo no período romano até o final do século I d.C., feição que se repete em Crocodilópolis na mesma época. Em Karanis é suprimida esta forma de banho, e um banho de planta inteiramente romana é construído no século I da nossa era. Kom el-Dikka segue o padrão monumental imperial três séculos depois.

Assinalamos a evolução do sistema de aquecimento, que é introduzido desde o princípio sob a forma de uma lareira subterrânea central em Buto e Crocodilópolis, que ganham aquecimentos embutidos nas paredes na fase de transição, e culmina com a adoção do hipocausto, em Buto na terceira fase, e em Karanis desde sua construção, porém ausente em Crocodilópolis.

O sistema de corredores típico do Egito aparece em Buto e em Crocodilópolis, mas Karanis, por ter dimensões reduzidas e um itinerário linear em que os aposentos se sucedem imediatamente um após o outro, não apresenta essa característica. Embora tenha ganho uma chicane, que em outros banhos atendeu a um propósito de dar privacidade aos banhistas, aqui ela parece ter um caráter mais prático, de conservação de calor.

Finalmente, as pequenas piscinas e banheiras individuais, que no Egito substituíram as grandes *natationes* de Roma e de outras províncias, em todos os quatro banhos se mantiveram fortemente presentes, sendo multiplicadas e reformadas ainda na era imperial tardia, como comprovam os vestígios de Kom el-Dikka.

5.6 Considerações adicionais

Os banhos analisados representam o que as práticas balneárias públicas no Egito romano têm de particular, ao mesmo tempo em que se inscrevem no movimento geral ocorrendo em toda a área mediterrânea. O banho de tipo grego trazido pelos conquistadores macedônicos no

século IV a.C. perdura até o início do século II d.C., quando novas formas de banho são admitidas, até que desaparece por completo no século III. Estas novas formas, romanas, são adotadas segundo gostos e necessidades locais, variando em ritmo e escolhas conforme a área.

As fontes documentais, papirológicas e arqueológicas estão em discrepância entre si neste momento dos estudos sobre as práticas balneárias no Egito. São mencionados inúmeros banhos romanos (“*thermae*”) para a região do Fayum que não foram encontrados. Há duas razões principais para isso, que expusemos brevemente no Capítulo 2, e que examinaremos a seguir.

A primeira razão reside na própria natureza das fontes. A área seca do Fayum favoreceu a conservação de um imenso número de papiros, cujo interesse suscitado no meio acadêmico e museológico, além daquele ligado ao colecionismo do século XIX, resultou numa verdadeira caça a estes documentos. O meio-ambiente úmido do Delta, ao contrário, impossibilitou sua preservação naquela região. Assim, temos a região do Fayum fortemente documentada e o Delta em flagrante desvantagem, enviesando as análises resultantes.

Os vestígios materiais dos banhos, inversamente, sobreviveram em número consideravelmente maior na região do Delta. O fato de muitos banhos e termas citados nos papiros do Fayum nunca terem sido encontrados significa que não podemos estudá-los e integrá-los numa síntese mais global. Mesmo em Alexandria há divergências importantes entre fontes escritas e achados arqueológicos. Um documento do final da Antiguidade lista 809 banhos em seu perímetro. Apenas 12 foram encontrados e/ou escavados (REDON, 2017, p. 267).

Devemos retomar outrossim a questão da terminologia encontrada nas fontes documentais, assinalada na Introdução. Várias inconsistências foram mencionadas neste trabalho, e estas inconsistências se estendem aos papiros, principal fonte escrita sobre as práticas balneárias neste período no Egito. Vimos como *thólos* se torna sinônimo de lacônico com o passar do tempo (Cap. 4). A palavra “*thermae*” aparece pela primeira vez nos papiros durante o século II d.C., durante o reinado de Antonino, provavelmente para distinguir os banhos aquecidos por hipocausto, do tipo imperial e monumental (REDON, 2017, pp.268-271). E as primeiras menções às *thermae* acontecem justamente quando a denominação anterior – banho-ginásio - desaparece da documentação. No período romano, os termos “ginásio”, “banhos” e “termas” se confundem na documentação oficial (GINOUVÈS, 1962, p. 148). No entanto, banhos-ginásios são a grande ausência do registro arqueológico egípcio, embora figurem proeminentemente nos papiros (MEYER, 1997). Reiteramos que nenhum ginásio com

seus banhos anexos foi encontrado até hoje no Egito. A própria palavra “hipocausto” só aparece nos papiros na primeira metade do século I d.C., ao passo que o sistema que designa já era conhecido e bem disseminado em outras regiões desde o séc. I a.C. (GINOUVÈS, 1962, p. 205-206).³⁸ Mas, a partir destas primeiras menções, “termas” passou a ser o termo que distingue um banho do tipo romano, independentemente de sua magnitude, dos banhos do tipo grego, ou mais precisamente greco-egípcios, que ainda permaneciam em uso, principalmente nas pequenas cidades do campo.

A migração terminológica de “banho-ginásio” para “termas” acompanhou uma outra migração, física, das elites e dos novos edifícios sendo construídos nas cidades a partir do século II d.C., movimento que culmina com as reformas de Sétimo Severo no início do século III. Pertencer ao ginásio significa ser cidadão romano, e ser cidadão romano significa mais prestígio, e menos impostos. Esta urbanização do Egito no auge do período imperial responde pela segunda razão para a discrepância observada no confronto entre as fontes documentais e os vestígios encontrados.

As cidades mais importantes, quer as *metropoleis*, quer as capitais dos nomos, tornam-se o centro da vida cívica e palco de demonstração de poder e prestígio. A exemplo da capital, edifícios imponentes reproduzem o estilo de vida romano dentro dos parâmetros possíveis, e as práticas balneárias não fogem a esse fenômeno. A adaptação do modelo imperial das termas, monumental, simétrico e suntuoso, com seu circuito controlado de salas frias e quentes, permite que a autoridade local seja vista ao mesmo tempo como alinhada com a metrópole e como benéfica para com a população local. Diversos tipos de *munus* podem ser oferecidos: a construção de uma nova terma, a renovação de outro edifício existente (frequentes renovações e reparos são atestados na documentação oficial), o franqueamento da entrada em dias especiais e a doação de óleos eram os mais comuns.

Ora, justamente são essas as cidades menos escavadas e conhecidas arqueologicamente, em alguns casos por suas camadas mais antigas se encontrarem cobertas por outras mais recentes, sobretudo bizantinas, que seria necessário destruir, caso de Antinoópolis e Pelusium, em outros pelo movimento de ocupação destes espaços pelas populações modernas, caso de Alexandria e Crocodilópolis. Um terceiro grupo importante foi apenas parcialmente escavado, sem ênfase no nível romano de ocupação (Oxyrhynchus e Náucratis, por exemplo).

³⁸ Papiros que registram o aquecimento usando os novos termos, especificamente para Crocodilópolis no nosso inventário: *BGU* 3, 760, l. 11-12; *SB* 6, 9574, l. 10-12 (os dois do séc. I); *P. Freib.* 4, l. 8-9; *P. Poethke*, 22, l. 5-6 (os dois do séc. II) in REDON, 2017, p. 270.

Ainda assim é possível afirmar, combinando a documentação papirológica com os vestígios de fato encontrados, que vemos uma evolução nas práticas balneárias que comporta fases detectáveis nestes edifícios. Nos dois primeiros séculos da presença romana o modelo greco-egípcio continuou funcionando. Neste período, os banhos do tipo romano puro que são construídos eram uma exclusividade do contexto militar, ligados aos fortes. Segue-se uma fase de transição não-linear, durante a qual os padrões mudam, inovações são introduzidas lado a lado com a manutenção de formas tradicionais, até que se conclui, no século III. O fenômeno da urbanização e a consequente adoção pelas elites locais de um modo de vida mais próximo a Roma transforma os banhos e decreta o fim do modelo grego. Não há mais *thóloi* depois disso. Banhos se tornam uma iniciativa do poder público, a taxa do banho é criada para financiá-los em parte, e tudo indica que seguiam o modelo imperial. Recebem a denominação de *thermae* junto ao nome do imperador reinante, indicando seja uma homenagem, seja um financiamento direto³⁹.

A partir do século V, os edifícios termais se duplicam, e suas partes frias são aumentadas em relação às quentes, e tornadas mais suntuosas. Retorna a ênfase em práticas individuais, com a redução do tamanho das piscinas e seu aumento numérico, encontrando-as inclusive dentro de aposentos onde não são encontradas nas termas classicamente romanas, nem em Roma nem nas províncias que adotaram o modelo imperial. Kom el-Dikka já antecipara esta tendência, como vimos nos capítulos anteriores. Contudo, salientamos o caráter adaptativo que estas iniciativas tiveram. Os edifícios construídos precisavam ser *reconhecidos* como romanos e alinhados com a mensagem imperial, donde suas plantas, seus circuitos simétricos, seu aquecimento e seu uso da água. Mas predominam em todo o corpus de edifícios balneários no Egito as dimensões reduzidas, mesmo naqueles que seguiam o padrão imperial, como Karnak. Banhos no Egito são, via de regra, pequenos ou médios, e sob esse aspecto Kom el-Dikka representa a exceção, e não a regra. A concentração de vultosos recursos financeiros em edifícios grandes e custosos, em capitais e *metropoleis*, talvez explique em parte por que seu número era tão reduzido.

Outras adaptações são observadas na escolha dos materiais empregados, que muito contribuem para a especificidade dos banhos do Egito romano. Os pisos são um exemplo disso, como vimos em Buto. Fatores como disponibilidade, custo e gostos locais eram partes importantes da equação. Mosaicos de **tesselas** multicoloridas, frequentemente encontrados nas

³⁹ Termas de Claudio e Termas de Valenciano em Alexandria; Termas de Adriano em Hermópolis, Termas de Adriano, Termas de Trajano-Adriano, Termas de Antonino e Termas de Antonino e Trajano em Oxyrhynchus.

outras províncias, são uma raridade no Egito, a regra sendo os pisos de seixos, que quando não cobertos por cimento hidráulico podiam formar padrões decorativos. Mármoreos também não são usuais, conforme vimos. Apenas Kom el-Dikka os apresenta, e ainda assim, com várias evidências de reaproveitamento. Também podemos citar o combustível das fornalhas: a raridade da madeira no Egito fez com que outras fontes tivessem que ser buscadas, e as soluções variavam entre resíduos agrícolas, o junco abundante e mesmo excrementos animais (BOUCHAUD; REDON, 2017). Entre considerações pragmáticas, pressões econômicas e tradições e gostos locais, não é difícil perceber como as autoridades locais, escolhidas entre a elite, optaram por uma versão de banhos reconhecível como romana, porém adequada, literalmente, ao gosto da clientela. Esta clientela, em última análise, é quem dita as regras, faz escolhas, adota ou rejeita inovações conforme lhe agradem ou não, mantém ou descarta antigos hábitos, exerce sua agência...

As fontes unicamente arqueológicas, as quais este trabalho privilegiou, não nos permitem neste momento conduzir uma análise aprofundada acerca da dimensão social da clientela presente no interior dos edifícios balneários. As questões identitárias não são suficientemente comprovadas pela materialidade para que possamos distinguir padrões de comportamento que nos permitam afirmar ou negar categoricamente como se interpenetravam, combinavam ou excluíaam este ou aquele traço egípcio, grego ou romano, ou como dominação e resistência se emaranharam para produzir os edifícios e práticas cujos vestígios chegaram até nós. É preciso recorrer à documentação escrita, e no Egito em particular, à papirologia, para lançarmos alguma luz sobre estas questões, e ainda assim, para a época romana, dispomos de pouco material. Apenas um papiro de período romano registra frequentadores de onomástica mista – gregos e egípcios – no mesmo banho⁴⁰, comprovando a frequência etnicamente mista que o período ptolomaico consagrara.

Fundamentalmente, são as formas de banho e a organização interna dos edifícios exploradas no capítulo anterior - a manutenção dos *thóloi* até uma época bastante tardia, os duplos circuitos com seus corredores, e a multiplicação das banheiras individuais ao longo de todo o período - que configuram as adaptações e escolhas locais, consolidadas ao longo dos séculos em que as influências egípcias, gregas e romanas se entrelaçaram para constituir esta experiência balneária que é, neste sentido, unicamente egípcia. Não faraônica, não grega, não romana, mas um amálgama de todos, que somente no Egito resultou no conjunto de práticas e edifícios que examinamos.

⁴⁰ P. RyI.II, 124

CONCLUSÃO

Este trabalho traçou o panorama das práticas balneárias públicas no Egito desde sua implantação com a chegada do conquistador macedônico no século IV a.C. até o final do século VI d.C., quando estavam incorporadas práticas romanas resultantes do aporte cultural desta nova leva de dominadores.

Demonstramos no Capítulo 2 a aceitação maciça do banho do tipo grego, público em sua essência, mas individual em sua prática física, acreditamos que por uma manutenção das noções de higiene e purificação egípcias, e sua recusa em banhar-se nas águas de outrem. A influência egípcia se faria sentir por todos os séculos abordados, para nós materializada iconicamente no *labrum* encontrado logo na entrada das Grandes Termas de Kom el-Dikka, em pleno século IV. Ainda no Capítulo 2 relatamos as mudanças trazidas pelas novas técnicas e preferências romanas. Estas diversas influências se emaranharam ao longo do tempo e resultaram em um conjunto de práticas que traduziram escolhas feitas localmente e expressas nos edifícios construídos.

Nos Capítulos 4 e 5 detalhamos como os diferentes banhos mantiveram por um século e meio características dos banhos do tipo greco-egípcio mesmo após reformas importantes, com Buto e Crocodilópolis apresentando o duplo *thólos* e o sistema de duplo itinerário ensejado por seu traçado de corredores, e seu aquecimento que não sofreu as modificações verificadas nas outras províncias e no restante do mundo romano com a evolução do hipocausto. Este quadro se repete na quase totalidade dos banhos do Fayum e do Delta neste período.

Mais tarde a cidade de Karanis constrói ou remodela um pequeno banho em um distrito de elite em que as feições gregas são eliminadas, mas a experiência do banho coletivo em águas comunitárias continua a ser rejeitada, e suas duas banheiras são individuais.

Concluimos nossa análise com as Grandes Termas de Kom el-Dikka, cuja planta monumental e proporções avantajadas não deixam dúvidas sobre seu caráter imperial, seguramente fruto de uma iniciativa e fundos oficiais, como eram as termas a partir do século III. Embora ocupe um espaço de 6.000 m², seu edifício não contou na primeira fase com uma *natatio*, apenas várias piscinas e banheiras menores. Se nas reformas posteriores esta feição foi alterada com a inclusão da grande piscina do caldário, ainda assim podemos argumentar que esta modificação se fez acompanhar de outras que foram no sentido contrário, multiplicando o número e reduzindo o tamanho das outras piscinas, o que nos autoriza a afirmar que esta forma de banho – a imersão individual ou em grupos muito reduzidos – ainda era indispensável a boa

parte da clientela. Relembramos aqui a presença no Egito de banheiras e pequenas piscinas no interior de ambientes que não as incluíam nas plantas canônicas das termas de Roma e de outras províncias.

Associando fontes escritas, principalmente os papiros, com os achados materiais, vemos emergir a figura de uma clientela mista étnica e socialmente, e isto desde a origem das práticas públicas. É certo que se encontravam regularmente nos banhos representantes das classes administrativas, militares, comerciantes e trabalhadores de todas as origens, exceto provavelmente os camponeses, egípcios, gregos e romanos, em um contato não planejado entre semelhantes que se reconheciam como tal e os “outros”, que devia seguir normas próprias. Não foi possível aprofundar neste trabalho que normas seriam essas, ou detalhar aspectos deste contato como era nossa intenção original. Temos os testemunhos dos papiros que relatam casos de agressões físicas, roubos e espancamentos inclusive contra mulheres, e o incidente citado no Capítulo 2, p. 31 (*P. Enteux. 83*) deixa claro que desde o período ptolomaico havia tensões entre moradores e visitantes (esta alegação aparece em outros papiros). Tensões e violência, pois, nunca estavam descartadas inteiramente, mas não há relatos em número significativo que nos permitam detectar explicitamente um padrão de viés étnico por exemplo, ou social, nas agressões.

Quanto à questão dos gêneros, ainda muito debatida, o conjunto da documentação associado aos edifícios do período ptolomaico aponta fortemente para uma frequência mista *dos edifícios*, mas não do espaço específico do banho, onde homens e mulheres se dividiam entre o *thólos* masculino e o feminino, e os vestiários e corredores também eram duplicados. Redon sugere ainda que devia ser frequente o uso de outros dispositivos com cortinas, portas e biombos para preservar a privacidade e a modéstia dos frequentadores, evitando que se pudesse olhar de uma seção para a outra (REDON, 2015, pp. 73-74). No período romano já se verifica uma separação arquitetônica desde a entrada (dupla) para uma grande maioria dos edifícios, como Buto após a primeira reforma, mas ressalvamos aqui que não é o caso de Karanis, por exemplo. Nada sabemos sobre a frequência feminina deste banho – se frequência houve.

Considerando o corpus dos edifícios balneários do Egito entre o século I a.C. e o século VI d.C., ilustrado pelos quatro banhos aqui analisados, contemplamos uma figura de permanências e rupturas operadas localmente, pelo conjunto das autoridades, dos exploradores financeiros e dos usuários dos banhos, largamente à margem do movimento maior de construção de edifícios imponentes que materializassem a pujança do poder imperial. Estes ficaram restritos geograficamente às capitais de nomos e *metropoleis*, registrados na

documentação oficial e papirológica, porém como um todo, fora do alcance da análise arqueológica até o presente momento. A prática balneária, como se apresenta hoje para nós, se desenvolveu num contexto de pequenas, médias e grandes cidades, no deserto, no campo e nos fortes militares e envolveu, com a provável exclusão dos camponeses, quase todas as camadas da população, que parece ter abraçado as modificações num ritmo próprio, mais impulsionada pela mudança nos gostos locais e pela adoção de inovações tecnológicas do que por grandes projetos políticos.

Esperamos que este estudo possa contribuir para a difusão do campo de estudo das práticas balneárias na Antiguidade em geral, e as egípcias em particular. É um universo rico de possibilidades ainda pouco explorado entre nós. Demonstramos que não houve uma imposição de modelos e práticas partindo dos detentores do poder, quer macedônicos, quer romanos, que estes incorporaram costumes, tradições e gostos presentes no território e na população anteriormente à sua chegada, e que estas populações por sua vez adotaram inovações técnicas e padrões estéticos seletivamente, e no ritmo que lhes convinha.

Muito há ainda a fazer. Aguardamos novas descobertas, novas publicações e novas leituras do material existente.

GLOSSÁRIO

A

Aleipterion: sala para unção a óleo do corpo do banhista/atleta. Confunde-se em parte da bibliografia com o **unctório**, mas é cronologicamente anterior a ele. Também é citado como *elaiotherium*. Tal imprecisão se deve a mudanças na terminologia ao longo do tempo, em salas com funções semelhantes, além de opções autorais. Pode ser frio ou quente.

Alveus: banheira de imersão ou piscina aquecida, localizada no **caldário**, geralmente coletiva, mais raramente individual.

Apoditério: vestiário. Localizado próximo à entrada, frequentemente dispunha de nichos ou prateleiras para guardar roupas e objetos pessoais, e bancos.

C

Caldário: sala aquecida. Principal ambiente de uma terma romana plenamente desenvolvida. Todo o ambiente era aquecido – pisos, paredes, água das piscinas e banheiras – através do sistema de **hipocausto**. Continha pelo menos uma piscina aquecida (**alveus**) e uma bacia de água fria (**labrum**). Podia conter bancos em alvenaria, pois graças ao calor e umidade resultantes do aquecimento, também se prestava a banhos de vapor.

D

Destrictário: sala destinada à limpeza e retirada da sujeira do corpo, composta de óleo, suor e pó. Para tal se utilizava um instrumento chamado **estrigilo**. Nas plantas, dependendo do autor, sua identificação⁴¹ e função⁴² acaba por confundir-se com a do **unctório**. De todo modo, com o passar do tempo e o desaparecimento progressivo da função esportiva dos edifícios balneários, parece ter sido anexada a outras salas, ligadas ao banho de higiene, como o **lacônico**.

E

Estrigilo: instrumento metálico com cabo e lâmina curva usado para raspar o óleo, o suor e o pó do corpo. Seu uso vem das lutas, competições atléticas e jogos associados aos edifícios balneários gregos. Mesmo quando estas práticas são abandonadas dentro da cultura balneária romana, a unção com óleo para massagem permanece, e o uso do estrigilo se mantém constante.

41 Kolataj (1992) X Nielsen (1993) para Kom el-Dikka

42 Yegül (1992) X Redon (2017) e Nielsen (1993) para Karanis

Exedra: espaço dando para a palestra, que pode ter várias formas, em comum o fato de ser aberta, e frequentemente dotada de colunas.

F

Frigidário: sala não aquecida, destinada ao banho frio. Contém banheiras e/ou piscinas de água fria, bem como um *labrum*. Em um circuito usual o banhista atravessa essa peça ao se dirigir para as salas mais quentes, e a ela retorna ao final do percurso, para um último mergulho refrescante. Por ser livre de vapor e calor em excesso, podia ser mais ricamente decorado, e frequentemente o era. No Egito, no final da Antiguidade, esse aposento adquire uma maior importância relativa.

H

Hipocausto: sistema de aquecimento romano por excelência. Compreende um conjunto composto uma fornalha (*praefurnium*) alimentada manualmente por combustíveis que variam conforme o local, e um espaço vazio sob o piso (*suspensura*) no qual o calor e os gases quentes circulavam por entre pequenos pilares (*pilae*) geralmente de tijolos, simetricamente dispostos, até chegarem às chaminés e aos dutos (*tubulatio/tubuli*) embutidos nas paredes, que por sua vez os levavam até as salas aquecidas, ou diretamente às banheiras e piscinas aquecidas.

L

Labrum: pia, ou bacia de aspersão, pousada sobre um pedestal fixo. Presente tanto nas áreas quentes quanto nas frias. Também referida em muitas obras como *louterion* sendo esta a forma grega. *Labrum* é a forma latina.

Lacônico: pequena sala de sudoração concebida para ser seca, mas com o tempo se observa uma mudança, e é relatado o uso associado à produção de vapor, bastando para isso derramar água sobre a fonte de calor. Esta (pedras quentes/fogueira/braseiro) se situava no centro do aposento, e à sua volta estavam dispostos assentos. Também chamado de estufa, ou sauna. Presença frequente de um *labrum*. Alguns autores alegam, mas nem todos concordam, que com o tempo em muitos edifícios acabou sendo substituído pelo *sudatio*, ou **sudatório**. Disso resulta muitas vezes certa confusão na atribuição de função a determinados ambientes, e a uma discrepância entre fontes⁴³.

Latrina: ao contrário do que à primeira vista poderia indicar seu nome, *latrina* é o aposento que comporta o conjunto de vasos sanitários, e sua tradução mais simples e direta é banheiro. Quando dizemos que um banho possui duas latrinas, estamos aportuguesando o termo, e

43 Nielsen (1993) X Redon (2017) para Karanis; El-Khachab (1978) para Crocodilópolis

queremos dizer que tal edifício conta com dois aposentos distintos equipados com vasos sanitários.

N

Natatio (pl. *natationes*): piscina. Sua característica distintiva é o tamanho, pois é sempre muito maior que as banheiras. Sempre coletiva, e frequentemente ao ar livre, sobretudo aquelas dedicadas à natação.

O

Opus sectile: técnica construtiva de assentamento de pedras em formato de placas de tamanho variado sobre argamassa hidráulica, geralmente formando padrões geométricos.

P

Palestra: pátio aberto comumente cercado de colunas e coberto de areia, destinado à prática de esporte, jogos e lutas. Nos banhos mais completos e nas termas imperiais é um espaço que poderia se assemelhar a um parque, com bancos, jardins e piscina. Ligados a ela e de fácil acesso encontram-se também bibliotecas, salas de discussão, auditórios e restaurantes, além de locais de culto. A palestra é uma herança direta grega, e a ela está associada a origem das práticas balneárias coletivas naquela cultura.

Piscina: banheira fria, para imersão. Individual ou coletiva, mas de dimensões reduzidas em relação à *natatio*. Extremamente comuns nas remodelações de banhos no Egito, continuam a ser construídas muitas vezes lado a lado com os *pyeloi*, mas com marcada preferência pela versão individual.

Praefurnium: a lareira, ou fogueira, do **hipocausto**. Situado na sala de aquecimento no subsolo dos banhos, no Egito era alimentado predominantemente por combustíveis vegetais como junco e palha.

Pyelos: (pl. *pyeloi*) (hip bath/hip bathtub/foot bath/cuve plate/sitz bath/Sitzebadeanne)⁴⁴

banheiras individuais, rasas e planas, típicas da forma de banho grega. Possuem encosto dorsal e apoio para os braços, e um orifício de escoamento de águas usadas no fundo da bacia. O

⁴⁴ Nenhum outro elemento balneário recebeu tantas denominações quanto o *pyelos*, sem mencionar os enganos cometidos em obras mais antigas, onde são identificados erroneamente como “foot-baths”, ou lava-pés. Estes de fato existem, mas com outra morfologia.

banhista se senta e derrama água (aquecida ou não) sobre si, seja ele mesmo, seja um empregado dos banhos. Dispostas lado a lado em forma de coroa, em número variável e no interior de uma “rotunda” (*thólos*), formam um conjunto que define o essencial da prática balneária grega em termos arquitetônicos. No Egito observou-se uma manutenção bastante longa desta forma de banhar-se.

S

Sudatório: sala de sudoração úmida; sauna a vapor. Aposento de pequenas proporções, dotado de seu próprio *praefurnium*. Ver **lacônico**.

Suspensura: piso aquecido por **hipocausto**, suspenso sobre um espaço vazio e apoiado em pilares de tijolo (*pilae*) dispostos simetricamente.

T

Tepidário: sala intermediária, levemente aquecida (tépida), entre a zona fria e a zona quente dos banhos. Espaço de passagem, podia ser guarnecida de assentos, e servir a outras funções, sobretudo nos banhos mais simples, como sala de espera, de massagem ou ainda como **destrictário**. Poderia ser aquecida, mas não possuía dispositivos hidráulicos, nem de entrada nem de saída. Nos complexos maiores podiam se encontrar dois tepidários, um de entrada e um de saída.

Tessela: peça de vidro, pedra ou cerâmica em formato quadrado ou cuboide e cores variadas empregada para formar padrões decorativos em mosaicos.

Thólos (pl. *thóloi*): literalmente “rotunda”. Designa ao mesmo tempo a sala circular contendo os *pyeloi* e o aposento com esta morfologia na Grécia Clássica, que deu origem ao termo. No Egito há uma predominância notável dos banhos com dois *thóloi*, interpretados pelos pesquisadores como masculino e feminino, interpretação que as fontes papirológicas sustentam.

Tubulatio/tubuli: tubulação ou encanamento em cerâmica que no sistema de **hipocausto** levava o calor para dentro das paredes das salas aquecidas.

U

Unctório: herdeiro direto do *aleipterion* grego, é o aposento destinado à aplicação de óleo e massagens no banhista. Normalmente pequeno, não tem uma localização precisa no esquema formal dos banhos, podendo ser suprimido ou englobado em outro aposento. Pode ser frio ou quente. Ver **destrictário**.

REFERÊNCIAS

ABD EL-RAFA FADL, M.; LECUYOT, G.; REDON, B. Les bains égyptiens. Bouto et ses complexes balnéaires. **Archéologia** N° 503, Out. /2012, pp. 22-27.

ALMEIDA, A. S. **As Thermae e Balnea nas Hispaniae Romanae II a.C – III d.C.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2015

BAGNALL, R.S. **Archaeological Work on Hellenistic and Roman Egypt**, 1995-2000; **AJA** N° 105, 2001, pp. 227-243.

BAGNALL, R.S.; DAVOLI, P. **Archaeological Work on Hellenistic and Roman Egypt**, 2000--2009; **AJA** N° 115, 2011, pp. 103-157.

BASTOS, M. T. **Cristianização dos Espaços na Antiguidade Tardia: O caso de Apollonia-Arsuf.** Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – USP, 2011.

_____. **Análise e distribuição espacial de lamparinas romanas de disco: o caso das províncias da Palestina e do norte da África**, tese de doutorado, Universidade de São Paulo – USP, 2016.

BORAIK, M. **Ptolemaic Baths in front of the Temple of Karnak. A Brief Preliminary Report – November 2007.** In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B. (eds), IFAO, 2009, pp. 73-86.

BOUCHAUD, C.; REDON, B. **Heating the Baths During the Ptolemaic and Roman Periods in Egypt: Comparing the Archaeobotanical and Textual Data.** In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. REDON, B. (ed.) Cairo, IFAO, 2017, pp. 323-349.

BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B.(eds.) **Le Bain Collectif en Égypte**; Cairo, IFAO, 2009.

BROISE, H. **Entre continuité et rupture: l'introduction des pratiques balnéaires grecques et romaines en Égypte.** In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B. (eds), IFAO, 2009, pp. 9-15.

CASTEL, G. **Le bain Nord de Karanis.** In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B. (eds.), IFAO, 2009, pp. 232-245.

CHARLESWORTH, D. **The Tell el-Fara'hin Excavation, 1969**, **JEA**, vol. 56, 1970, pp. 19-28.
_____. **'Tell el-Fara'in: An Industrial Site in the Nile Delta'**, **Archaeological Institute of America**, vol. 25, n.1, 1972, pp. 44-47.

DAVOLI, P. **L'archeologia urbana nel Fayyum di età ellenistica e romana.** Procaccini; 1998.

_____. **The Archaeology of the Fayum.** In: **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. C. Riggs (ed.) Oxford, Oxford University Press, 2012.

_____, AHMED, M. **On Some Monuments from Kiman Fares (Medinet el-Fayyum).** **SEP** 3,

2006, pp. 81-109.

DeLAINE, J. Some Observations on the Transition from Greek to Roman Baths in Hellenistic Italy. In: **MeditArch** 2, 1989, pp. 111-125.

DeLAINE, J. Introduction: Bathing and society. Roman Baths and Bathing. Bath, **JRA**, suppl. 37, DeLAINE, J.; JOHNSTON, D. E (eds), 1999, pp. 7-16.

_____, JOHNSTON, D. E (eds). Roman Baths and Bathing. Bath, **JRA**, suppl. 37, 1999.

EL- KHACHAB, A. el-M. Ta Sarapeia à Sakha et au Fayoum, ou les bains thérapeutiques. **CASAE**, n° 25, Cairo, 1978.

EL-MASEKH, S.; FOURNET, T.; PIRAUD-FOURNET, P.; BORAIK, M. The Roman Baths at Karnak, Between River and Temples. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. REDON, B. (ed.) Cairo, IFAO, 2017, pp. 221-266.

EL-NASSERY, S.A.A.; WAGNER, G.; CASTEL, G. Un grand bain gréco-romain à Karanis. Cairo. **BIFAO**, n° 76, 1976, pp. 231-275.

FAGAN, G. G. **Bathing in Public in the Roman World**. Ann Arbor, Michigan University Press, 2013.

FLEMING, M. I. D'A. Poder Político e cultura material: as vasilhas de metal romanas no contexto imperial e nas áreas periféricas da Europa central e do Norte. In: BENOIT, H.; FUNARI, P. P. A. (Org.) *Ética e Política no Mundo Antigo*. Campinas: UNICAMP, **Revista FAPESP**, 2001. p. 101-116.

_____. **Aplicação da arqueometria no estudo de coleções arqueológicas**. Revista CPC, São Paulo, n. 6, 2008, p. 219-230.

_____. Apresentação. **R. Museu Arq. Etn. Supl**, n. 18, Anais do I Simpósio do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial “Representações da romanização no mundo provincial romano”, 2014, p. 11.

FOURNET, T.; REDON, B. Catalogue of the Greek *Tholos* Baths of Egypt. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. REDON, B. (ed.) Cairo, IFAO, 2017, pp. 389-435.

_____; _____. VANPEENE, M. Catalogue of the Roman and Byzantine Baths of Egypt. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. REDON, B. (ed.) Cairo, IFAO, 2017, pp. 451-523.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia: por quê, para quê, em benefício de quem? III REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, Rio de Janeiro. **Caderno de Resumos**, 1988, p. 2.

_____. **Roma Vida Pública e Vida Privada**. 4ª ed. São Paulo: Atual, 1993.

_____. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. **Journal of European Archaeology**, v. 5, n. 2, 1997, p. 137-148.

Arqueologia. São Paulo: contexto, 2003.

_____. The Economic history of Roman Britain: olive oil contribution to the debate. **História e economia**, v. 1, 2005, p. 29-46.

_____. Latin epigraphy, an interdisciplinary approach to the ancient world. **Revista Clássica**, São Paulo, v. 17/18, 2006, p. 311-322.

_____. Brasileños y romanos: colonialismo, identidades y el rol de la cultura material. In: FUNARI, P. P. A.; PÉREZ-SANCHES, D.; DA SILVA, G. J. (Eds.). *Arqueología e História del mundo antiguo: contribuciones brasileñas y españolas*. Oxford: **BAR Internations Series** 1791, 2008a, p. 41-45.

_____. La contribution d'une approche postprocessual pour la compréhension de la consommation d'huile d'olive en Bretagne romaine. *Studio Historica*. **Historia Antigua**, v. 26, 2008b, p. 271-302.

GAZDA, E. K. (ed.) **Karanis – An Egyptian Town in Roman Times**. KMP, Universidade de Michigan, 2004.

GIDDENS, A. **The constitution of society**. Cambridge, Polity Press, 1984.

GINOUVÈS, R. **Balaneutikè**. Recherches sur le bain dans l'Antiquité grecque. Paris, E. de Boccard, 1962.

GRÄZER, A. Hygiène et sécurité dans l'habitat égyptien d'époque pharaonique. In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B. (eds.), Cairo, IFAO, 2009, pp. 33-64.

GUARINELLO, N. L. Análise espacial de um Edifício Rural Romano - a vila da localidade de Sette Termini no ager pompeianus. **Dédalo**, São Paulo, v. 24, 1985, p. 207-234.

_____. O Império Romano e Nós (Introdução). In: MENDES, N. M. & SILVA, G. V. (org.) **Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória, ES: Edufes, 2006, p. 13-19.

_____. Império e Imperialismo, realidades antigas e conceitos contemporâneos. In: Feldman, S. A. et al. (Org.). **Os impérios e suas matrizes políticas e culturais**. Vitória e Paris: Flor & Cultura; Université de Paris-Est, 2008.

GUIMIERS-SORBETS, A.-M. Technique et décor des sols dans les bains du monde grec classique et hellénistique. In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B.(eds.), Cairo, IFAO, 2009, pp. 101-112.

_____, REDON, B. The floors of the Ptolemaic Baths of Egypt: Between Technique and Aesthetics. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. REDON, B. (ed.) Cairo, IFAO, 2017, pp. 139-172.

HAVERFIELD, F. **Romanization of Roman Britain**. Oxford, Clarendon Press, 1923.

HINGLEY, R. **Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire**. Londres, Routledge, 2005.

_____. Globalization and the Roman Empire: the genealogy of 'Empire' SEMATA, **Ciências Sociais e Humanidades**, vol. 23, 2011, pp. 99-113.

_____. 'The "legacy" of Rome: the rise, decline, and fall of the theory of Romanization.' In: WEBSTER, J.; N. COOPER (eds.) **Roman Imperialism: post- colonial perspectives**. Leicester, School of Archaeological Studies, University of Leicester, 1996, pp. 35-48.

HODDER, I. **Reading the past. Current approaches to interpretation in Archaeology**. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

JONES, S. **The archaeology of ethnicity: constructing identities in the past and present**. London, Routledge, 1997.

KOŁATAJ, W. **ALEXANDRIE VI: Imperial baths at Kom el-Dikka**. Centre d'Archéologie Méditerranéenne de l' Académie Polonaise des Sciences, Varsóvia, 1992.

LECUYOT, G.; REDON, B. Tell el-Fara'in / Bouto - Les bains ptolémaïques. Disponível em <http://www.diffusion.ens.fr/databis/diffusion/bonus/2010_04_08_lecuyot_redon.pdf> Acesso em 20/01/2018

_____; _____. Les bains de Tell el-Fara'in/ Bouto (Égypte). Rapport préliminaire (2008-2009). In: **25 siècles de bain collectif en Orient**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B.(eds.) Cairo, IFAO/IFPO, 2014, pp. 281-290.

LLOYD, A. B. The Ptolemaic Period. In: **The Oxford History of Ancient Egypt**. I. SHAW (ed.) Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 388-413.

LUCORE, S. K. Bathing in Hieronian Sicily. In: **Greek baths and bathing culture: New Discoveries and Approaches** LUCORE; TRÜMPER (eds.), Leuven Peeters, 2013, pp. 151-180.

LUCORE, S.; TRÜMPER, M. (eds) **Greek baths and bathing culture: New Discoveries and Approaches**, Leuven Peeters, 2013.

MAJCHEREK, G. Alexandria: Kom el-Dikka excavations and preservation work. Preliminary report 2002/2004. **PAM**, vol. 16, 2005, pp. 17-30.

_____. Alexandria: Kom el-Dikka excavations and preservation work. Preliminary report 2006/2007. **PAM**, vol. 19 ,2007, pp. 31-48.

_____. Alexandria: Kom el-Dikka excavations and preservation work. Preliminary report 2007/2008. **PAM**, Vol. 20, 2008, pp. 35-42.

_____. Alexandria: Kom el-Dikka excavations and preservation work. Preliminary report 2008/2009. **PAM** Vol. 21, 2009, pp. 27-48.

MANDERSCHEID, H. Ancient Baths and Bathing: a bibliography for the years 1988-2001. **JRA**, suppl. Series, n° 55, 2004.

MARTIRE, A. da S. Ciberarqueologia: o diálogo entre realidade virtual e arqueologia no desenvolvimento de Vipasca Antiga. **Cadernos do Lepaarq**, Vol. XIV, N° 27, 2017, pp 30-52.

MATTINGLY, D.J. (ed.). Dialogues in Roman Imperialism: Power, discourse, and discrepant experiences in the Roman Empire. **JRA**, Suppl. Series. Portsmouth, Rhode Island, 1997.

_____. Being Roman: expressing identity in a provincial setting. **JRA**, vol. 17, 2004.

_____. **Imperialism, Power and Identity**. Experiencing the Roman Empire. Princeton, Princeton University Press, 2011.

McKENZIE, J. Glimpsing Alexandria from archaeological evidence. **JRA**, Vol. 16, 2003, p. 35-63.

MEYER, B. Les femmes et les bains publics dans l'Égypte grecque, romaine et byzantine. In: **Proceedings of the XIXth International Congress of Papyrology**, Cairo, 1992.

_____. L'eau et les bains publics dans l'Égypte ptolémaïque, romaine et byzantine. In: B. Menu, Les problèmes institutionnels de l'eau en Égypte ancienne et dans l'Antiquité méditerranéenne. In: **Actes du colloque international organisé par l'AIDEA**, Vogüe, BiEtud 110, 1994.

_____. "Gymnase" et "Thermes" dans l'Égypte romaine et byzantine. In: **Akten des 21. Internationalen Papyrologenkongresses, Berlin**. Stuttgart/Leipzig, 1997, pp. 691-695.

MILLETT, M. **The Romanization of Britain**: an essay in archaeological interpretation. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

NIELSEN, I. **Thermae et Balnea**. The Architecture and Cultural History of Roman Public Baths, Aarhus, 1993.

PEACOCK, D. Cap. 15: The Roman Period. In: **The Oxford History of Ancient Egypt**. I. Shaw (ed.) Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 414-436.

PORTO, V. C. **Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo, 2007.

_____. O Império Romano e as cidades da Judéia/Palestina: um estudo iconográfico das moedas. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, M. A. O. (Org.) Política e identidades no mundo antigo. São Paulo: Annablume; **Revista FAPESP**, 2009, p. 107-130.

_____. As moedas romanas da Península Ibérica e da Síria-Palestina: uma tentativa de diálogo. **Revista Mare Nostrum**, n. 3, 2012, p.13-32.

_____. A iconografia judaica e as moedas da Judeia. **Lumen et Virtus**: revista de cultura e imagem, v. IV, 2013, pp. 22-48.

REDON, B. L'armée et les bains en Égypte hellénistique et Romaine. In: **BIFAO**, vol.109, Cairo, 2009, pp. 407-450.

_____. Statut, revenus et fiscalité des édifices de bain en Égypte. 1.Époque ptolémaïque. In: **BIFAO**, Vol. 111, Cairo, 2011, pp. 301-321.

_____. L'insertion spatiale et économique des établissements balnéaires en Égypte aux époques hellénistique et romaine. In: **Quartiers artisanaux en Grèce ancienne. Une perspective méditerranéenne**. ESPOSITO, A.; SANIDAS, G. (eds.), 2012a.

_____. Établissements Balnéaires et présences grecque et romaine en Égypte. In: BALLET, P. (ed) **Grecs et Romains en Égypte – Territoires, espaces de la vie et de la mort, objets de prestige et du quotidien**, IFAO Bibliothèque d'étude, 2012b.

_____. Rencontres, violence et sociabilité aux bains. La clientèle des édifices balnéaires ptolémaïques. In: **TOPOI**, Vol. 20/1, 2015, pp. 59-84.

_____. (ed.) **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. Cairo, IFAO, 2017

_____. The Missing Baths of the First and Second Centuries in Egypt – a tentative explanation. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. Cairo, IFAO, 2017, pp. 267-278.

_____, BALLET, P.; LECUYOT, G.; MAROUARD, G.; PITHON, M. Et la Bouto tardive? In: **BIFAO**, Vol. 111, Cairo, 2011, pp. 75-100.

_____, FAUCHER, T. Le prix de l'entrée au bain en Égypte hellénistique et romaine d'après les données textuelles et numismatiques. In: **25 siècles de bain collectif en Orient**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B.(eds.) Cairo, IFAO/IFPO, 2014, pp. 835-855.

_____, TALLET, G. (eds) Rencontres, convivialité, mixité, confrontations. Les espaces sociaux de l'Égypte tardive. In: **TOPOI**, suppl., 2015, pp. 11-23.

_____, FOURNET, T. Bathing in the shadow of the pyramids. In: **Collective Baths in Egypt 2. New discoveries and perspectives**. Cairo, IFAO, 2017, pp. 99-137.

REVELL, L. **Roman Imperialism and Local Identities**. Nova York, Cambridge University Press, 2015.

RIGGS, C. (ed). **The Oxford Handbook of Roman Egypt**, Oxford, Oxford University Press, 2012.

SAID, E.W. **Orientalismo**. São Paulo, Editora Schwarcz, 2015.

SALES, G. M. S. ESTRUTURAS DE PODER – patronato, honra e prestígio nas representações discursivas das moedas de Aelia Capitolina e Cesareia no século III EC. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – USP, 2018.

SCOTT, S.; WEBSTER, J. **Roman Imperialism and Provincial Art**. Nova York, Cambridge University Press, 2003.

SETON-WILLIAMS, M. V. “The Tell El-Fara’ in Expedition, 1966”, **JEA**, 52, 1966, pp. 163-171.

_____. “The Tell El-Fara’ in Expedition, 1967”, **JEA**, 53, 1967, pp.146-155.

_____. “The Tell El-Fara’ in Expedition, 1968”, **JEA**, 55, 1969, pp. 5-22.

_____; JAMES, T.G.H. “The Tell El-Fara’ in Expedition, 1964-1965”, **JEA**, 51, 1965, pp. 9-15.

STOCKHAMMER, P. Questioning hybridity. In: **Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach**. Heidleberg, Springer, 2012.

TRÜMPER, M. Complex Public Bath Buildings of the Hellenistic Period. A Case Study in Regional Differences. In: **Le Bain Collectif en Égypte**. BOUSSAC, M.-F.; FOURNET, T.; REDON, B.(eds.), Cairo, IFAO, 2009, pp. 139-179.

VASQUES, M. S. **Crenças funerárias e identidade cultural no Egito romano: Máscaras de Múmia**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo – USP, 2005.

_____. **Egito Romano: Identidade, Poder e Status Social**. Disponível em: <<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27>>. Acesso em 15/02/2017.

_____. Espaços urbanos e relações de poder no Egito Romano. In: **Romanitas- Revista de estudos greco-latinos**, nº 3, 2014, pp. 47-64.

VENIT, M.S. Alexandria. In: **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. C. Riggs (ed.) Oxford, Oxford University Press, 2012, pp. 103-112

WEBSTER, J. Creolizing the Roman Provinces, **AJA**, nº 105, 2001, pp. 209-225.

_____.; COOPER, N., eds. **Roman Imperialism: Post-colonial perspectives**. Leicester Archaeological Monographs. Leicester, School of Archaeological Studies, University of Leicester, 1996.

WOOLF, G. "Becoming Roman, staying Greek: Culture, identity and the civilizing process in the Roman East". In: **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, 40, 1994, pp. 116–143.

_____. **Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul**. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

_____. Being Roman: expressing identity in a provincial setting. **JRA**, vol. 17, 2004.

YEGÜL, F. **Baths and Bathing in Classical Antiquity**, Cambridge/Mass., The MIT Press, 1992.

_____. **Bathing in the Roman World**. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.